

METHODIO R. A. MARANHÃO



# Os Patriotas

POEMA DRAMÁTICO



Fundação  
Joaquim Nabuco  
Editora Massangana



# Os Patriotas

POEMA DRAMÁTICO

CONSELHO EDITORIAL

PRESIDENTE

Luiz Otavio Cavalcanti

COORDENADORA GERAL DA EDITORA MASSANGANA

Joana cavalcanti

Ana Elyzabeth de Araujo Farache

Anco Márcio Tenório Vieira

Diogo Henrique Helal

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes

Patrícia Maria Uchoa Simões

METHODIO R. A. MARANHÃO



# Os Patriotas

POEMA DRAMÁTICO



Fundação  
Joaquim Nabuco  
Editora Massangana

ISBN 978-85-7019-665-1

© 2017 Do autor

Reservados todos os direitos desta edição.

Reprodução proibida, mesmo parcialmente, sem autorização da Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco.

Fundação Joaquim Nabuco | [www.fundaj.gov.br](http://www.fundaj.gov.br)

Av. 17 de Agosto, 2187 – Ed. Paulo Guerra – Casa Forte

Recife, PE – CEP 52061-540 | Telefone (81) 3073.6363

Editora Massangana | Telefone (81) 3073.6321

Telefax (81) 3073.6319

MINISTRO DA EDUCAÇÃO | GOVERNO FEDERAL DO BRASIL

José Mendonça Bezerra Filho

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO

Luiz Otavio Cavalcanti

COORDENADORA GERAL DA EDITORA MASSANGANA

Joana Cavalcanti

CHEFE DE SERVIÇOS EDITORIAIS

Rosângela Mesquita

PROJETO GRÁFICO DA CAPA

Rosângela Mesquita

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Antonio Laurentino

DIGITAÇÃO DO FAC SIMILE

Victória Trindade

REVISÃO

Izabela J. S. Silva e Layanne Lopes

Foi feito depósito legal. Impresso no Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Fundação Joaquim Nabuco)

---

M311p Maranhão, Methodio R. A.

*Os Patriotas: Poema Dramático* / Methodio R. A.

Maranhão – Recife: Fundação Joaquim Nabuco,  
Editora Massangana, 2017.

262 p.

ISBN 978-85-7019-665-1

1. Teatro – Brasil. 2. Revolução de 1817 – História.

I. Título.

CDU 82-24:981.037

# PREFÁCIO

A Fundação Joaquim Nabuco é uma jovem senhora de 68 anos. O Arquivo Público Estadual de Pernambuco é um maduro senhor de 72 anos. Ambos mantêm a vigília sensata dos que guardam a história. Ambos mantêm acesa a chama do olhar atento sobre o azul e branco de Pernambuco.

Por isso, estão juntos, nesta reedição, Fundação e Arquivo. Testemunhando Pernambuco. Celebrando o bicentenário da mais pernambucana das revoluções: 1817.

E o fazem de modo apropriado. Primeiro, porque reunidos em torno de Os Patriotas, de Methodio Maranhão. Um clássico da literatura sobre 17. Segundo, porque, ao se juntar, dão exemplo do quanto frutifica a parceria. Pernambuco precisa, cada vez mais, falar com Pernambuco.

Mas, quero lançar, aqui, um tema. Sobre a vocação social de Pernambuco. Sobre o caráter político que modela o agir pernambucano. E sobre a existência de uma

variante desse comportamento. Um outro modo pernambucano de ser. De se posicionar. De pensar e fazer. É o seguinte.

Tem-se repetido que um dos traços, que forma a cultura dos pernambucanos, é o espírito revolucionário. A insubmissão pernambucana. Uma postura ativa. Diz-se que Pernambuco só se curva para agradecer. Desde Guararapes, 1654. Depois, na trilogia compromissada e escrita com sangue: 17, 24 e 48. Os fatos históricos o reconhecem.

Pois bem. Entendo que há uma segunda atitude psicossocial que distingue os pernambucanos. Um segundo tipo de comportamento político. Que não desfaz o espírito de lutar consagrado na história. Mas que pluraliza os fazeres de Pernambuco.

O que eu quero acentuar é que os pernambucanos não são exclusivamente revolucionários. Não subscrevem psicologicamente uma forma única de se colocar diante dos fatos. O que eu quero destacar é que Pernambuco, além de revolucionário, é reformador.

Pernambuco é um centro político do pensamento reformador. É um polo social do construir reformando. Dou três exem-



plos. O primeiro foi Joaquim Nabuco. O segundo foi Agamenon Magalhães. O terceiro foi Josué de Castro.

Joaquim Nabuco foi um conservador que se tornou liberal. Para defender o abolicionismo. Foi um monarquista que se dedicou à República. Para servir ao país. Em Washington. Como embaixador. Tornando-se, assim, completo reformador das instituições.

Agamenon Magalhães foi fiel servidor do Estado brasileiro. Duas vezes ministro da ditadura de Getúlio Vargas. Nos anos 30. E eleito governador pelo voto popular em 1950. Como ministro do Trabalho, reformou a legislação trabalhista. Aprovou a CLT e a carteira profissional. Garantindo aos operários brasileiros o mínimo de segurança nas relações trabalhistas. E como ministro da Justiça reformou a legislação eleitoral. Assegurando aos eleitores as condições básicas de exercer a cidadania eleitoral.

Josué de Castro foi um profissional da medicina que se tornou médico social. Não tratou apenas do paciente singular. Cuidou também do povo no coletivo. Pensou a cura dos males nacionais. Lidou com

a fome. E alimentou ideias. Meteu-se no laboratório e depois entrou no mangue. Saiu íntegro reformador.

Eis o quero expressar nesta celebração pernambucana. Celebrar uma revolução com sentimento reformador. Pois revolução tem a ver com evolução. É mais do que tirar um erre. É construir com engenho. E arte.

Flor de Santana, 17 de junho de 2017.

*Luiz Otavio Cavalcanti*

# APRESENTAÇÃO

Evaldo Costa

Livros não morrem, disse Amos Oz. É verdade que muitos são desconsiderados na contemporaneidade, jogados ao limbo, e mantidos sob o pó da indiferença por gerações. Mas, mesmo nestes casos, sempre há a possibilidade de uma nova vida, mesmo que fugaz, no momento em que um leitor atento encontra beleza e verdade numa frase, num verso, num certo modo de encadear palavras.

Este *Os Patriotas*, que o Arquivo Público e a Editora Massagama da Fundação Joaquim Nabuco expõem à luz do século XXI, foi escrito em 1883, publicado timidamente e restringido em sua circulação pelo juízo dos seus primeiros leitores. Ao longo de quase 135 anos permaneceu esquecido e o próprio autor pouco ou quase nada falou a respeito dele.

Nascido numa tradicional família pernambucana, ligada desde sempre à agricultura canavieira, Methodio Romano

Albuquerque Maranhão (1864 - 1951) teve a formação padrão dos homens de sua classe social e do seu tempo histórico. Ingressou na Faculdade do Recife em 1881, quando ainda ecoavam pelos corredores os versos recitados em voz alta por Castro Alves (morto em 1871) e eram professores praticamente todos os expoentes da chamada Escola do Recife, de Tobias Barreto a Sílvio Romero. Foi um bom aluno, mas não um luminar. Estudar Direito não era somente o caminho para quem queria ser advogado ou magistrado. Era ali que recebiam formação superior as elites políticas, econômicas e sociais nordestinas e brasileiras<sup>1</sup>. Ou seja, quem tinha ambições literárias, fazia Direito. Quem achava que seu caminho era a vida pública, fazia Direito.

Methodio queria as duas coisas. Sempre que pode, alistou-se em grupos de discussão literária e em pelo menos um deles – o

---

<sup>1</sup> Estudaram lá o Barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Eusébio de Queirós, Castro Alves, Raul Pompeia, Nilo Peçanha, Ruy Barbosa, Clóvis Bevilacqua, Tobias Barreto, Sílvio Romero, Teixeira de Freitas, Rosa e Silva, Graça Aranha, Augusto dos Anjos, João Pessoa, Epitácio Pessoa, Ariano Suassuna, Assis Chateaubriand, José Lins do Rego, entre muitos outros.

Pugilatto das Letrras – foi membro destacado e dirigente. Além disso, foi ativo na divulgação do esperanto, comandando a Liga Esperantista de Pernambuco. Nos primeiros anos da década 1880, estertores da monarquia brasileira, a propaganda republicana ganhava capilaridade em paralelo à luta abolicionista. Primeiro, surgiu o Club Republicano na Capital Federal, depois nas cidades mais importantes do país. Em certo momento começaram a ser criados clubes e grêmios republicanos em bairros e escolas secundárias. Methodio foi membro do Club Republicano Academico de Pernambuco, alistando-se na ala conservadora.

Um dos pilares da propaganda republicana era o resgate de movimentos e figuras históricas da luta pela independência e, claro, pela proclamação da República. Datado de 15 de maio de 1882, o primeiro número do jornal *A República*, fundado no Recife por Martins Júnior, Clóvis Bevilaqua e outros, trazia estampado na primeira página “uma homenagem à memória de José Joaquim (sic) da Silva Xavier, mandado decapitar a 21 de abril de 1792 pela senhora dona Maria, segunda avo do actual imperador do Brasil”.

Em movimento paralelo, os republicanos resgatavam a figura de Frei Caneca e a revolução de 1817, que passava ser considerada por muitos mais importante que a Inconfidência mineira por ter efetivamente vencido uma etapa da luta e imposto um governo republicano no Brasil.

Ao tomar a decisão de escrever *Os Patriotas*, portanto, Methodiotentava conciliar o literato e o ativista político. Mais: com a pesquisa que empreendeu, acabou descobrindo o gosto pelos estudos históricos. Logo se tornou membro do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IA-HGP), instituição da qual foi presidente em duas ocasiões e teve um dos seus filhos – Gil de Methodio Maranhão – também dirigente máximo da instituição.

Obstinou-se a ser professor da Faculdade de Direito. Fez vários concursos e acabou aprovado lente e chegou a professor Catedrático de Direito Civil<sup>2</sup>. Isso sem prejuízo da atividade empresarial, pois seu ramo familiar fez com sucesso a transição da era dos banguês para a da Usina

---

<sup>2</sup> Formado em Direito em 1881, foi nomeado inspetor de ensino em 1902, promotor público em 1905 e eleito prefeito eleito de Goiana em 1907.

Central, implantando e controlando por décadas a Usina Matari.

O empresário e escritor Gileno de Carli, em livro de memórias, o descreve da seguinte maneira

“Um dia me deparei com o professor Methodio Maranhão e seu filho Gil, que havia sido meu contemporâneo no Colégio Nóbrega. (...) De onde teria vindo aquele homem que chamava tanto a atenção dos recifenses, quando montado na sua bicicleta, saía de sua casa na rua da Concórdia, ou do escritório comercial da Usina Matari, à rua São Jorge, para a Praça Treze de Maio, onde se elevava o majestoso prédio que abrigava a Faculdade de Direito do Recife?”

Não se julgue esta amplitude de atividades e interesses como algo incomum numa época de pouca ou nenhuma profissionalização da atividade intelectual. O diletantismo era a regra. A especialização, um luxo.

Methodio Maranhão era um típico intelectual da província na virada do século XIX para as primeiras décadas do século XX, dividindo seu tempo em atividades certamente inconciliáveis – usineiro em tempo integral, professor, historiador e poeta nas horas vagas.

Obra da juventude, quase negada, *Os Patriotas* tem o inegável mérito de ser um desses livros-testemunho, documento precioso pelo que traz em suas páginas e pelo próprio fato de ter sido escrito e chegado até nós.

Manuseá-lo nos põe em contato com uma experiência parecida com a vivida pelo personagem principal de “Meia Noite em Paris”, filme dirigido por Woody Allen. Recorde que, na película, o escritor em formação, com a vida resolvida como roteirista em Hollywood, decide se mudar para Paris, para respirar os ares que inspiraram a geração dos anos 1920, de Elliot a Hemingway, de Picasso a Cícero Dias.

No Recife de 1880, Methodio Maranhão voltou no tempo e foi habitar o Recife de 1817. Lá palestrou com os destemidos padres insurretos, debateu artigos da Constituição, se viu envolvido no fragor da batalha e escreveu seu longo poema bissexto, misto de obra literária e de manifesto político, brado em favor dos pernambucanos que sonharam e viveram a revolução.

Escrevê-lo foi uma forma de enaltecer o heroísmo daqueles pernambucanos ilustres. Lê-lo, em 2017, nos ajuda entender dois momentos importantes de nossa História.



# CONVERSAÇÃO COM O LEITOR

— 0 —

Sympathisei muito com a revolução de 1817, e lembrei-me de tomal-a para assumpto de uma obra litteraria. Vendo que era cousa superior ás minhas forças, tratei de me esquecer d'isso. Mas não pude, sempre aquella lembrança a me atormentar o espirito, só pensava naquillo; era como D. Quichote com a cavallaria errante. Quando a gente tem uma Idea fixa, só socega quando a effectúa. Foi o que succedeu commigo. Em Fevereiro do anno passado estava feito o meu trabalho, que era... um drama, ou cousa que o valha, em versos alexandrinos.

Desde então para cá não tive mais descanço, só vivo emendando a tal obra, é um não acabar, um martyrio para mim. Quero me ver livre d'isto. Só há dous meios: ou submeter o drama a um *auto da fé*, ou publical-o. O primeiro me custa, fallo franco, porque na verdade dóe muito ver se acabar assim o que nos deu trabalho; portanto publico-o. Se a obra não fôr mais

do que uma alluvião de asneiras, ora! que levo o diabo! sentirei muito da minha parte, mas não tenho que fazer.

Dizem os mestres que para o drama só são proprios os decasyllabos soltos. Abomino os versos soltos, por isso preferi os alexandrinos – “*os insipidos e sesquipedaes versos alexandrinos, como diz o Sr. J. Norberto, tão bem fulminados pelo Sr. Alexandre Herculano e tão mal apadrinhados pelo Visconde de Castilho*” –; mas que eu invertendo a phrase, direi: – “*tão mal fulminados pelo Sr. Alexandre Herculano, e tão bem apadrinhados pelo Visconde de Castilho*” –. Não se zangue com isto o Sr. Norberto. São *opiniões*, como dizia o sujeito da anecdota.

“Que escola segue?” hão de perguntar. Nem sei que responder. No mundo de hoje não se vê um Hernani suicidar-se porque prometeu, nem uma Marion purificada pelo amor de algum Didier. Hoje a gente namora para divertir-se, como o Dr. Rocha. Também não acho cousa natural – “*os beliscões que o diabo leva por detraz, nem vou me occupar com o que se passa nos alcouces. Os Cids e Catões já se tornaram cousa velha. Não sei escrever um compen-*

dio de philosophia positiva em versos. A arte, no meu humilissimo entender, não se deve apoderar dos excessos dessas chamadas escolas. Quero o meio termo, o natural. Isto não é lembrança minha, não é coisa nova. Michelet já disse que – “o trabalho e o simples viver do povo encerram uma santa poesia.” E muitos outros escriptores pensam assim.

Repellir a ponta-pés a escola classica, esbofetear a romântica, para cahir com o nariz no realismo, é falta de gosto; só se a gente não tivesse olfacto. Poesia scientifica não sei o que é.

*Ao puro amor ideal preferi o amor real,* o amor que existe naturalmente entre os membros da familia. Virginia e Theotonio se amam. Em vez de uma Naná predisposta para o vicio, apresento Dalila, uma tolinha que acredita nos galanteios do Dr. Rocha, e depois cae. Mas então não vou fazel-a manchar-se nas scenas de um prostibulo, faço-a, pelo contrario, elevar-se na quéda, conhecer o seu estado, e sceptica do mundo, ir amparar na loucura áquella que já a amparara na desgraça.

Os personagens aqui não são também semideuses no character e no valor. Evitei o

excesso. O Brigadeiro apesar de insolente não é máo homem, é leal á pátria; Barros e Pedroso são cruéis, de genio violento; Marianno é indeciso; Theotonio foge na hora do perigo; Dr. Rocha, se faz aquillo tudo, é por ser covarde e leviano; Luiz do Rego, no 5° acto, ia querendo ceder a Virginia, e assim por diante.

Outro ponto. O Sr. Visconde de Porto Seguro na sua *imparcialissima* Historia do Brasil pintou a manta nas revoluções que se deram na nossa pátria. Fallando da de 1817, diz elle que Luiz do Rego era um *honrado e valente militar*; Barros Lima um *cachaceiro*, conforme o testemunho verbal (!!!) de um seu amigo; Martins um ladrão, etc. Ora! nas outras Historias do Brasil que nós lemos não vimos nada d'isto, parece pois que o Sr. Visconde tirou aquillo tudo da sua consciencia, que se assemelha a um folle de borracha. Quem quizer leia a tal Historia do Brasil e verá. Ora! quando o Sr. Visconde não hesita em dizer que D. João 6° era *tão bom* que amnistiou os revoltosos; *mostrando assim como os reis são a imagem de Deus na terra!!!...*

Na verdade, mandar a amnistia aos que já soffreram na masmorra muito mais

do que a consciencia do Sr. Visconde, pois que sómente ahi morreram 26, sendo muitos d'elles innocentes... mandar a amnistia depois que deixou arcabusar 4 infelizes na Bahia, e enforcar e esquarterar 9 em Pernambuco... de certo que é a prova mais cabal de um coração virtuoso, é o *supra-summum* da bondade.

Bem que diz o velho Hugo:

*Le courtisan est fait du ventre du serpent.*

E' o caso. Para o Sr. Visconde quem é paulista, ou quem faz *limpeza* no palácio do rei, é bom, os mais não prestam.

Agora digo eu: Se não fosse um anachronismo, eu poria no meu drama um novo personagem. Era o Sr. Visconde vestido de *carcamano*, tocando realejo para divertir a Luiz do Rego, em falta do rei.

Mussumbú, 16 de Fevereiro de 1883, 6 horas da tarde.

*Methodio.*



## PERSONAGENS

1° BRIGADEIRO BARBOSA DE CASTRO,  
commandante do regimeno de artilharia.

2° JOSÉ DE BARROS LIMA,  
capitão do mesmo regimento.

3° DOMINGOS THEOTONIO JORGE,  
idem.

4° PEDRO DA SILVA PEDROSO,  
idem.

5° JOSÉ MARIANO CAVALCANTI,  
tenente secretario do mesmo regimento.

6° PADRE MIGUEL JOAQUIM  
DE CASTRO (MIGUELINHO).

7° ANTONIO HENRIQUES RABELLO,  
tenente de artilharia.

8° PADRE PEDRO DE SOUZA TENORIO.

9° DOMINGOS MARTINS.

10° JOAQUIM DE MELLO COGOMINHO,  
marechal.

11° MARECHAL LUIZ DO REGO  
BARRETO, governador.

12° ANTONIO CORREIA CALHEIROS.

13° DR. ANTUNES FERREIRA  
DA ROCHA JUNIOR.

14<sup>a</sup> VIRGINIA, mulher de Theotonio.

15° DALILA, rapariga de 18 annos.

Officiaes, soldados, povo; dous homens do povo,  
que fallam.

A acção passa-se em Pernambuco, de 6 de Março  
a 10 de Julho de 1817.

## SUMÁRIO

**ACTO I** A SEDIÇÃO | 25

**ACTO II** A ENTREVISTA | 66

**ACTO III** A DESPEDIDA | 115

**ACTO IV** A TRAIÇÃO | 158

**ACTO V** O FIM DO MARTYRIO | 206

NOTAS | 247

ULTIMA VERBA | 265



# ACTO I

## A SEDIÇÃO

— 0 —

O theatro representa uma sala do quartel do regimento de artilharia. Uma porta ao fundo, que dá para a rua, e portas lateraes que communicam com o interior do quartel. Na sala, do lado direito, uma meza com os preparos para escrever e uma campainha. Algumas cadeiras sem ordem junto á meza. E' dia; 6 de Março de 1817.

Ao subir o pano estão em scena o Dr. Rocha sentado, e um soldado em pé.

— 0 —

## SCENA I

DR. ROCHA e um SOLDADO

DR. ROCHA (ao soldado)

Vae ter com o Brigadeiro e dize-lhe por mim que preciso fallar-lhe agora mesmo.

(Sae o soldado; Dr. Rocha levanta-se, começa a passear)

Sim; bem faço eu em sahir desse enredo.  
Depois poderia me ver em presença  
do algoz co'a cabeça em perigo.

(Pausa. Sempre passeando)

Acommetter-se um rei é cousa perigosa.  
Eu nem sei como entrei  
nessa conspiração! Ora, o Governador  
teve denuncia já de tudo, e é de suppor  
que tivesse tambem concertado  
os seus planos para mandar á força  
esses republicanos.

(Pausa)

O homem deve fazer tudo pelo interesse.  
Entreí na sedição crendo que ella viesse  
a triumphar; porém como vejo que o fim  
d'isso é irem á força os revoltosos, vim  
co'o tal José da Cruz denunciar a cousa  
toda ao Governador.

Assim pois ninguem ousa affirmar que eu  
entreí nessa conspiração.

Por esse lado estou bem socegado.

Então p'ra não soffrer tambem o menor  
prejuizo, se o negocio mudar, vou depois

dar aviso aos patriotas dessa accusação  
que alguém fez contra elles;  
e assim estarei sempre bem.

(Pausa)

Nessas causas é bom andarmos  
prevenidos. Emquanto fôr assim serei  
dos dous partidos e depois penderei  
para o que triumphar.  
Eu penso que no jogo a gente deve entrar  
para ganhar e não para perder.

(Entra o Brigadeiro Castro, pela direita)

## SCENA II

DR. ROCHA e o BRIGADEIRO

BRIGADEIRO (depois de cumprimentar  
o Dr. Rocha apenas com um leve signal  
de cabeça)

Doutor, não queria fallar commigo?

DR. ROCHA (meio confuso)

Sim, senhor.

BRIGADEIRO

Neste caso eis-me aqui prompto.  
Pode Fallar.

DR. ROCHA

Se isto pudesse ser mais em particular...  
Nossa conversação não deve ser ouvida  
senão pelo senhor.

BRIGADEIRO

Ora! por minha vida!  
pode fallar sem medo.  
Aqui não ha ninguem que se abalance  
a vir escutar-nos.

DR. ROCHA

Pois bem.

(Fallando á parte)

Que diabo! já estou sentindo um calafrio!

BRIGADEIRO (mostrando impaciencia)

Quando quizer, doutor.

DR. ROCHA

Vou dizer. Desconfio, posso mesmo  
provar, que aqui nos ameaça  
um grande mal.

BRIGADEIRO

Qual é?

DR. ROCHA

Uma grande desgraça.

BRIGADEIRO (impaciente)

Uma grande desgraça, um grande mal;  
não sei que quer isto dizer.

DR. ROCHA

Eu já me explicarei.

BRIGADEIRO

Mas é que eu tenho pressa.  
Acabemos com isto.

DR. ROCHA

Pois bem, vou resumir.

Ha tempos tem-se visto nos brasileiros  
contra os portuguezes uma rixa sem  
fundamentoto, sem razão; em summa  
um rancor infernal que deu em resultado  
já uma morte.

BRIGADEIRO

D'isso estou eu informado.

DR. ROCHA

Pois bem; esse rancor inexplicavel  
é causa de tudo.

BRIGADEIRO

Tudo o que?

Nem sei até de que falla o senhor!

DR. ROCHA

De uma conspiração que os brasileiros já de muito tempo estão tramando.

BRIGADEIRO

Essa que um tal José da Cruz Ferreira veio denunciar?

DR. ROCHA

Sim, senhor.

BRIGADEIRO

De maneira que o senhor veio só para me dizer isso?

DR. ROCHA

Não, senhor. E' que o Cruz Ferreira foi omisso em muitos pontos, que eu vim declarar aqui.

BRIGADEIRO

Quaes são elles?

DR. ROCHA (hesitando)

Estou bem certo, porque ouvi dos revoltosos mesmo. Elles querem matar...

BRIGADEIRO (impaciente)

Mas a quem?

DR. ROCHA

Ao senhor, em primeiro lugar.

BRIGADEIRO

Querem me assassinar!!

DR. ROCHA

Sim, em uma emboscada, onde ha-de se esconder porção de gente armada esperando ao senhor.

São uns vis traiçoeiros.

BRIGADEIRO

De emboscada?! Porém quem são?

DR. ROCHA

Os brasileiros.

BRIGADEIRO

Os brasileiros!!

Mas o senhor é também brasileiro.

DR. ROCHA

Ah! eu sou brasileiro,  
porém não entrei na revolta.

Até, vendo imminente um perigo ao paiz,

fui eu que em continente  
mandei denunciar tudo ao Governador.  
Não acha que fiz bem?

BRIGADEIRO

De certo, se o senhor fez isto  
em bem de el-Rei, só por dedicação,  
sem interesse algum, fez uma bôa acção,  
cumpriu com seu dever.  
Mas quem são as pessôas que me querem  
matar? inda não nomeou-as.

DR. ROCHA

Os revoltosos.

BRIGADEIRO

Bem; só neste meu quartel  
é que eu posso mandar.  
Se a denuncia é fiel, como diz,  
vou fallar hoje ao Governador  
para descobrir logo a traição.

DR. ROCHA

Mas, senhor, exactamente aqui  
no quartel é que estão os revoltosos.

BRIGADEIRO

Como?! o que é que diz?!  
Então elles moram aqui?!



DR. ROCHA

Aqui mesmo, no seio deste quartel.

BRIGADEIRO

Aqui?! Meus soldados?! Não creio.  
Faltarem-me ao respeito e terem a  
ousadia de conspirar aqui!!! Não creio!  
Juraria como é falso! Mentiu, mentiu  
como um sendeiro quem disse isto!!

DR. ROCHA

A denuncia...

BRIGADEIRO

E' falsa.

DR. ROCHA

Brigadeiro, posso jurar!

BRIGADEIRO

Não jure. E' mentira, asseguro.

DR. ROCHA (com energia)

Por tudo o que no mundo ha de sagrado  
eu juro, eu juro, Brigadeiro,  
aqui solemnemente  
que vi, que eu mesmo vi.

BRIGADEIRO

Olé! não se apouquente,  
doutor. Mas o senhor não mostrava  
amisade a esses rapazes?

DR. ROCHA

Sim, mostrava na verdade,  
porque julgava-os bons;  
e foi só o motivo pelo qual descobri  
esse vil e nocivo projecto de revolta.  
Então fingi que entrava nella tambem,  
e assim como ninguem julgava  
que fosse eu a favor do Rei,  
em continente sube de tudo.

BRIGADEIRO

Oh! isso é trahir torpemente os amigos!

DR. ROCHA

Não é trahir. Será traição impedir que se  
cumpra uma revolução tão perigosa?!

BRIGADEIRO

Bem, caro doutor, eu sei que o senhor fez  
um bom serviço á pátria e ao Rei.  
Todavia, doutor, é cruel, horroroso  
que o senhor se fizesse amigo affectuoso  
desses homens aqui para depois trahil-os.

Se os descobre é porque ama ao Rei,  
descobril-os deveria o senhor na mesma  
ocasião em que forão contar-lhe os seus  
planos, mas não ir fingir que aceitava  
esses planos, sómente para os trahir.  
Devia então ardentemente diante d'elles  
mesmo e com toda a energia dizer-lhes  
quanto vil e horrorosa seria  
essa conspiração, e então lhes declarar  
que os vinha descobrir.

DR. ROCHA

Podiam me matar...

BRIGADEIRO

Não fallemos mais nisto;  
eu disse o que senti.

DR. ROCHA

Está bem, Brigadeiro;  
o que me trouxe aqui foi só isso.  
Por ver Vossa Excellencia em face  
de uma traição cruel, julguei que  
praticasse uma acção meritória,  
avisando o perigo que ameaça-o.

BRIGADEIRO

Pois bem, doutor, conte commigo  
para o que precisar.

Sou-lhe muito obrigado.

DR. ROCHA (á parte)

Emfim se convenceu sempre!

BRIGADEIRO

(depois de tocar a campainha)

Foi convocado para hoje um conselho afim de decidir a esse respeito.

E como eu tenho de assistir tambem a elle, vou averiguar se é certo isto que o senhor diz.

Quando fôr descoberto o que houver de real nessa conspiração, quando eu souber quaes são os que entrão nella, então então, caro doutor, hei de ser deshumano, sim, hei de ser cruel; co'o furor de um tyranno esmagarei aos pés os planos dessa gente.

Ha de ver.

DR. ROCHA (á parte)

Dessa estou escapo felizmente.

BRIGADEIRO (ao soldado que apparece ao toque da campainha)

Dize lá que não saia hoje quem quer que fôr, emquanto eu não houver chegado.

SOLDADO

Sim, senhor.

### SCENA III

DR. ROCHA

(só, passeando pelo scenario)

Não posso comprehender aquelle homem!  
Eu sei que elle é adorador fanático  
do Rei, capaz de expor a vida em prol  
de Portugal; no entanto denunció uma  
traição fatal dos seus officiaes contra  
o Rei, a quem ama, contra o seu Portugal  
emfim, e nem se inflamma como esperei.  
Parece até que nem fez caso, ou duvidou  
de mim! Eu, como não me atrazo depois  
de começar, para captar-lhe a fé  
e confiança em mim, fui embutir-lhe até  
uma pêta: affirmei que o queriam matar.  
Ficou um pouco irado então, mas em  
logar de vir me agradecer, censurou-me.  
Eu que vim aqui julgando até ser bem  
acceito... Emfim já estou livre.

(Uma pausa)

Mas porque me reprimia elle, quando eu  
lhe dava a denuncia? Teria desconfiado  
que eu preguei-lhe uma mentira?!

Não; porque um portuguez se julgar que conspira contra a sua nação outra nação, nem quer ter a certeza, basta um receio qualquer, só basta uma denuncia; a outra nação em pezo pagará caro.

(Pausa de novo)

Mas seria por desprezo?  
por indifferentismo? Inda creio que não.

(Cala-se a boca e continúa a passear agitado pelo meio do scenario; depois diz:)

E' que elle julga vil, cruel, sem coração quem chega a atraiçoar assim seus companheiros.

(Pausa)

Mas o mundo é isto. Há bons e maus. Os primeiros os que fazem o bem, depois de haverem feito quando podem p'ra ver se dão um melhor jeito ás cousas, vão cahir exhaustos n'uma cova. Os outros, os que o mundo exigente reprova, esses hão de cahir tambem na sepultura.

A sepultura e a cova! E' o mesmo, é a boca impura que um dia há de engulir todos, os maus e os bons.

Ella não vae então indagar as acções  
dos que morrem, só faz reduzi-los a pó.  
E' a suprema igualdade. As larvas não  
têm dó, nem escolhem ninguém.

Papas, ministros, reis, mendigos, maus  
ou bons, tudo serve.

Uma vez que igual será o fim de todos,  
cada qual que cuide só de si.

(Dr. Rocha sae pela porta do fundo; um  
instante depois entram pela porta E,  
conversando, os personagens seguintes:)

## SCENA IV

BARROS, THEOTONIO,  
MARIANNO, PEDROSO e  
HENRIQUES MARIANNO

E essa agora, que tal?!

BARROS

Tem muito atrevimento aquelle  
Brigadeiro!...  
Ordenar que ninguém saia sem  
que primeiro elle tenha chegado!!

MARIANNO

Isto é de mau agouro!

BARROS

Quanto a mim isto é só um grande  
desaforo.

Ah! nós devemos já sem mais hesitação  
começar a tratar dessa revolta.

THEOTONIO

Não; pois de que meios já podemos  
nós dispor?

BARROS

De muitos: temos hoje um bom  
Governador, Caetano Pinto, o qual ao  
contrario dos mais tem confiança em nós,  
— os seus officiaes —, é benevolo e julga  
impossível que haja um brasileiro só que  
atrevido reaja contra o poder do Rei,  
e vive socegado crendo que tudo vae  
em muito bom estado.

E' um bom governador afinal,  
o que é raro.

PEDROSO

Exactamente; e assim um momento tão  
caro não devemos perder.

MARIANNO

Para que tanta pressa?



BARROS

Para que?

Se se perde uma quadra como essa, meu amigo, isso então nunca mais terá fim.

MARIANNO

Esperemos...

BARROS

Pois bem; mas acho para mim que era muito melhor começar logo.

THEOTONIO

Não; devemos trabalhar sem precipitação; o momento opportuno há de chegar em breve.

Por enquanto ninguém deve dar o mais leve signal do que se passa; a minima suspeita pode nos derrotar os planos de um feita.

Devemos preparar os soldados primeiro; arraigar inda mais esse odio verdadeiro que se tem declarado entre os pernambucanos e os portuguezes; ver quaes os melhores planos que devemos seguir; discenir com cuidado o patriota bom do falso e acorvadado; e logo que estiver tudo assim bem

disposto, tomar cada um de nós seu verdadeiro posto e dar começo á obra.

PEDROSO

Ora! estamos cansados de ver o povo aqui soffrendo os desastrados despotismos do Rei e queres que esperemos.

BARROS

Não temos que esperar cousa alguma, só temos que dar principio...

MARIANNO

Estás com tal pressa?  
Depois não vás te arreponder quando vires o algoz te esperando na força ante o povo.

BARROS

Talvez me arrependa, porém quando houver de uma vez esmagado aos meus pés porção desses tyrannos.

Pois não soffremos já tantos males e damnos com seus actos crueis?!

THEOTONIO

Mas fazes muito mal, se punires qualquer insolência banal com tal rigor.

Terás só a aversão do povo que em teus

actos verá um despotismo novo.

E é ao povo que nós devemos agradecer p'ra podermos ter nelle um bom auxiliar, e alcançarmos assim plantar a liberdade e a independência aqui no Brasil.

BARROS

E' verdade, eu conheço que é mau isto, mas eu não posso conter-me quando vejo em detrimento nosso um portuguez qualquer aqui menosprezar nosso caro Brasil. Não posso supportar sem encher-me de raiva e de indignação que este povo a quem amo inda soffra oppressão de gente estranha.

Sim, fico desesperado quando vejo o Brasil soffrendo agoniado o dominio cruel dos crueis portuguezes.

Eis, meu caro Theotonio, a razão porque ás vezes eu penso em commetter tanta barbaridade.

HENRIQUES (que conservara-se Callado e pensativo sentado enquanto os outros em pé fallavam)

Já começo a descrer da nossa liberdade. O Brigadeiro já ordenou que ninguem sahisse hoje, não sei porque; mas isso tem um motivo qualquer em que inda

não pensamos, mas devemos pensar.  
Talvez, quem sabe? estamos descobertos.

MARIANNO

Sim, tens razão; e o Brigadeiro então  
não tardará em vir com seu berreiro  
de improperios brutaes antes  
de nos prender.

BARROS

Pois bem, deixem-no vir que então elle  
ha de ver como eu respondo a quem  
ouse insultar-nos.

PEDROSO

É preciso ensinar a essa canalha ruim  
que não estamos mais prontos  
a supportar injurias de ninguem.

HENRIQUES

Havemos de aguentar o Brigadeiro  
aqui a nos dar gritos, como um senhor  
ao escravo!

BARROS

Ora! deixem, que eu tomo isto  
a meu cargo.

HENRIQUES

E' tão insolente! elle crê que nos pode insultar vilmente, só porque é nosso commandante.

BARROS

E avalia talvez que nos faz medo a nós. Mas se ainda uma vez elle vier aqui arrogante e atrevido insultar-nos, talvez que fique arrependido.

HENRIQUES

Não sei que idéia faz elle de nós.

PEDROSO

Emfim devemos acabar com isto.

BARROS

Quanto a mim disse e repetirei: se acaso o Brigadeiro chegar a me insultar, eu serei o primeiro a mostrar-lhe que nós aqui não somos cães de ninguém.

MARIANNO

Quando eu ouço essas bravatas vãs e insultos que elle vem lançar-nos todo o dia em rosto, fico a arder de raiva; todavia não ousou fazer nada e humilde

me contenho, pois é meu commandante,  
e até...

BARROS

Não ha empenho que me faça  
soffrer insultos de ninguem.

Aquelle Brigadeiro!... Elle conhece bem  
com quem vive! e eu com elle ha tempos  
que resido aqui, e elle não foi inda tão  
atrevido que viesse insultar-me  
a mim directamente.

THEOTONIO

Isto de insultos, sim, não soffro  
certamente de ninguem. e se acaso elle  
me dirigir algum, eu não porei duvida  
em repellir diante d'elle até  
com a precisa energia.

Mas de offendel-o, não, meu caro,  
eu não seria capaz; pois que apesar de  
orgulhoso e arrogante elle é um homem  
bom, sempre leal, constante em seus  
principios, tem um character distincto  
e é meu superior.

BARROS

Mesmo Caetano Pinto, mesmo o Rei  
por melhor que seja, se algum dia  
viesse me insultar, eu não o soffreria;

quanto mais um ousado e ruim  
portuguez que nos tem feito aqui já por  
mais de uma vez mil injurias.

THEOTONIO

Pois bem, eu sei que elle obra mal  
em ter tanto rigor, mas tambem é real  
que se não fosse o seu gênio altivo e  
insolente, seria um homem bom para nós.

BARROS

Certamente, se elle não fosse mau, era  
bom. Muito bem, isso é que é defender.

MARIANNO

Silencio! ahi vem alguem.

## SCENA V

OS MESMOS E MARTINS  
(que entra pelo fundo)

MARTINS

Desconfia-se já da revolta.

MARIANNO

Que dizes?!

MARTINS

E' verdade.

Oh! mas nós somos muitos infelizes!  
Talvez nosso projecto agora fique  
extincto por uma vez!

THEOTONIO

Mas como?

MARTINS

E' que Caetano Pinto teve denuncia já  
dessa conspiração que nós tramamos.  
Eis os boatos que estão  
correndo por ahi. Não sei se é certo.

HENRIQUES

E', sim.

Eu bem que suspeitei isso aqui para mim.  
Eis porque o Brigadeiro ordenou que  
ninguem sahisse do quartel sem elle vir.

MARIANNO

Mas quem foi que denunciou?  
Um estranho?

THEOTONIO

Talvez.

MARTINS

Não se sabe quem foi.



THEOTONIO

Só se algum portuguez ouviu-nos e  
depois foi contar o que ouvira.

BARROS

E' mentira talvez de alguém.

MARTINS

Não é mentira.

Na cidade hoje só se falla nisso; o povo  
espera, sem saber, por um successo novo.  
Andam dizendo até que já o Governador  
convocou um conselho agora;  
e é de suppor que é hoje mesmo  
que ha-de isso tudo estourar.

BARROS

Bem. meus amigos, nós não temos  
que esperar; devemos dar começo hoje  
mesmo á revolta.

Quanto ao Governador e á sua vil escolta  
não nos custa a vencer; o exercito é por  
nós; animo não nos falta.

Os marinheiros sós, sem esperar  
por nada, assim desprevenidos,  
ou mais cedo ou mais tarde hão  
de ficar vencidos.

Não devemos tardar nem um instante;

vamos saber se desta vez perdemos  
ou ganhamos neste jogo fatal.  
Se perdermos, ao menos fizemos  
um dever, morreremos serenos;  
se ganharmos, melhor; veremos o Brasil  
livre do despotismo estúpido  
e servil dos seus tyrannos vis,  
dos seus oppressores.

E nós que vamos ser os bravos  
fundadores da nossa independencia,  
empunhemos a espada que é tempo  
de cumprir nossa missão sagrada.  
Se houvermos de cahir, se formos  
mallogrados, se virmo-nos depois  
vencidos, destroçados e houvermos  
de subir ao cadafalso, então  
cheios de intrepidez e de resignação  
subamos sem tremer, como fez  
Tiradentes.

THEOTONIO

Não, de modo nenhum sejamos  
imprudentes.  
O negocio não é tão facil como pensas;  
p'ra as nossas intenções serem logo  
suspensas basta um homem.

BARROS

Quem é?

THEOTONIO

Caetano Pinto.

BARROS

Qual! Aquillo não faz nada, é um pobre animal humilde como o cão, medroso como a côrça.

THEOTONIO

Mas que sempre dispõe de uma soffrivel força e ás suas ordens tem um tigre – o Brigadeiro.

BARROS

Sim, eu sei; mas tambem com um tiro certo o tigre cae por terra e nada mais será.

THEOTONIO

Mas qual o caçador que atira?

BARROS

Eu.

PEDROSO

Deixem lá de tigres e liões; fallemos sem

rebuço. e' tempo de levar essa canalha  
a chuço e a tiros de arcabuz.

MARTINS

Amigos, é preciso bem cautella,  
senão é nosso o prejuizo.

(Dispondo-se para sahir)

Vou agora tambem dizer aos  
companheiros o que ha de novo.

(Sahe pela porta do fundo)

## SCENA VI

Os mesmos menos MARTINS

MARIANNO

Assim talvez os brasileiros continuem  
ainda a soffrer a oppressão de Portugal.

THEOTONIO

Talvez; se estes boatos são reaes.

BARROS

Mas quem seria esse denunciador!

HENRIQUES

Não se pode saber. Mas o Governador

se acaso soube já dessa conspiração,  
foi por algum amigo...

PEDROSO

E' a minha opinião.  
Doutor Rocha era amigo e estava  
a par de tudo.

BARROS

Tambem suspeito d'elle;  
agora sobretudo que elle  
nos declarou que ia fazer-se de amigo  
do Governador para obstar qualquer  
perigo e interceder por nós, se fosse  
descoberto o nosso intento.

THEOTONIO

Sim; lá quanto a isto é certo;  
mas nunca duvidei que essa  
fosse a verdade.

BARROS

Nisto mesmo é que está talvez sua  
maldade; elle pode querer tirar-nos  
a suspeita que podessemos ter de alguma  
amisade estreita entre elle e o portuguez,  
e assim continuará a nos ouvir aqui  
p'ra contar tudo lá.

THEOTONIO

Não digamos assim, sem termos a certeza se ser elle traidor; pois será malvadeza inculcarmos-lhes nós um crime repellente, podendo muito bem elle estar innocente e talvez trabalhando em nosso bem.

BARROS

Sim, sim; digo só o que penso e não quero por mim fazel-o castigar, sem sabermos ao certo se elle é culpado ou não. Vejamo'-lo de perto, tenhamos precaução, indaguemos primeiro se o seu character é sincero e verdadeiro. Se fôr nosso receio em tudo malcabido, então bem.

PEDROSO

Se não fôr, que elle seja punido e bem punido, afim de que saiba como é miseravel quem quer que illuda a bôa fé dos seus amigos.

THEOTONIO

Não; não posso acreditar que o doutor Rocha mesmo ousasse praticar uma acção tão cruel! Quem tem um

coração não pode ser tal vil que mostre  
uma affeição que não pode sentir,  
e só para fazer a desgraça dos seus  
amigos, sem haver mesmo razão alguma.  
E' uma cousa incrível! nem sei como  
se pensa...

PEDROSO

Ora! é muito possível; ha gente para tudo.

THEOTONIO

E' impossível, digo.

Elle que tem mostrado aqui ser nosso  
amigo sincero, e prova ter sentimentos  
leaes, como nós temos visto; e inda  
o julgas capaz de rebaixar-se ao ponto  
ignobil de fazer a traição mais cruel,  
sem razão! Pode ser nunca isto?

BARROS

Concordo; elle nos tem mostrado ser  
um bom patriota e amigo dedicado,  
é sem contestação; e se nos atraiçoa  
tem um modo subtil e uma tactica bôa  
para saber fingir. Porém, como ha de  
tudo, é preciso cautella.

PEDROSO

Ah! se elle é bom; comtudo é mau ter

relações com o Caetano Pinto  
e com elle se unir; porquanto  
eu não consinto que um homem chegue  
a dar provas d'uma amisade que não  
pode sentir. Ninguem me persuade  
que isso não seja um meio inventado  
sómente para não  
nos causar suspeitas.

THEOTONIO

Estou crente que elle não é traidor e que  
é em proveito nosso que faz tudo.

PEDROSO

Acredite; eu por mim não o posso.

MARIANNO

Eu suspeito tambem.

BARROS

Não se pode saber. Vejamos, e depois...

THEOTONIO

Sim, havemos de ver.

PEDROSO

Sim, havemos de ver quando o traidor  
malvado nos vir subindo á forca.

Ora! muito obrigado.



(Entra pela porta do fundo o Dr. Rocha;  
todos calam-se)

## SCENA VII

Os mesmos e o DR. ROCHA

DR. ROCHA

Meus amigos, agora estamos mal:  
alguem já vos denunciou.

O Governador tem estado em sobresalto e  
mandou reunir hoje mesmo um conselho  
afim de decidir da verdade do facto.

E o conselho, do qual de proposito  
mesmo e para nosso mal foi excluido  
só o illustre Brigadeiro

José Peres Campello, o unico brasileiro  
que podia entrar nelle, ha-de vos accusar.  
Assim pois nada mais vos poderá salvar,  
que os marinheiros só hão de dar decisão  
rigirisa e cruel contra vós.

Foi em vão que tentamos fundar a  
nossa independencia, e foi em vão que  
nós empregamos prudencia, foi tudo  
descoberto, está tudo acabado;  
sim, e o Governador será desapiedado;  
só vos espera agora a forca. O unico meio  
que tendes a seguir, portanto, sem receio

é a fugida. Sim, fugi sem mais demora. Vós, de quem só depende o bem da patria, agora não deveis ficar expostos a uma morte que só nos pode ser fatal de qualquer sorte. Se ficardes, morreis, e a patria abandonada não poderá mais ser desta vez libertada; se fugirdes, porém, podereis reunir um exercito bom, forte para extinguir e acabar de uma vez todos os realistas. Eu então ficarei aqui, ás minhas vistas estará o que houver a temer-se. Suspeita de mim não ha, pois tenho uma amisade estreita com o Governador. Assim porei sentido no que se der aqui, e o que houver succedido mandar-vos-hei dizer, e juntos lá então tratareis de tomar a melhor decisão.

(Ha uma pausa)

Ah! se o meu sangue só fosse sufficiente para vos libertar a todos, mui contente, satisfeito eu daria o meu sangue, a minha vida para ver-vos livrar nossa patria querida, para ver acabado o poder dos tyrannos. Sim, se fosse bastante eu viver muitos annos e mesmo toda a vida em um carcere infecto, despresado

do mundo e deshonrado e abjecto,  
ah! eu soffrera tudo, eu soffrera contente  
para ver o Brasil liberto e independente  
da metropole. Mas isso nãp val de nada;  
sereis mortos e a patria ha-de ser  
esmagada. Procurei quanto pude  
o meio mais seguro para vos defender  
da morte no futuro, e o meio que achei  
melhor foi me fazer traidor, foi me aviltar  
para vos soccorrer quando se descobrisse  
essa revolta. Sim, fui hypocrita  
e fui traidor, fingi em mim um  
sentimento que eu não podia sentir.  
Assim pois fui mostrar,  
ou antes fui fingir uma affeição leal  
pelo Governador que me crê seu amigo.  
E eu que me fiz traidor, me orgulho  
de o ter feito e julgo-me feliz porque  
vos livrarei dos castigos servis que  
aguardam-vos; e vós já livres podereis  
um dia saccudir o jugo portuguez  
de sobre a nossa patria.

BARROS (com effusão, apertando a mão  
ao Dr. Rocha)

Obrigado! obrigado, amigo, vejo agora o  
quanto és dedicado á nossa patria, vejo  
em ti sinceridade, mil vezes obrigado!

PEDROSO (á parte)

Ah! creio na verdade que elle fez tudo isto em nosso bem.

(Alto, as Dr. rocha que estira-lhe a mão)

Perdão! sou indigno, doutor, duvidei de si.

DR. ROCHA

Não, meu Pedroso, és até mui digno de louvor, pois mostraste o quanto era o teu zelo e fervor pela causa da patria, e é sempre meu amigo quem ama este Brasil.

THEOTONIO

(apertando a mão ao Dr. Rocha)

Por mim nada te digo; não posso agora achar nos labios expressão p'ra dizer-te o que sinto. Um aperto de mão exprimirá melhor.

DR. ROCHA

Ah! deixem de tecer elogios a mim porque fiz um dever, sem merito nenhum. Passemos ao que importa. Como todos sabeis, nossa causa está morta, é preciso tratar já da vossa fugida.

BARROS

Ha um meio melhor de ampararmos  
a vida: é defendendo-a.

HENRIQUES

És talvez o salvador  
da nossa patria.

(Vão todos sahindo pela direita)

DR. ROCHA (com expressão  
de escarneo depois de se ver só,  
e quando todos têm sahido)  
Não; eu sou o denunciador.

## SCENA VIII

DR. ROCHA, O BRIGADEIRO  
e dous officiaes

BRIGADEIRO (entrando pela porta  
do fundo como ou dous officiaes.)

Em que pensa, doutor?

DR. ROCHA

Só penso, Brigadeiro,  
na grande estupidez do povo brasileiro  
em querer se livrar do jugo portuguez  
quando sem Portugal nada é.

BRIGADEIRO

Nossa leis cá estão p'ra punir logo esses insolente. Ah! julgavam talvez que vencessem!... Dementes! hão-de pagar-me caro a sua audácia immensa; sim, elles hão de ver quem sou eu.

DR. ROCHA (dispondo-se para sahir)

Com licença, Brigadeiro, que eu tenho agora que dispor dos meus negocios.

BRIGADEIRO

Oh! pode sahir, doutor.

(O Dr. Rocha cumprimenta e sae pela porta do fundo. o Brigadeiro dirige-se então aos dous officiaes presentes:)

Vão vocês dous chamar já os officiaes todos p'ra cá.

(Saem os officiaes pela direita, o Brigadeiro fica só)

Aquelle homem é bem capaz de nos trahir tambem visto que foi traidor dos amigos.

(Pausa. Com indifferença)

Mas isso é com o Governador.

(Entram os patriotas, etc.)

## SCENA IX

O BRIGADEIRO, THEOTONIO,  
BARROS, MARIANNO,  
HENRIQUES, PEDROSO,  
soldados e officiaes

BRIGADEIRO (aos patriotas)

Eu mandei-vos chamar, miseraveis  
traidores, para vos castigar aqui pelos  
horrores com que haveis agitado esta  
cidade inteira.

Aqui neste quartel, canalha traiçoeira,  
é que vindes tramar vosso infame  
tumulto?!...

Hypócritas! foi este o lugar mais occulto  
que achastes para a vossa atroz  
conspiração?!...

E' aqui que quereis plantar a corrupção,  
que vindes machinar vossos planos  
ferinos?!

P'ra que não fostes lá procurar assassinos  
e ladrões noutra parte?!

THEOTONIO

Alto lá, Brigadeiro.

Assim como o senhor sente amor  
verdadeiro por sua patria, nós tambem

temos amor á nossa; e vendo-a assim  
a soffrer o oppressor jugo mais que cruel  
o povo portuguez, desejamos tambem  
vel-a livre; e uma vez que tudo se perdeu  
porque foi descoberto o nosso plano  
e que nosso castigo é certo,  
pode nos castigar, se assim quizer;  
porém não insultar-nos.

BRIGADEIRO

Como?! E além disso inda vem  
aqui me replicar?!

THEOTONIO

Pois eu não posso então  
nem mais me defender?

BRIGADEIRO (a dous officiaes  
estranhos)

Mettam-no na prisão.

(os dous officiaes prendem a Theotonio  
que não faz resistencia)

BARROS (avançando para o Brigadeiro)  
Brigadeiro!...

BRIGADEIRO

Tambem tu, canalha! insolente!...



BARROS

A mim ninguém insulta assim  
impunemente.

Pode se defender, Brigadeiro.

(Arranca a espada repentinamente  
e arremette contra o Brigadeiro,  
que depois de defender-se um instante,  
cae transpassado pela espada de Barros.)

BRIGADEIRO (ao cahir)

Traidor!

BARROS

Pois morre, infame!

BRIGADEIRO (levantando tremulo a  
cabeça firmado em um braço, olha para  
os seus que estão fugindo, depois encara  
fitamente os patriotas e grita:)

Viva el-Rei, nosso Senhor!

(Cae morto. Os patriotas ficam olhando  
para elle espantados.

Quadro. Cae o pano.)

FIM DO I.º ACTO

— 0 —

# ACTO II

## A ENTREVISTA

— 0 —

Do lado direito uma sala espaçosa, mobiliada com simplicidade parecendo continuar ainda para a direita e vindo limitar-se á esquerda com uma parte do quintal, que deve ser vista pelos espectadores.

Do lado esquerdo esta parte do quintal, que parece continuar tambem para a esquerda e para o fundo a perder de vista. Na sala uma porta ao fundo e outra communicando com o quintal. Um berço no angulo da sala ao fundo. E' noute; a sala está illuminada por duas velas, o quintal escuro.

E' 5 de Abril de 1817, domingo de Paschoa.

Ao subir do pano estão em sena na sala Dalila e o Dr. Rocha, ambos em pé, continuando uma conversação.

## SCENA I

DR. ROCHA E DALILA

DALILA

Ah! não; todos aqui me tratam muito bem, como se eu fosse até da família; porém como vejo que soou talvez muito pezada a estas pessoas, levo algum tempo occupada tambem em trabalhar.

DR. ROCHA

Pobrezinha infeliz! que triste condição!

DALILA

Pois não é como diz, meu senhor; para que maior felicidade do que a minha? Possuo a sincera amizade de uma senhora que me trata como irmã.

DR. ROCHA

Uma belleza tal ocupar-se no afan de uma criada!

DALILA

Sim, o que tem? Faz-me alegria o trabalho. Depois de lidar todo o dia eu sinto-me tão bem até. Fosse eu agora a viver só dormindo e vadiando!

DR. ROCHA

Embora...

DALILA

E' uma vida innocente.

O trabalho diario, o repouso depois no meigo santuario do lar, onde me faz tão ditosa a affeição de uma boa senhora!... Eu sinto o coração alegre quando vejo um filhinho mimoso que Ella tem a sorrir tão lindo e gracioso para Ella, e então fico extasiada ante o quadro gentil de uma mãe a quem nada alegra tanto como o filhinho innocente.

DR. ROCHA

Sentes inveja.

DALILA

Não, sinto prazer somente.

DR. ROCHA

Tu és um anjo!...

(Um silencio; depois o Dr. Rocha continua com ares de galan)

Sim, Dalila, essa paixão, esse amor que por ti meu pobre coração sente... é... é... é um abysmo horrivel!

Eu queria poder fallar-te a sós hoje mesmo. Seria a bôa occasião de eu mostrar-te esse amor que eu sinto no meu peito... ardente.

DALILA

Mas senhor, aonde?...

DR. ROCHA (com galanteio meio prosaico)

No quintal. Então te mostrarei quanto é grande a paixão que eu sinto em mim.

DALILA

Não sei que loucura esta minha; a conversa aqui quando podem chegar os homens por ahi, com o senhor Theotonio e me encontrar...

DR. ROCHA

Ah! não, eu os conheço já de ha muito, quando estão a fallar de governo e republica, em nada reparam.

DALILA (dispondo-se para sahir)

Não senhor; mas se eu fosse encontrada aqui a conversar, que haviam de dizer?

(Dalila sae pela direita, Dr. Rocha fica sozinho um instante.)

DR. ROCHA (para si)

Eu juro que Ella ha-de ir, e então... hei de vencer.

(Vão entrando pela direita Miguelinho e Henriques)

## SCENA II

DR. ROCHA, PADRE  
MIGUELINHO e HENRIQUES  
PADRE MIGUELINHO

Já tínhamos até disposto os nossos planos para a revolta; já muitos pernambucanos (brasileiros devo dizer) tinham também de entrar connosco. Tudo ia assim muito bem quando rompeu aqui de um modo inesperado a sedição. Fiquei de veras admirado com tal pressa que foi contra nossos projectos.

HENRIQUES

A sorte foi a nosso favor. Logo depois da morte do Brigadeiro, eu que estava lá presente vou com os outros tomar immediatamente o commando da tropa e sem hesitação fizemol-a adherir também á sedição. commandei com Pedroso uma

força e leveia-a sem mais demora para o Largo da Cadeia, onde por causa já desses motins achava-se em prisão o Domingos Martins; soltámol-o. Depois tendo-se reunido pelo outro lado alguns realistas com o sentido de vir-nos resistir, então corri depressa contra elles, e só com dous tiros de peça dispersei-os e os fiz resolver o contrario. Theotonio e Pedroso atacáram o Erario e o tomáram de um modo azado e meritorio. Elegeu-se depois governo provisorio que é o que está regendo a provincia actualmente. Caetano Pinto que com toda a sua gente vio-se perdido e já no forte do Brum, como defesa. Nós que logo conhecemos a sua cobardia, promettendo primeiro retirar-se com os seus p'ra o Rio de Janeiro.

DR. ROCHA

E' um feito brilhante esta revolução.

HENRIQUES

Logo as villas d'aqui prestaram adhesão e Ella; o povo está satisfeito e contente por ver o seu paiz quase que independente de todo.

A Parahyba e o Rio Grande do Norte adheriram tambem por sua vez.

DR. ROCHA

De sorte que vamos bem.

HENRIQUES

E como ha tambem precisão de contarmos já e já com a prompta adhesão de outras provincias, foi agora nomeado para ir ao Ceará erguer tambem o brado de sedição o Padre Alencar, natural de lá, um patriota intrepido e leal. Para a Bahia foi tambem com o mesmo fim o Padre Roma. E já vão em caminho; assim inda havemos de ver se desta vez serão bem succedidos.

DR. ROCHA

Ora! hão de ser, porque não?

PADRE MIGUELINHO

(com enthusiasmo)

Bravo! meus caros, sois verdadeiros heroes. Pernambuco só deve a liberdade a vós e um dia inda vos ha de venerar com pasmo!

(Barros e Theotonio que vão chegando da direita, ouvem essas ultimas palavras.)



### SCENA III

OS MESMOS E MAIS BARROS e  
THEOTONIO BARROS

Padre, porque será todo esse  
entusiasmo?

HENRIQUES

Por se lembrar que nós somos  
independentes de Portugal.

PADRE MIGUELINHO

Não, não; porque sois uns valentes,  
a quem deve o Brasil a sua liberdade,  
sua vida mesmo.

THEOTONIO

Ah! por infelicidade não podemos dizer  
o Brasil todo, mas só Pernambuco.

PADRE MIGUELINHO

Ora! e tu ainda estás com isto!  
Mas será o breve o Brasil inteiro.

BARROS

Sim, com pouco não ha aqui um  
brazileiro que não seja senhor de si,  
independente, livre em uma nação  
já livre.

(Vêm entrando da direita Marianno e Pedroso.)

## SCENA IV

OS MESMOS MAIS MARIANNO  
e PEDROSO

PEDROSO

Certamente o Brasil ha de ser Brasil  
e Portugal será só Portugal;  
nem restará signal de semelhança  
mais entre as duas nações.

MARIANNO (gracejando)

Deixaremos até a lingua de Camões  
para fallar somente em tupy.

PEDROSO

Eu só sei que o Brasil nunca mais terá  
como seu rei um rei de Portugal.

(Entra Martins pela direita.)

## SCENA V

OS MESMOS MAIS MARTINS

MARTINS

E então a liberdade

sempre ha-de triumphar na patria.

PADRE MIGUELINHO

Na verdade; ás vezes quando estou  
sosinho e pensativo, que lembro-me ter  
visto um povo grande e altivo  
humilhado a soffrer aqui  
constantemente, e que agora esse povo  
é livre e independente, ah! meus caros,  
então exulto satisfeito,  
cheio de enthusiasmo e prazer.

MARTINS

Com effeito.

Tudo isto temos nós devido aos generosos  
esforços desses que puderam valorosos  
derribar de uma vez tão cruel tyrannia.

THEOTONIO

Estaes mostrando tanto enthusiasmo  
e alegria pela revolução que hoje só lhe  
esperaes felicidades mil, mil vantagens  
reaes, porque ella desta vez sahio-se  
triumphante.

Mas não é tanto assim, não nos é só  
bastante termos feito a revolta  
e andarmos trucidando todo aquelle  
que não for logo se mostrando  
a favor d'ella.

MARTINS

Mas nosso estado tambem  
não é mau, pois que já tres provincias  
se tem declarado a favor da revolta.

THEOTONIO

E o que são tres provincias, se já  
os realistas vão se preparando e tem mais  
exercitos, mais armamentos que nós?  
Por acaso julgaes que o senhor D. João  
VI e sua côrte são partidarios tambem  
dessa revolta?

BARROS

Não.

Exageras tambem o nosso mau estado.  
Quanto a mim não estou assim  
desanimado; pois nós temos tambem  
já tomado as medidas para impedir  
quaesquer contrarias investidas, como  
bem sabes. Já então não ha de ser tão  
facilmente assim que elles hão de vencer.

MARIANNO

Demais, se elles estão preparados, é tanto  
quanto nós, ou talvez peor ainda.

PEDROSO

E emquanto vão por lá se occupando em

reunir soldados, nós em nosso cantinho  
aqui bem descansados estamos a limpar  
espingardas e armal-as p'ra fazer-lhes  
depois um presente de ballas, se vierem.

PADRE MIGUELINHO

Demais, se cahir nosso plano,  
se não se effectuar nosso desejo insano,  
que importa? Toda a gloria é nossa; no  
porvir os nossos haverão de ver e de  
sentir que cahimos, porém tendo feito o  
possivel para a patria vencer.

HENRIQUES

E nessa queda horrivel  
verão que Deus não quiz, era cedo.

PADRE MIGUELINHO

Não, não! nunca é cedo de mais p'ra  
banir a oppressão que pese sobre nós;  
nunca é cedo de mais para se pôr um  
termo aos actos canibaes de um despota  
cruel que viva lento e lento nos dando  
com rancor um eterno tormento,  
uma oppressão sem fim.

Não; só pode ser tarde para expellir  
d'aqui um algoz tão covarde do Brazil,  
como é a Metrop'le, e acabar  
com tanta tyrannia.

(O relógio toca nove horas, todos escutam)

MARIANNO

Acabam de soar as nove horas e nós  
desde as quatro que estamos aqui.  
É tarde já; vamos, amigos.

TODOS (excepto Theotonio)

Vamos.

(Todos saem pela porta do fundo,  
excepto Dr. Rocha que fica, ao ver Dalila  
entrar pela direita.)

## SCENA VI

DR. ROCHA E DALILA

(scena rapida)

DR. ROCHA

A's dez e meia. Vás?

DALILA (indecisa)

A que, senhor? Nem sei.

DR. ROCHA

Pois bem, tu só irás se quizeres.

DALILA (depois de hesitar um instante)

Irei.

DR. ROCHA

Não te esqueças de vir. A's dez e meia em ponto lá no quintal.

MARIANNO (da porta do fundo)

Doutor, não vem connosco?

DR. ROCHA

Prompto.

Estava procurando alli o meu chapéu.

MARIANNO

Vamos fazer até um bom passeio;  
o céu está limpo.

(Saem todos: depois Theotonio entra pela porta do fundo e sae logo pela direita;  
Dalila fica só)

DALILA (só)

Meu Deus! eu não sou nada mais  
no mundo que uma pobre engeitada,  
sem paes nem familia. Orphã inda  
ao começar a vida e bem criança, fui  
amparada e acolhida nesta casa, onde  
passo uma vida folgada... por esmola.  
Não sou nada, não tenho nada...  
Porque sympathisou aquelle homem  
commigo?

(Depois de uma pausa)

Que fazer! Quero estar quieta e não consigo; desejo estar tranquilla um instante, é em vão.

(Pausa)

Hontem eu era livre, hontem meu coração socegado e tranquillo apenas conhecia um sentimento que era o prazer, a alegria; hoje, não, hoje eu soffro.

Ah! eu não comprehendo o que sinto.

Parece ainda que estou vendo aquelle homem tão bom, tão franco, tão leal, fallar commigo. Sinto uma attracção fatal para elle. E' assim como que um soffrimento que esmaga o coração com um martyrio lento, porém doce.

Ah! eu soffro, eu soffro, e todavia sinto gosto em soffrer.

Sim, eu não quereria me livrar de uma vez do martyrio que sinto.

O prazer para mim parece já extinto e no emtanto é um prazer meu soffrimento. Ha um mez que o vejo sem cessar. Desde a primeira vez que o vi, senti por elle uma affeição sincera.

Tende pena de mim, meu Deus! Oh! quem me dera, quem me dera poder tirar



do coração essa paixão fatal que me afflige. Mas não, eu desejo fugir e não posso, desejo me ver livre, porém cada vez mais me vejo presa de um sentimento ardente e embrazador que me encanta. Não sei o que é. Será amor?

(Dalila fica algum tempo pensativa, vendo então entrar Theotonio e Virginia, ella sae pela direita.)

## SCENA VII

### THEOTONIO E VIRGINIA

(Virginia entra com o filhinho nos braços e vae deital-o no berço)

THEOTONIO (olhando para o berço)

Está dormindo?

VIRGINIA

Está. Tão socegado! Vê.

THEOTONIO

Innocente! Como elle é feliz!

VIRGINIA (sorrindo)

Mas porque dizes isto?

Estarás com inveja?

THEOTONIO

Talvez.

Gosto tanto de ver a doce candidez da infancia! Tão feliz, n'um viver tão risonho, a vida da criança é como um lindo sonho de que a gente desperta ao vir a adolescencia.

Ah! eu me lembro tanto ainda da innocencia, dessa idade gentil em que ninguem medita que nunca poderei esquecel-a. Bemdita a criança travessa e gentil que na vida tem a doce affeição, a meiguice querida de um ente carinhoso e affavel que a acompanhe neste mundo, que tenha o puro amor de mãe, o amor mais sincero.

VIRGINIA

E' verdade. E a alegria que exp'rimta uma mãe quando vê todo dia seu querido filhinho innocente e engraçado como um anjo do céu sorrindo ao doce agrado que ella lhe faz!

THEOTONIO

Não ha quem seja mais ditoso neste mundo do que eu. Se ha verdadeiro gozo na terra é este, ter um anjo tutelar...

VIRGINIA

Um filhinho gentil para suavisar  
as agruras da vida!

THEOTONIO

Oh! feliz da innocencia que ainda ao  
despontar na entrada da existencia  
acha uma bôa mãe que affavel  
o acalente em seus braços.  
Eu tenho inveja seriamente  
do meu filho.

VIRGINIA

Pois eu, meu Theotonio, não penso  
como tu. Sinto em mim um regosijo  
immenso quando vejo meu filho sorrir;  
a minh'alma transborda de prazer,  
de uma alegria calma; não sinto inveja  
então, sinto orgulho por ser eu a mãe delle.

THEOTONIO

Ora! isso não tem que ver!  
as mães são sempre assim.

VIRGINIA

Ver mimoso e sorrindo co'uma doce  
expressão esse anjinho tão lindo e dizes  
para o mundo invejoso: "elle é meu,"  
não faz orgulho isto?

THEOTONIO

Agora vejo que eu fui tolo em invejar  
essa felicidade do meu filho.

VIRGINIA

Porque?

THEOTONIO

Porque eu sou na verdade  
ainda mais feliz. Porque essa mãe que faz  
a dita de seu filho ensinando-lhe a paz  
do bem e da virtude; essa mãe que vigia  
com disvélo e fervor durante noite e dia  
por essa criancinha é minha esposa.

VIRGINIA

Déste p'ra lisongeiro agora?

THEOTONIO

Esse archanjo celeste que com seu doce  
olhar, com seus afagos santos acarinha  
o filhinho, enche tambem de encantos  
a vida pura e ideal do seu feliz esposo.

VIRGINIA

E' tão feia a lisonja!

THEOTONIO

Ora! quem é ditoso não lisongeia,

mostra o prazer que tem n'alma.

VIRGINIA

Não falles nisso mais.

(Contemplando extactica o filhinho  
no berço)

Vem ver que doce calma, que repouso!  
Elle dorme em doce desalinho n'um  
somno tão suave e brando! Innocentinho!  
mesmo dormindo ri.  
Como é mimosa a infancia!

THEOTONIO

Oh! quando alguém admira a tua  
vigilancia, teu carinho e tua bondade,  
eu sinto-me orgulhoso.

VIRGINIA

E o que eu faço não é dever imperioso  
d'aquella que é esposa e mãe?

THEOTONIO

E' um dever na verdade, porém que  
o não o sabem fazer todas as mães.  
Só tu com teu doce disvélo,  
só tu, Virginia.

VIRGINIA

Ter um filhinho tão bello!

innocente que ri quando é acarinhado,  
ser a ditosa mãe desse anjinho adorado  
e não amal-o; não, não acho possível.

(Depois de uma breve pausa)

Olha! outro dia (até parece coisa incrível)  
Elle estava deitado; eu fui vel-o; dormia  
tão sosegado aqui no berço, parecia  
um anjo. Não me pude impedir; com  
cuidado beijei-o; elle acordou meio  
sobresaltado, mas me vendo depois,  
sorriu-se Que sorriso! oh! era encantador  
e lindo! D'improviso seu semblante tomou  
uma expressão tão doce!...

Entao elle estendeu-me as mãos,  
como se fosse uma pessoa alli que  
pudesse entender-me. Senti tal emoção  
que não pude conter-me; pelas faces  
correu-me um pranto de alegria.  
Oh! ninguem comprehende o prazer  
que extasia um coração de ame ao ver  
a f'licidade do seu filho.

E' tão doce a sensação que invade  
o nosso coração alli nesse momento!  
Eu nem sei definir bem esse sentimento,  
não é mesmo prazer, nem tambem é  
tristeza. Eu senti minh'alma então  
como que presa de um arroubo ideal;  
de um extasi celeste.

THEOTONIO

Compreendo, Virginia!

O gozo que tiveste é a satisfação que as ames sabem sentir quando vêm seu filhinho innocente sorrir. como quem sente em si risonhas esperanças.

VIRGINIA

Christo fazia bem em amar as crianças. Quando chego a pensar que ha tantos orphãosinhos neste mundo sem pae, nem mãe, tristes, sosinhos, a procurar em vão quem os guie e acompanhe nesta vida...

THEOTONIO

Sem ter um doce olhar de mãe.

VIRGINIA (continuando)

... tenho uma pena!

Eu me lembro ainda de Dalila.

Doente, abandonada!...

Agoniava-me ouvil-a chorando a mendigar o pão da caridade.

THEOTONIO

Que importa? tu lhe déste hoje a felicidade.

(Ha uma pausa. Emquanto Theotonio

sentado parece meditar, Virginia vem sentar-se em uma cadeira junto delle, como se quizesse fallar-lhe em segredo)

VIRGINIA

Tu me estimas, Theotonio?

THEOTONIO

Estás doida? A que vem esta pergunta?

VIRGINIA

Eu sei que me estimas.

Pois bem, vou fazer-te um perdido;  
em teu bem, te asseguro.

Podes jurar-me que has de concedel-o?

THEOTONIO

Juro.

VIRGINIA

Não te zangues por isto...

THEOTONIO

Estás a angustiar-me, com teus mysterios.

VIRGINIA

Sei que devia calar-me, porém não posso.  
Tenho um mau presentimento.

THEOTONIO



Algum sonho talvez.

VIRGINIA

Não; foi um pensamento que tive.

TEHOTONIO

Conta, pois, o que foi.

VIRGINIA

Vou contar-te.

Eu receio por ti, Theotonio. Fazes parte de uma conspiração contra o Rei.

Não entendo dessas cousas, porém parece que estou vendo que não sahirás bem disto. Tenho cuidado e medo de te ver inda prejudicado, não sei mesmo porque. Sei que me sinto mal.

Essa revolução póde nos ser fatal um dia.

Era melhor que não entrasses nisto.

Poderia depois por um caso imprevisto o Rei saber de tudo e mandar te prender.

Não temos nosso filho em quem devemos ter todo o nosso cuidado?

Eu não sei que perigo te pode vir d'ahi; mas pensando commigo, parece-me que tu deverias deixar esse negocio; pois que poderás ganhar?

Emfim tu sabes mais do que eu não entendo dessas cousas.

Nem sei mesmo o que estou dizendo;  
mas presinto que tu não te has  
de sahir bem.

## THEOTONIO

Acalma-se, Virginia.

O que eu faço não tem perigo  
de trazer mal nenhum para nós.

E' que os nossos aqui soffriam uma atroz  
e constante oppressão de um povo  
estranho, e assim precisava tambem  
que nós déssemos fim ao seu martyrio.

E' que a patria agonisava aos pés de  
Portugal soffrendo como escrava do seu  
cruel senhor a cólera, a maldade e queria  
tambem a sua liberdade.

Tu bem saber como é que o triste  
prisioneiro, estorcendo-se em vão no duro  
cativeiro, se esforça sem cessar  
para livra-se um dia; tu bem sabes.

Então o Brasil se via escravo assim,  
sem ter nem o que Deus lhe dera,  
só se fiava em nós e estava á nossa espera  
para se libertar desse estado que humilha  
um peito nobre. E nós?... Temos nossa  
familia a quem devemos dar nosso  
sincero amor; mas resta-nos ainda  
um affecto, um ardor pelo torrão querido  
onde vimos a luz, pela patria.

Ninguém neste mundo traduz esse afêrro,  
esse amor firme que a gente tem ao seu  
paiz. A patria é nossa mãe tambem.  
E foi por vel-a afflicta a debater-se  
em vão contra as garras crueis de um  
tyranno, que então fomos em seu auxilio.  
E quem póde impassivel ver a patria  
soffrendo o despotismo horrivel  
de um Rei de outro paiz? Ninguém por  
certo. No homem taes sentimentos  
ha que nunca se consomem com outras  
affeições. Se é familia querida elle dá com  
ardor sua alma, sua vida todavia por  
mais que elle ame-a, que idolatre-a,  
sente outro amor tambem sublime,  
o amor da patria.

VIRGINIA

Tu juraste, Theotonio.

THEOTONIO

Ah! Virginia, perdôa; não posso fazer  
isso. Eu sei que tu és bôa, que desejas  
sómente a minha f'licidade...

VIRGINIA

Mas tu juraste.

THEOTONIO

Sim, eu jurei, é verdade, ma não posso cumprir. Peço-te que perdões por esta vez.

VIRGINIA

Não vás te arrepende depois, Theotonio. Eu tenho medo. Ah! se houvesse um dia de ser preso... ou morrer,,eu Deus! eu morreria também. Que te adianta andares tu mettido nessa revolução? Eu tinha resolvido nada dizes, porém não pude; só parece que te has de sahir mal. Se eu ao menos pudesse convencer-te... mas não, tu vás julgar talvez que isto é loucura minha.

THEOTONIO

Ah! Virginia, não vês que eu não posso? Não vês que eu nunca hesitaria em te satisfazer, se uma razão sombria não me impedisse nisto?

VIRGINIA

E' um conselho somente que te dou; não exijo.

THEOTONIO

Ah! ficas descontente!  
Mas eu não posso. Diz'.  
Quererias me ver vagabundo, sem honra,

aviltado, sem ter mais um amigo só,  
em triste solidão, despresado do mundo  
e até de Deus?!

VIRGINIA (com horror)

Oh! não!

THEOTONIO

Quererias me ver sempre occulto,  
escondido de todos? a fugir, pior do que  
um bandido, de todo homem de bem com  
o nome de traidor? ao mundo inteiro,  
andar coberto de vergonha fugindo de  
pavor ante a furia medinha desse povo  
a quem amo?

VIRGINIA (horrorisada)

Oh! não!

THEOTONIO

Então, Virginia, não queiras ver cair  
tanta infâmia e ignomínia sobre mim.  
Sim, porque se eu hoje renegasse  
o meu partido, o mundo atirar-me-hia á  
face o labéu de traidor, com razão;  
eu seria indigno de meu filho e de ti.  
Ah! se um dia vier em que o tyranno  
inda aqui prevaleça, se tu vires rolar  
no chão esta cabeça já decepada;

então tu poderás dizer:  
“meu marido morreu, mas com honra.”

VIRGINIA (com horror)

Morrer!  
Meu Deus!...

THEOTONIO

Ah! não... Perdôa. Estou louco!  
Quem pensa em morrer?  
Eu só quis mostrar quanto era intensa  
essa afeição que eu tenho ao meu Brasil.  
Comtudo por ti eu deixaria a vida,  
a patria e tudo. Mas eu bem sei que tu  
não exiges de mim um sacrifício  
sem nenhum proveito.

VIRGINIA (mostrando-se socegada)

Sim; não exijo;  
e uma vez que me dizes que nada  
de mal nos vem d’ahi,  
eu fico socegada.

THEOTONIO

Obrigado, Virginia! oh! obrigado!  
Então? não ficas com algum ressentimento?

VIRGINIA

Não.

(Ficam algum tempo em silencio; depois  
Theotonio sae pela direita.)

## SCENA VIII

VIRGINIA (só, depois de um  
instante de silencio)

Meu Deus, eu tenho medo! A vida para  
mim só tem sido, bem sei, de venturas  
sem fim; bem sei que até aqui tenho sido  
ditosa; mas eu... eu tenho medo! A dita  
que se gosa não é eterna.

Eu tenho máo presentimento!

Sim, eu chego a tremer de medo  
de algum momento de não vir a perder  
minha felicidade.

Eu menti a Theotonio; inda o terror  
me invade o coração. P'ra mim parece  
que ninguem deve arriscar assim a vida,  
quando tem uma familia.

Sim, será isto egoísmo, mas sou mulher...  
e mãe, tenho medo do abysmo que se  
mostra horroroso occulto a nossos pés.

(Pausa)

Tem cuidado, Theotonio, e cautella;  
tu és confiado de mais!

(Pausa. Levanta-se e começa a passear agitada, como se quizesse esquecer os seus receios)

Mas não! são pueris os receios que eu sinto agora. Sou feliz; é o que basta. Não tenho o amor de meu esposo? não tenho meu filhinho innocente e mimoso que sorri para mim?

(Contemplando a criança no berço)

Oh! meu Deus, como é lindo!  
Que gosto é vel-o assim a dormir e sorrindo. ah! meu filho, sorri, que és feliz, o innocente nunca pode soffer; nada vê, nada sente.

(Emquanto Virgilia contempla extasiada o filhinho entra Dalila.)

## SCENNA IX

VIRGINIA E DALILA

VIRGILIA

O que é, Dalila? Vens fallar-me?

DALILA

Não, senhora.



(A' parte, olhando para a porta do quintal meio aberta)

Pouco deve tardar; aproxima-se a hora.

VIRGINIA

Parece-me que estás a procurar alguém, Dalila.

DALILA

Não, senhora.

(A' parte, sempre a olhar para o quintal)

Elle ainda não vem.

VIRGINIA

Não queres me dizer. Ah! não negues, bem vejo que tu não estás bem. Falla franco, desejo saber se succedeu-te algum mal. estarás descontente de mim?

DALILA (que estava pensativa responde vivamente a Virgilia)

Meu Deus! não sou capaz de tal, Dona Virginia. Eu estar descontente de vós, tão bôa!

VIRGINIA

Não; mas estás certamente como quem quer fallar de alguma cousa e hesita.

Tu não queres talvez dizer-me.  
Estás afflicta.

DALILA

Bem, ouvi-me uma historia e depois  
dir-me-heis se eu teria razão de ao menos  
uma vez ter contra vós, senhora,  
uma queixa siquer. Há cinco annos.  
Havia então uma mulher?  
muito pobre, porém honrada;  
era sosinha a trabalhar no mundo...

(Engano-me, ella tinha uma filha  
de treze annos, a quem amava.)

Sim, eram pobres, mas seu trabalho  
chegava para irem vivendo; e felizes  
viviam resignadas assim com o pouco  
que faziam do seu arduo trabalho.  
Eram felizes como tudo quanto vigora  
alegre. Um só assomo de tristeza  
e pezar não lhes nublava a fronte.  
Tinham a luz do sol, o riso do horizonte,  
um florido viver, coberto de matizes.  
pobre, porém risonho.  
Emfim eram felizes. Trabalhavam a mãe  
e a filha juntamente.  
O pobre, se é feliz, vive alegre e contente.  
A alegria é tão bôa! Ah! Já vistes,  
senhora uma casa onde só a f'licidade

mora, onde a pobreza até parece ser um bem? Já vistes a familia indigente, que tem apenas o que lhe é necessário, viver descansada e feliz com gosto, com prazer? E' aquella, onde existe a virtude e o trabalho preciso para a vida. A aurora e o seu orvalho, o sol e o seu calor, eis o sufficiente para quem vive pobre e só, porém contente. Quem tem obrigação, quem tem o que fazer, quem póde trabalhar e o faz por um dever é rico. Rico, sim, que a riqueza consiste só na satisfação, se a f'licidade existe. Ah! senhora, era assim que esses dous pobres entes viviam neste mundo alegres e contentes. Mas um dia acabou-se essa felicidade; cahiu doente a mãe. Foi a fatalidade! Após muito penar, coitada! succumbiu depois que o seu haver todo se consumiu em remedios banaes. A honrada Medicina levou todos os seus bens e matou-a. Era sina. Agora avaliae somente em que estado ficaria a orphãsinha, a filha dela. A um lado a miseria sem fim, a pobreza absoluta e do outro a perdição. Era medonha a luta que passava-se

então n'alma dessa menina.

Mas para corrigir-se a desgraça ferina  
veio um anjo do céu. Esse anjo bemfeitor  
foi o bem dessa pobre orphã, o salvador  
da desgraça; foi elle que a socorreu.

(Ouve-se o relógio tocar uma badalada.  
São dez horas e meia; Dalila pára  
e fica sobresaltada.)

VIRGINIA

Mas esse anjo?...

DALILA

Ereis vós, essa orphã era eu.

THEOTONIO (fora, chamando)

Virgínia!

VIRGINIA (para si)

Que quer Theotónio?

(Alto)

Sim, já vou.

(Sae Virginia pela direita, Dalila fica só.)

## SCENA X

DALILA (só)

Deverei ir?

(Começa a passeiar pelo scenario e depois vae para junto da porta que dá para o quintal)

Já deu a hora que elle marcou.

(Parecendo hesitar.)

Será alguma traição que elle queira fazer-me?

(Pausa. Depois com firmeza)

Não é possível, não!  
Elle parece ter-me amor.

(Pausa)

Amor!... Nem sei que significa isto.  
E' uma palavra van talvez.

(Fica algum tempo hesitando;  
depois parece tomar uma resolução  
e vae abrir a porta.)

Eu não resisto mais tempo.  
Prometti, devo ir.

(Vae a passar para o quintal, mas recúa)

Não; faço mal.  
Seria uma imprudencia.

(O Dr. Rocha apparece no quintal)

embuçado)

Eil-o já no quintal.

(Dalila entra resolutamente para o quintal e fecha a porta atraz de si.)

## SCENA XI

DALILA e DR. ROCHA

(Esta scena passa-se no quintal; a sala está vazia.)

DR. ROCHA (ao ver Dalila)

Eil-a.

DALILA

Eis-me aqui, senhor. Que deseja de mim?

DR. ROCHA

Eu, meu anjo?

(A' parte sem achar o que dizer)

O que vou eu embutir-lhe?

(Alto, como quem achou o que procurava)

Sim. E perguntas ainda o que eu quero, meu anjo? Fallar-te em meu amor.

(Fica embasbacado e diz á parte)

Ah! vou ver se lhe arranjo uma  
phraseologia amorosa.

(Alto, com ares de apaixonado)

Talvez tu não saibas o que é o amor.

(Depois com uma phrase pedantesca)

Quando tu vês um homem que se faz  
assassino feroz e que chega a matar  
outrem; por mais atroz que elle seja;  
por mais cruel, sem coração que elle  
pareça... tem... algum... amor.

(Depois que elle diz – tem – pára, como  
quem procura alguma palavra propria;  
mas depois desenganado de achal-a, diz  
pausadamente – algum – amor –  
Então diz á parte)

Mas não; a prelecção sahiu muito  
sanguinolenta. Não acho que dizer.  
Nada p'ra o caso assenta.

(Pausa. Ficam muito tempo callados,  
como quem não acha o que dizer.  
Depois Dr. Rocha pergunta)

Nunca ouviste fallar nos quadros de  
Murillo?

DALILA

Não, senhor.

DR. ROCHA (tomando a expressão de um apaixonado com gestos de pedante)

Meu amor, anjo, para exprimil-o,  
p'ra mostrar a paixão que sinto neste  
instante só se eu tivesse agora  
a inspiração de Dante, de Tasso,  
de Camões, de Homero...

DALILA

Não entendo dessas cousas, senhor.

DR. ROCHA (á parte)

Irra! que estou me vendo em bêtas.

(Depois de um momento de hesitação,  
á parte)

E' melhor entrar logo no caso.

(Alto com emphase)

Sim, não conheces bem os filhos  
do Parnaso...

Nunca ouviste fallar no amor de Julieu  
e Romêta? Talvez que não.

DALILA (á parte)

Elle é como eu; nem sabe exprimir bem  
essa paixão que sente.



(Alto, com timidez)

O senhor quer dizer que me ama.

DR. ROCHA

Certamente.

(A' parte)

Em negócios de amor já ella excede a mim... Porém o que eu queria era outra cousa.

DALILA

Sim; nem sei bem exprimir o que sinto em minh'alma.

Só sei que, estando junto ao senhor, estou calma e feliz, mas me falta alguma cousa, quando eu vejo-me sosinha ás vezes; e pensando então, meu coração como que magoado bate com mais fervor.

Quando estou a seu lado, senhor, eu sou feliz. Feliz, nem sei porque.

Sei que meu coração mais confiado vê o senhor amoroso e bom para commigo.

(Depois como que envergonhada do que disse)

Mas, perdão!...

DR. ROCHA

Continúa.

DALILA (continuando)

... Eu sei que nada digo nisso que estou dizendo.

DR. ROCHA (meio ironico)

Ah! isso não, menina; tua voz é tão meiga e doce que fascina; falla, pois.

DALILA

Eu nem sei exprimir o que sinto.

E' um sentimento puro e suave,  
indistincto para mim, que me segue  
e acompanha incessante.

Nem posso mais estar tranquilla;  
a todo instante eu penso no senhor.

Ah! eu tenho vergonha de mim mesma.

Mas é que uma luta medonha se passa  
na minh'alma. Então não pude mais  
reprimir-me, senhor; tanto que fui capaz  
de vir-lhe declarar aqui essa paixão  
tão louca. Mas perdôe, se isto lhe offende.

DR. ROCHA

Não; pois se eu te amo tambem!

(A' parte)

Ella não fallou mal!

(Alto, com emphase, em tom meio sardonico)

O amor, donzella, o amor é o sentimento ideal que Deus mesmo nos deu.

Adão no paraíso era só, nunca vira o placido sorriso, nectar celestial, de uns lábios de mulher.

Deus contemplou-o e então notou que era mister que elle amasse, e lá foi tirarlhe uma costella enquanto elle dormia a somno solto, e della fez uma companheira ao pobre homem que então tratou de fabricar a sua geração.

Adão, coitado! tinha o somno tão pesado que não sentiu a dor. Tambem... desoccupado como elle andava!... deu talvez p'ra dorminhôco de mão cheia.

DALILA (timidamente)

O senhor parece que faz pouco nas cousas santas; falla assim, e tão sem fé!...

DR. ROCHA

Não sou capaz de tal, meu anjo, eu creio até com muita devoção em tudo o que é divino.

(Pausa. Depois Dr. Rocha começa em seu tom pedantesco)

Quando enrubece o céu o fulgor matutino  
e que Phebo começa a surgir no  
horizonte, nunca viste algum dia em um  
lugar defronte uma pequena gruta?  
Em torno della cresce a relva;  
e lá no fundo é escuro. Eis que apparece  
o sol e vae mettendo o seu raio fulgente  
com cuidado e vagar na gruta; de repente  
ella abre-se de todo ao raio abrasador;  
depois já se acostuma.  
Assim, pois, é o amor.

(Na sala chega Theotonio enquanto  
o Dr. Rocha está no quintal a parolar  
com Dalila.)

## SCENA XII

OS MESMOS, e THEOTONIO  
(na sala)

THEOTONIO (indo fechar a porta  
do quintal que o vento abriu quando  
elle ia chegando)

Este vento hoje está bem incommodo.

DR. ROCHA (no quintal)

Sim; tenho-te muito amor;  
pódes fiar-te em mim.

THEOTONIO (olhando pela porta  
para o quintal meio admirado)

Parece-me que estou vendo acolá  
um vulto.

(olhando com mais atenção)

E' um homem. Será algum ladrão occulto  
que me veio roubar?

(Continuando a olhar)

Não é engano meu.

(Dr. Rocha dando fé de Theotônio,  
mostra-o com o dedo a Dalila.

Ambos ficam aterrados e quietos)

DR. ROCHA

E' Theotônio.

DALILA

Meu Deus!

(Dalila foge com cautela por entre  
os bastidores á esquerda)

DR. ROCHA (comsigo)

Que diabo faço eu.

Se eu fugir é peor para mim,  
porque então Theotônio ha de julgar  
que sou algum ladrão, e é capaz de atirar.

(Pensando agitado)

Para que me metti nessa embrulhada!  
Estou mal.

THEOTONIO (gritando da porta)

Quem está ahi?

DR. ROCHA (para si, inquieto)

Mas para que vim eu aqui.

Iste é o demonio!

Nem sei como sahir mais desta!

Se Theotonio vier cá e me vir a estas  
horas mettido aqui no seu quintal como  
negro fugido, com que cara vou eu aqui  
mostrar-me a elle?

THEOTONIO (sempre olhando com  
atenção)

Que diabo!

(Depois tomando uma resolução)

Bem! vou ver que vulto será aquelle.

(Theotonio vae dirigindo-se com cautella  
e debagar para o lugar em que está  
o Dr. Rocha)

DR. ROCHA (ao ver Theotonio mover-  
se do lugar em que estava)

Graças! já vae-se.

(Depois vendo que Theotonio se aproxima delle)

Não; elle não se retira, elle vem.

(Fica embasbacado e assustado ao passo que Theotonio vae se approximando delle com cautella. Depois mostrando-se alegre diz comsigo)

Bravo! achei uma bôa mentira.

(Resoluto então vae ao encontro de Theotonio mostrando-se cançado de mais)

THEOTONIO (vendo Dr. Rocha approximando-se delle)

Quem é que vem ahi?

DR. ROCHA

Sou eu, senhor.

THEOTONIO (impaciente)

Eu quem?

(Encontram-se.)

## SCENA XIII

DR. ROCHA, THEOTONIO  
e depois DALILA

THEOTONIO (depois de olhar  
attentamente para o rosto  
do Dr. Rocha, admirado)

Dr. Rocha!

DR. ROCHA (fingindo-se admirado  
olha tambem com muita atenção  
pata Theotonio e mostrando que o  
reconheceu naquelle instante solta uma  
estrondosa gargalhada, e diz então  
com ar alegre)

Ora! ora!... Isso tem graça, tem.  
Pois é Theotonio!!

THEOTONIO (meio zangado)

Sim. E' muito natural que eu 'steja  
em minha casa.

DR. ROCHA

Então este quintal...

THEOTONIO (interrompendo-o  
com azedume)

Sendo de minha casa é meu tambem  
de certo.

(Ha uma pausa. Dr. Rocha fica um  
instante atarantado; mas logo depois  
cria sangue frio.)



DR. ROCHA (dando um suspiro de alívio)

Safa! que se eu não sou ligeiro!...  
Estive perto de morrer desta vez.

THEOTONIO

Como foi isto?

DR. ROCHA (muito serio)

Como?!...

O negocio, meu caro, é que quase que eu tomo umas facadas.

THEOTONIO (admirado)

Quando? agora?... Mas então...

DR. ROCHA

Avalia somente em que situação eu me vi.

(Neste interim vem Dalila da esquerda com muita cautella, e põe-se a escutar a conversa dos interlocutores sem ser vista por elles)

Vinha alli da casa de um amigo, quando súbito vi bem defronte commigo tres ladrões. Nem sei bem se eram ladrões; só sei que me agarraram e eu á custo me soltei das mãos delles. Então puz-me a correr; corria como um

damnado, mas olhava atraz e via  
os ladrões a correr tambem atraz de mim.  
Eu nem sabia mais por onde andava;  
vim a encontrar afinal um muro á minha  
frente, e nem sei como, dei um pulo,  
e de repente já sem perigo algum  
vi-me neste quintal.

Estava aqui em pé quando ouvi afinal  
a tua voz que eu nem conheci; vi então  
que podiam aqui tomar-me por ladrão  
e fiquei sem saber mesmo o que decidir.

THEOTONIO (com ar satisfeito)

Assim, foi justo.

DALILA (á parte)

Como elle sabe mentir!

FIM DO 2º ACTO

——— 0 ———

# ACTO III

## A DESPEDIDA

— 0 —

O pateo da casa de vivenda do Engenho Paulista. — De frente, occupando mais de metade da largura da scena, a frontaria do sobrado, tendo em cima a varanda e em baixo um portão largo aberto, deixando ver a escadaria. — O sobrado parece continuar ainda para a esquerda; o outro lado vem limitar-se á direita com o ocampo que se vê a perder de vista para o fundo. Ao subir o panno vêm descendo a escada o Padre Tenorio e o Padre Miguelinho, que em scena começam o seu dialogo. (E' 20 de Maio de 1817.)

— 0 —

## SCENA I

PADRE MIGUELINHO  
e PADRE TENORIO

PADRE MIGUELINHO

Está bem perigoso o caracter que toma  
o nosso estado agora!

PADRE TENORIO

Então o Padre Roma foi fuzilado?!

PADRE MIGUELINHO

Foi; recebi da Bahia esta carta, que o diz.

(Tira uma carta do bolso e dá-a  
ao Padre Tenorio)

Pode lê-la.

PADRE TENORIO (lendo)

“No dia vinte e nove de Março, o nosso  
companheiro prestimoso e leal,  
José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima,  
foi aqui arcabuzado como infame, traidor  
e rebelde, iniciado no governo illegal  
de Pernambuco.”

(O Padre Tenorio deixa de ler e começa  
a fallar horrorizado)

Oh Deus! cousa horrível!! Morrer assim  
fóra dos seus!...

PADRE MIGUELINHO

(interrompendo-o)

Não, continúe, meu caro.

PADRE TENORIO (continuando a ler)

“O Conde de Arcos tinha sido avisado já de ha muito que elle vinha plantar nesta província o germen da revolta, e por isso mandou collocar uma escolta em cada porto bem munida e preparada com ordem de o prender logo em sua chegada, quando desembarcasse. Elle porém, notando aquella tropa alli que o estava esperando compreendeu logo tudo; e vendo que seria preso, lançou ao mar os papeis que trazia comsigo. Esses papeis vinham comprometter a muitos de entre nós, porque deviam ser dirigidos a alguns homens d’aqui, que são a favor da revolta; e aquella abnegação e o heroísmo sem par, que ante a morte mostrou esse homem generoso e intrepido, livrou muito gente da morte.”

(Uma pausa; depois, a um signal de Miguelinho o Padre Tenorio continúa a ler)

“Impavido e leal elle se apresentou perante o tribunal calmo e sereno, olhando a morte com desdem e sem medo. Morreu sem accusar

ninguem. O seu semblante só desbotou  
quando o sangue começou a correr  
do corpo já exangue.  
Era tocante ver esse martyr morrendo.”

(Entrega a carta a Miguelinho  
e falla horrorizado)

Tocante!! não, meu Deus!  
devia ser horrendo!  
Elle acolá; em volta a multidão pasmada;  
em frente a soldadesca estúpida,  
a quem nada commove, já disposta  
ao matar pelo crime de amar a patria!!  
Isto sim é horrivel!

PADRE MIGUELINHO

E' sublime!

(Vêm descendo a escada Martins  
e Pedroso; o Padre Tenorio sae  
pela esquerda a passos lentos)

## SCENA II

PADRE MIGUELINHO, MARTINS  
e PEDROSO

MARTINS (dirigindo-se a Miguelinho)  
Sabe do nosso estado; agora o que

é mister que se faça?

PADRE MIGUELINHO

Lutar.

MARTINS

Mas se não puder?

PADRE MIGUELINHO

O querer é poder.

MARTINS

Se nada ha que esperar, se tudo se  
perdeu, poderá ter logar a luta?

PADRE MIGUELINHO

Pode, sim; nem tudo se perdeu,  
pois não vivemos nós?

o que fazemos?

Eu penso assim.

MARTINS

E' melhor salvarmos nossa vida;  
é só o meio que ha.

PEDROSO

Mas como?

MARTINS

Com a fugida.

PADRE MIGUELINHO

Com a fugida!! Isso não, meu caro.  
E' cobardia fugirmos quando o nosso  
estado presagia ruina, abandonar a luta,  
quando vem o perigo! Seria uma infamia!

MARTINS

Porém que quer então que nós façamos,  
Padre?

PADRE MIGUELINHO

Eu quero que vamos lutar.  
Eu ainda não desespero do nosso estado.

MARTINS

Então julga que poderemos  
algum dia vencer!

PADRE MIGUELINHO

Talvez que sim. Veremos.

MARTINS

A luta não tem mais lugar, por que está  
finda; fomos vencidos.

PADRE MIGUELINHO

Não; esperemos ainda.  
Eu sei que o nosso estado é bem mau,  
entretanto podemos esperar que melhore,



porquanto, se estamos p'ra cahir,  
não cahimos de todo.

Poderemos, lutando ainda com denodo,  
vencer. Ora! eu tambem sou homem, não  
exijo que vamos lá mostrar um stoicismo  
rijo expondo-nos á morte assim sem mais  
nem mais, sem fundamento algum,  
sem motivos reaes, e só para  
ganhar applausos...

MARTINS

Mas se tudo se acabou para nós?!

PADRE MIGUELINHO

Mas não...

MARTINS

Eu não me illudo em nada,  
Padre; eu vejo o nosso estado.  
Vamos de mal a peor sempre; e já nada  
esperamos senão uma derrota, ou uma  
illusão tôla, que não vale tomar ao serio.  
Antes depôl-a logo por uma vez,  
que a realidade é esta:  
Já esgotamos tudo e nada mais nos resta  
que nos possa salvar, senão a retirada.  
Todos sabem que nós não fazemos mais  
nada; o General Suassuna e eu fomos  
vencidos em Ipojuca, e a esta hora

estávamos perdidos e seguros nas mãos dos realistas, se nós não podessemos ter fugido logo. Após tanta desgraça o que ha de se fazer?

PADRE MIGUELINHO

Pois bem;  
esperemos aqui um pouco enquanto vem Theotonio, para então decidirmos direito o que se ha de fazer.

PEDROSO

Quanto a mim tudo acceito.

### SCENA III

Os mesmos e MARIANNO  
(que veio da direita)

MARTINS

Que noticias nos dás?

MARIANNO

Está tudo acabado.

PADRE MIGUELINHO

Como?

MARIANNO

O nosso partido hoje foi derrotado  
por uma vez. Até já andam reunidos  
os realistas, dando em berros desabridos  
mil vivas ao seu Rei.

Os nossos partidarios, ao verem  
exultando assim os seus contrarios,  
mostraram-se com mêdo.

E assim, sem mais perigos foram tomando  
tudo os nossos inimigos.

Os marinheiros logo ajuntaram-se á  
plebe e fazem um clamor tal, que só  
se percebe a gritaria; e são de uma  
audacia impudente.

Muitos dos nossos mesmo iam  
marchando á frente da canalha  
que estava a nos injuriar.

Assim foram depois abrir de par em  
par as portas das prisões em que eram  
encerrados todos aquelles que foram  
aprisionados pela revolução.

Rodrigo Lobo, tendo sido avisado então  
d'esse successo horrendo, desembarcou,  
tomou posse das fortalezas, e por causa  
de taes perfidias e vilezas tem hoje  
em seu poder toda a força e a cidade.

Venceu sem gloria alguma,  
e com facilidade alcançou tudo.

PADRE MIGUELINHO

Assim está tudo acabado!

MARTINS

Bem lhe dizia eu, Padre,  
que era baldado lutar.

MARIANNO

Por isso vim dizer-vos sem demora  
tudo o que succedeu p'ra tratarmos  
agora de tomar um partido.

MARTINS

E' mais que decisiva nossa derrota.  
Assim só ha uma evasiva, é a fugida.

PADRE MIGUELINHO

Mas se podessemos ir juntar  
a nossa gente, afim de resistir ao tal  
Rodrigo Lobo?...

PEDROSO

E' verdade, lutemos; lutemos que talvez  
ainda poderemos vencer.  
Mesmo é melhor morreremos combatendo;  
ao menos tremerão os despotas,  
nos vendo matar a tudo e a mais seus  
infames adeptos. Façamos face aos vis  
realistas ineptos, matemos com rancor,  
despedacemos tudo; demos o nosso amor

da patria por escudo; vamos morrer,  
porém mostrando a esses tyrannos  
como sabem lutar os bons  
pernambucanos por sua patria.

MARTINS

Sim, deviamos lutar sendo possivel,  
mas irmo'-nos entregar ás mãos desses  
cruéis, que não vacilarão em mardar-  
nos á forca; irmos lutar em vão, tendo a  
certeza já de perder nossa vida! isso não.

PADRE MIGUELINHO

Mas tambem de que serve a fugida?

MARTINS

Para livrarmos, Padre, a vida, que talvez  
nos sirva p'ra salvar a patria de outra vez,  
pois que agora não é mais possivel.

MARIANNO

Por mim tambem acho melhor fugir, pois  
só assim nos livraremos.

PADRE MIGUELINHO

Bem, meus amigos; não quero mostrar-vos  
desta vez um character severo insistindo  
mais nisto. Eu quizera que nós  
tentassemos ainda um esforço, e se após

elle, fossemos sempre humilhados,  
então sim, seria prudente a retirada.

MARIANNO

Ah! não, não é possível mais, meu caro;  
não ha meio de resistencia;  
tudo está perdido.

PADRE MIGUELINHO

Eu creio que seria melhor a luta, porém  
como não quereis, eu tambem nada mais  
digo, tomo a vossa opinião.

Mas vêde bem, senhores; se um dia,  
vendo a patria a gemer nos horrores  
da tyrannia, vendo-a expirar já exangue,  
alguem se horrorisar diante de tanto  
sangue derramado de balde, então  
seremos nós os criminosos.

Sim, em logar de uns heroes, de uns  
martyres que vão sacrificar a vida  
por uma ideia, nós tomando hoje  
a fugida, nós não seremos mais, senhores,  
do que um bando de desordeiros!

MARTINS

Não!...

PADRE MIGUELINHO

Sim, desordeiros, quando poderíamos ser

muito bem uns valentes uns martyres.  
Já que fomos ou impridentes,  
ou patriotas, dando impulso a essa  
revolta, é do nosso dever irmos morrer  
de envolta co'a nossa ideia e com a  
nossa patria. Então já ninguém poderá  
accusar-nos de não termos character.  
Mesmo é melhor, meus amigos,  
morrer despedaçado em meio aos perigos  
da batalha, do que com a corda na  
garganta. Demais, como provar que  
a nossa causa é santa e justa, quando  
nós a abandonamos? Não; nem devemos  
pensar em tal. O que dirão os vindouros?  
Notando a nossa covardia, elles nos  
olharão com um riso de ironia  
e nos terão por uns – cabeças escaldadas.  
Ao passo que se nós ante as hostes  
malvadas do Rei formos morrer  
com heroismo e gloria, elles respeitarão  
sempre a nossa memoria, elles verão  
que nós fizemos um dever combatendo  
por nossa ideia. E' melhor ser Leonidas  
do que Catilina.

PEDROSO

Eu por mim acceito a decisão  
que tomarem.

MARTINS

Emfim...

(Entram Virginia e Dalila  
que vêm da direita)

## SCENA IV

Os mesmos, mais VIRGINIA  
e DALILA

VIRGINIA

Theotonio está aqui, senhores?

PEDROSO

Não...

VIRGINIA (vexada)

Sabeis dizer onde elle está agora?

E' que talvez a essas horas já foi preso.

Que anciedade! que receios sinto eu,  
meu Deus! Por piedade, meus senhores,  
dizei se sabeis delle.

MARIANNO

Eu sei...

VIRGINIA (interrompendo-o como  
se temesse ouvir mais)



Não foi preso, não é?  
Elle era contra o Rei, mas era bom,  
não fez crime nenhum, eu juro.  
Mas... tenho medo, pois desde hoje que  
o procuro e não o encontro.  
Sube agora na cidade que o povo reunido  
anda com crueldade dando gritos de –  
morte aos patriotas. Tremo de medo,  
pois não sei nesse momento extremo  
se elle foi preso.

MARIANNO

Já eu o vi hoje, e...

VIRGINIA

Sim, mas onde é que elle está?  
O que será de mim, meu Deus,  
se elle chegar a cahir prisioneiro  
nas mãos do Rei?!

PADRE MIGUELINHO

Senhora, é preciso primeiro  
descançardes, estaes tão agitada.

VIRGINIA

Não!

Descançar!! Oh! mas vós não tendes  
coração, senhores! Perdoai que eu nem  
sei o que digo. Eu não sou forte;

eu vejo ante mim o perigo, e em lugar de criar forças, eu esmoreço. Comtudo eu quero ter certeza a todo preço do que já succedeu. Eu vim para saber onde Theotonio está, e não quereis dizer! Sêde francos, dizei toda a verdade. Estaes a me martyrizar; parece que occultaes alguma cousa. Vêde: apenas um momento em que guardaes silencio é um novo tormento para mim. Por favor fallai-me com franqueza. Vós bem sabeis quanto é cruel uma incerteza. Dizei-me tudo, seja uma desgraça, embora!...

MARIANNO

Não ha de que temer. Estive ainda agora com Theotonio em caminho. E até elle me disse que, como vinha mais devagar, eu seguisse na frente e esperasse-o aqui. Juro que nada lhe aconteceu; com pouco elle chega.

VIRGINIA

Obrigada, senhor, eu acredito em tudo. Sim... Mas vós nunca avaliareis de que tormento atroz me tirastes. Meu Deus! é como um pesadêlo!

Eu tinha medo; já parecia-me vel-o  
preso ou morto; Sentia uma perturbação  
tão grande, que julguei enlouquecer.

(Pausa. Depois como que voltando a si)

Perdão, senhores, eu bem sei que tudo  
isso que eu digo não tem valor p'ra vós.  
Não vos zangueis comigo, e perdoai-me  
pois se vos interrompi.

PADRE MIGUELINHO

Não ha que perdoar, senhora; nós aqui  
somos todos leaes amigos, companheiros  
de Theotonio. Assim pois seremos  
os primeiros a achar justa tambem  
a vossa inquietação.

VIRGINIA

Obrigada, senhor, obrigada!

PADRE MIGUELINHO

Mas não tendes de que temer;  
Theotonio ha de chegar  
com pouco mais. Se vós quizerdes espera,  
tem aqui o sobrado, onde repousareis  
um pouco, pois estaes cansada.

VIRGINIA

Inda uma vez, obrigada, senhor! Vamos.

Mandae-me lá dizer quando Theotonio  
houver chegado.

(Miguelinho dá o braço a Virginia e vai  
com ella para o Sobrado.)

## SCENA V

Os mesmos, menos VIRGINIA e  
MIGUELINHO

(Martins e Pedroso fallam baixo com  
Marianno; Dalila á boca da scena  
falla á parte.)

DALILA (á parte)

Já ella sabe d'aquelle a quem ama,  
emquanto eu inquieta tambem não sei  
que succedeu ao doutor Rocha.  
Posso ir perguntar. Mas não, não sabem  
quem eu sou, que juizo farão de mim?

MARTINS (aos companheiros  
mostrando Dalila)

Que rapariga é aquella?

PEDROSO

Não sei; veio com a mulher de Theotonio.

DALILA (para si)

Farei mal em ir perguntar?!

Ora! vou, pois que tem?

(Marianno e Pedroso começam a conversar baixinho um pouco afastado de Martins; Dalila vae então a Martins e pergunta sem que os outros possam ouvir-a.)

Meu senhor, poderá dizer-me se tambem doutor Rocha está livre?

MARTINS (sorrindo espantado)

Está, sim.

DALILA

Obrigada.

(Dalila sae apressada para o sobrado)

MARTINS (comsigo)

Se eu entendo!... Tambem como não tenho nada com isto, que me importa?...

(Elle vai juntar-se a Marianno e Pedroso)

## SCENA VI

PEDROSO, MARTINS e  
MARIANNO

## PEDROSO

Eu perdi a esperança.

O Brasil poderá lutar, mas não alcança a sua liberdade outra vez; ha de ser perseguido e açodado emfim até morrer desgraçado nos pés do paiz que o subjuga.

Queremos nos livrar por meio de uma fuga, mas tudo isto é debalde; estamos já vencidos, ou hoje ou amanhã nós seremos punidos.

Os carrascos reaes quando vencem preparam a guilhotina e a forca aos que se levantaram contra a pessoa augusta e divina do Rei.

Então não ha poder, escondrijo, nem lei que possa mais livrar os pobres revoltosos da morte. Ah! elles são infames, criminosos contra o Rei.

E' o delicto o mais negro e fatal.

Quem o faz vae morrer de morte natural na forca. Nessa terra, amigos, o homem pode ser tudo, basta só que elle não encommode a el-Rei; pode ser salteador de estrada, assassino, perverso ou traidor. Isto é nada, ou quasi nada; é um crime até muito pequeno. Mas se um dia chegar el-Rei com ar sereno e quizer deshonnar vossa filha, se então humilhado a chorar

vós lhe disserdes: “não,” fareis um crime tal que é de uma gravidade enorme, o crime atroz de lesa-magestade!!!!!!

Então, meu caro, adeus, pedi a Virgem Santa que vos leve p’ra o ceu, que é a vossa garganta que ha de pagar o pato. E demais isto é nada.

Vossa filha depois ha de ser desonhada, vossa pobre mulher, vossos filhos serão infamados não sei até que geração e hão de morrer de fome um dia; os bens que haveis deixado são da c’rôa. “Isto prova que os reis são a imagem de Deus na terra. Isto porém, não quer dizer que eu não seja adepto tambem da fugida. Acho bom fugirmos, porém não porque julgue estar nisso a nossa salvação mas para termos só alguns dias de folga, emquanto um ferrabraz do Rei não nos empolga e prende, p’ra depois tirar-nos a cabeça.

MARTINS

Pois que venha prender quando bem lhe apeteça e póde alimentar seus instinctos cruéis que não seremos nós os culpados. Fieis morreremos, se acaso houvermos de morrer. Mas não vamos tambem lá nos offerecer por prazer a uma morte

infructifera. Então não podemos  
jamais soffrer a accusação dos vindouros,  
porque verão que nós fizemos sempre  
pelo Brasil tudo quanto podemos.

MARIANNO

Theotonio e os outros vão tardando já.

PEDROSO

Talvez elles queiram se oppor á fugida.

MARTINS

Uma vez que não ha outro meio, elles  
não poderão deixar de concordar.

(O padre Miguelinho vem descendo  
apressadamente a escada e vem juntar-  
se aos outros que calaram-se espantados.)

## SCENA VII

Os MESMOS, e MIGUELINHO

PADRE MIGUELINHO

Se não foi illusão, eu avistei de lá de cima  
do sobrado um exercito.

TODOS OS OUTROS

Aonde?



PADRE MIGUELINHO (apontando  
Poe entre os bastidores da esquerda para  
o fundo)

Alli d'aquelle lado.

Mas não se póde ver d'aqui, porque é  
detraz do sobrado. Vem já bem perto;  
pouco mais demorará que esteja aqui.  
E me parece que são realistas.

MARIANNO

Bem, que cada qual se apresse  
em fugir, se não quer ser preso.

MARTINS

Sim, sim; vamos emquanto é tempo ainda.

PADRE MIGUELINHO

E por onde?

MARIANNO

Fujamos, meus amigos, e já.

PADRE MIGUELINHO

E' melhor que aguarde a vinda...

MARTINS

Vamos já fugir.

(Entra o Marechal Cogominho

acompanhado de um troço de soldados,  
que veio da esquerda.)

## SCENA VIII

Os mesmos, mais COGOMINHO  
e SOLDADOS

COGOMINHO

Agora é tarde.

(Pausa; ficam os outros como que  
petrificados)

E' tarde, sim. Eu tenho um dever  
a cumprir, meus senhores, e cumpro-o  
aqui sem reflectir.

Ides portanto ser presos pelo mandado  
do meu Governador, o Conde d'Arcos.

MARTINS (á parte)

Fado miseravel o meu; sempre havia  
de ser pilhado pelas mãos deste homem.

COGOMINHO

O dever me obriga a assim obrar.  
Rendei-vos á prisão.

PADRE MIGUELINHO

(mostrando as mãos em tom de supremo

desdem, a Cogominho)

Pois bem, senhor,  
cumpri com a vossa obrigação.

Eis meus pulsos aqui;  
mandai logo algemal-os.

Nós nos rendemos; não como ignóbeis  
vassallos de um déspota;  
mas só como inimigos seus que já  
não podem mais atacal-o.

VIRGINIA (da varanda do sobrado)

Meu Deus o que será aquillo?

COGOMINHO

(aos soldados mostrando os patriotas)

Algemem um por um.

(Dirigindo-se depois para um official:)

Ide ver com mais tres soldados se ha  
algum criminoso tambem la em cima.

(O official sae acompanhado de tres  
soldados, emquanto os outros estão  
algemando os patriotas)

MARIANNO

Demonio! agora vou morrer!

VIRGINIA (da varanda)

Vão presos!... Mas Theotonio?!!

Sim, Theotonio, meu Deus?!!...

MARTINS

Adeus, oh liberdade!

(Virginia vem descendo apressadamente a escada.)

## SCENA IX

Os mesmos, mais VIRGINIA

VIRGINIA (a Cogominho)

E Theotonio, senhor?! Dizei-me por piedade se foi preso também.

(Cogominho nem lhe presta atenção; Virginia continúa)

Senhor! vós que talvez tendes família, vós sem duvida sabeis avaliar do meu vexame nesse instante. Tende pena de mim. E' insignificante o favor que eu vos peço.

COGOMINHO (aos soldados)

Andem muito direito.

Não vão lá amarrar esses homens de jeito que elle possam fugir.

VIRGINIA

Eu quero ter certeza de tudo,  
e ao mesmo tempo acho-me sem firmeza  
para soffrer. Meu Deus! sinto uma  
impaciencia tão grande!

Perdoe a minha persistencia,  
senhor! eu temo até perder minha razão;  
quero nem pensar, não posso;  
estar quieta, em vão.

Não sei, meu Deus, não sei;  
eu vejo-me indecisa.

Ah! vós sabeis, senhor, quanto é que  
martyrisa uma incerteza assim.

COGOMINHO (rindo-se)

Mas que deseja então a senhora?  
Eu não sei ainda o que é.

VIRGINIA

Perdão, senhor; eu para mim só queria  
saber se Theotonio tambem foi preso.

COGOMINHO

Póde ser que fosse; emfim não sei.

(Dirigindo-se ao official que voltou  
do sobrado)

Então?

O OFFICIAL

Não ha ninguem lá em cima senão  
uma mulher.

COGOMINHO

Pois bem vamos embora. Marcha.

(Saem os soldados em ordem levando  
presos os patriotas e marchando ao som  
cadenciado destes versos)

“Bahia é cidade.

“Pernambuco é grotá.

“Viva o Conde d’Arcos!

“Morra o patriota!”

(Virginia fica só em scena.

Por algum tempo ouve-se este canto  
que os soldados entoam em côro,  
e que vae pouco a pouco diminuindo até  
que não se ouve mais nada.)

## SCENA X

VIRGINIA (só)

E’ isto; que lhe importa que esteja uma  
mulher agora quasi morta de desespero e  
dor, de anciedade e amargura?!  
Que lhe importa uma extranha aqui?

Sim, porventura sente elle, como eu sinto, esse immenso vexame?!

Que tem elle com isso?

Eu que afflicta derrame mil lagrimas de dor, de desespero aqui.

Emquanto estou chorando elle olha-me e sorri. Mas não custava nada áquelle homem dizer-me o que lhe perguntei!

Ou para comprazer-me, ou para augmentar mesmo a agonia que lavra dentro de minh'alma. A esmola era de uma palavra; de uma palavra só; uma esmola pequena. Elle não m'a quis dar! viu-me, não teve pena Viu-me chorando, riu-se! Elle achou engraçado ver a pobre mulher assim n'aquelle estado horrendo a perguntar onde estava o marido.

Na verdade que aquillo era bem divertido, fazia a gente rir com gosto...

Uma pessoa, ahi uma mulher que possa andar á tôa, que tem que se importar que seu marido exista?

Disto é que o mundo ri-se.

O mundo é um egoista.

(Vem Dalila descendo a escada)

## SCENA XI

DALIDA e VIRGINIA

VIRGINIA

Ah! estavas aqui, Dalila!

DALILA

Ainda agora de lá de cima vi que estaveis aqui fóra sosinha, e vim então fazer-vos companhia.

VIRGINIA

Obrigada, Dalila! Era tal a agonia, o medo e a inquietação que me iam dentro d'alma que eu nem sei...  
E comtudo eu, meu Deus, estou calma,  
Eu vejo claramente a minha situação!...

DALILA

Se eu pudesse vos dar uma consolação!...  
Eu sei comprehender tambem vossa  
amargura, mas não sei consolar;  
por mais que ande á procura  
de uma palavra só que vos console,  
nada posso dizer; som sei ficar  
agoniada tambem.

VIRGINIA



Pois isto só é bastante, Dalila.  
Modera muito a dor, se podemos carpil-a  
ante aquelles que bem, sabem nos  
entender e augmenta quando nós  
havemos de esconder da vista deste  
mundo o pranto que desbrocha  
de nossos olhos.

DALILA (á parte, pensativa)

Onde estará doutor Rocha?

(Entram pela direita Theotonio,  
Henriques, Tenorio e Barros)

## SCENA XII

As mesmas, e THEOTONIO,  
HENRIQUES,  
PADRE TENORIO,  
BARROS e outros patriotas

VIRGINIA (abraçando Theotonio)

Theotonio! tu aqui?!

Foge, senão te prendem.

Foge; os homens do Rei são crueis,  
não attendem a nada. Ainda ha pouco  
estiveram aqui e de certo tambem  
prenderiam a ti, se te encontrassem.

Foge; elles inda vão perto e irão a te

prender, se fores descoberto.  
Ah! se visses, como eu, o riso de ironia  
que mostraram ao ver aqui minha  
agonia, quando eu te procurava!?...

THEOTONIO

Os nossos companheiros onde estão?

VIRGINIA

Foram já feitos prisioneiros.

BARROS

Prisioneiros por quem?

VIRGINIA

Por um homem que me era estranho.

THEOTONIO

Quem seria?

VIRGINIA

Uma espécie de féra que sabe rir.  
Trazia um bando de soldados.  
Eu nem reparei bem.  
Sei que em todos os lados? só via gente  
armada. O homem que a commandava  
tinha um porte cruel que me atemorizava.  
E' o que posso informar. Eu já não  
via nada. Cheia de susto e medo,

alli agoniada, eu só pensava em ti,  
Theotonio. Parecia que aquelle homem  
cruel e vil se comprazia com as  
dores dos mais.

PADRE THEOTONIO

Meus caros, está visto que nada ha  
a fazer. Cuidemos logo nisto, se não  
queremos ser tambem pilhados.

BARROS

Sim.

(Entra o Dr. Rocha)

### SCENA XIII

Os mesmos, mais DR. ROCHA

DR. ROCHA (entrando)

O que!! ainda estão todos aqui assim!

BARROS

Nós chegamos agora.

DALILA (á parte)

Obrigada, meu Deus! elle está são e salvo.

DR. ROCHA

Ainda bem que os meus esforços

desta vez não ficarão perdidos.  
Sim, meus caros, pensei encontrar-vos  
mettidos em maus lençóes, julguei  
que estaveis presos. Pois já hoje  
o marechal Cogominho se poz  
a caminho p'ra vir vos agarrar.  
Portanto se não fugirdes já já não ha  
mais santo que vos accuda.

HENRIQUES

Mas o marechal já veio e já se foi  
embora ha pouco.

DR. ROCHA

E porque meio vos podestes livrar?

THEOTONIO

Não encontrando-o mais.  
Nós chegamos agora.

DR. ROCHA

E ainda nem trataes de fugir?  
Que fazeis aqui?

PADRE TENORIO

E' o que eu digo.  
Não temos que fazer diante de um  
inimigo mais forte do que nós.  
Que cada qual se apresse

em fugir, é o melhor.

DR. ROCHA (ao Padre Tenorio)

Então, ao que parece, só tu queres fugir.

PADRE TENORIO

Não; nunca deixarei os amigos;  
se já quizerem ir, irei; se ficarem, eu fico.  
Eu apenas emito a minha opinião.  
Assim, disse repito: Será muito melhor  
obrmos com prudencia,  
Já que não vale nada a nossa resistencia,  
tratemos de livrar ao menos nossa vida  
que nos póde servir.

DR. ROCHA

Sim, se hoje está vencida nossa causa,  
depois podeis fazer a guerra aos realistas,  
dar á nossa infeliz terra que tanto tem  
soffrido, a sua liberdade.

E a nossa patria então, contente e feliz,  
ha-de vos amar como a bons filhos.

O nosso povo, cheio inda de um  
valor entusiasta... e novo, vos ha-de  
coadjuvar nessa missão sublime.

Quereis lutar, isto é, morrer?

Será um crime para com a vossa patria  
e p'ra comvosco mesmo.

Oh! irde'-vos expor imprudentes, a esmo

aos ferros do verdugo, ás mãos do  
despotismo: será uma imprudencia  
e nunca um heroismo.

Fugi todos; depois então me mandareis  
dizer onde é que estaes. Eu pela minha  
vez ficarei no Recife observando o que  
houver. E, quando succeder uma cousa  
qualquer contar vós, se d'aqui vos forem  
perseguir, saberei facilmente em tal caso  
impedir que vos achem, porque mandarei  
adiante dar aviso de tudo a vós no  
mesmo instante em que eu souber aqui.

PADRE TENORIO

Sim, doutor, lembrou bem.

DR. ROCHA

Concordam?

HENRIQUES

Eu concordo.

BARROS

Eu tambem.

THEOTONIO

E eu tambem.

HENRIQUES

Tratemos disto já.

PADRE TENORIO

Vamos.

BARROS

Vamos.

(Saem pelos lados Henriques, Barros, Padre Tenorio, e outros patriotas que estavam em scena. Dr. Rocha vae juntar-se a Dalila e conversa por acenos com ella, emquanto Theotonio e Virginia de outro lado estão fallando.)

THEOTONIO (a Virginia)

E nós?

VIRGINIA

Ah! vamos para cá; quero fallar a sós contigo antes da nossa atroz separação. Anda; quero te ver inda uma vez.

(Saem Theotonio e Virginia pela escada.)

## SCENA XIV

DR. ROCHA e DALILA

DR. ROCHA

Então, meu anjinho!...

Isto está só na tua vontade.

DALILA

Mas eu ir commetter tão grande  
crueldade! abandonar assim aquella  
a quem eu devo tudo o que sou!  
Oh! não, senhor, eu não me atrevo.

DR. ROCHA

Pois, meu anjo, tú es uma ingrata.  
De noite, quando apenas se escuta ao  
longe o brando açoitado do vento a assobiar  
nas arvores, sosinho lá no meu quarto,  
eu penso em ti, meu caro anginho.  
Eu penso qual seria o regosijo nosso,  
se podessemos já unir-nos; e não posso  
dormir. Ergo-me então do leito e vem-me  
á mente mil sonhos de ventura e de amor.  
De repente pego na penna e escrevo uma  
ou duas poesias, que só em corrigir levo  
uns quarenta dias, e publico depois  
com o nome de Improviso.

(Tira um papel do bolso e mostra-o  
a Dalila)

Vou ler uma. Depois darás o teu juizo.

(Lê em tom emphatico e meio ironico)

Virgem, que nos meus olhos entrevejo,  
mais bella do que a aurora purpurina



que o ceu da negra noite descortina,  
corada ainda de um celeste pejo!...

Virgem, se tu soubésses o desejo  
que por minh'alma vae, que me domina,  
de afagar-te essa face alabastrina  
com a caricia Angelica de um beijo!...

De unir ao teu corpinho delicado  
meu corpo de voluptia e amor acceso,,  
e vel-o com prazer descortinado  
aos olhos, a que sempre foi defezo!...

Ver o calice roseo, nacarado  
do roxo lyrio que uma c'rôa occulta;  
corôa de um veludo delicado  
que ás vezes louro, ás vezes negro exulta!...

E entreabrir a corolla desse lyrio,  
e molhar-me no róscio que elle abriga;  
e depois... ah! depois, oh minha amiga,  
dar-te gosos maiores que os do empyrio!...

(Lida a poesia, o Dr. Rocha começa  
a fallar)

Eis a poesia que eu te fiz, anjo, que tal?  
E' verdade que falta a oração principal,  
mas isto pouco importa.

DALILA

Está me parecendo que é bonita.

Eu porém quasi que nada entendo.

DR. ROCHA

Esta é a moda, filha.

Uma cousa enredada, de que a gente não pode entender nem pitada, é que se acha bonita. Aquillo que é vulgar ou é simples, não presta.

(Mudando de tom)

Então, queres ficar, ou queres ir commigo?

DALILA

Eu?!... eu irei, senhor.

DR. ROCHA (muito alegre)

Pois vamos, vamos já, meu anjo,  
meu amor.

(Vão-se pela esquerda: o palco fica um instante vazio)

## SCENA XV

VIRGINIA e THEOTONIO

(que vieram do sobrado)

THEOTONIO

Adeus, Virginia, adeus! Beija o nosso

filhinho muitas vezes por mim.  
Falta-lhe o meu carinho, porém resta-lhe  
o teu, que lhe servirá mais.  
Adeus, Virginia, adeus!

VIRGINIA

Mas quando voltarás?

THEOTONIO

E poderei saber, eu, pobre criminoso,  
que me devo julgar já por demais ditoso  
em poder me esconder?!

Posso sabe-lo? Não! Tu não sabes qual  
é minha situação. Imagina como é um  
pobre foragido sem destino, sem nada,  
a errar como um bandido pelos matos,  
sem ter confiança em ninguém!...

Se vê um homem, foge a julgar que elle  
vem prendel-o. Não possui casa, nem  
moradia. Vagabundo alta noite, errante  
todo o dia; é o viver do tigre, o viver de  
uma féra! Se não fosse a ilusão em que  
minh'alma espera, ah! se não fosses tu,  
se não fosse meu filho, eu não quizera  
nunca esse medonho exilio,  
eu preferira a morte; a morte, sim.

Qu'importa a morte, quando a esp'rança  
está quase que morta?

VIRGINIA

Meu Deus, meu Deus!

Theotonio, oh! não falles assim!

Foge. Deves viver p'ra teu filho  
e p'ra mim. Foge. Um momento só  
que demores, talvez te perca.

Os outros já fugiram todos.

Vês ? Foge, Theotonio!

(Ficam nos braços um do outro  
um instante)

THEOTONIO (dispondo-se para sahir)

Adeus, Virginia!

VIRGINIA

Adeus, adeus!

(Theotonio sae pela direita,  
Virginia fica só.)

E eu fico só aqui! Dae-me valor, meu Deus!

Ah! não! fica Dalila. Ella me estima  
tanto! é quasi minha irmã.

Ao ver meu duro pranto ella virá  
tambem chorar commigo. A dôr, por  
mais cruel que seja, abrandá-se ante  
o amor d'uma alma nossa irmã,  
quando a nossa vacilla já.

(Procura com os olhos, e depois  
chama alto:)

Dalila! Dalila!

(Meio inquieta sobe a escada  
chamando ainda:)

O' Dalila! Dalila!

(Ninguem responde. Enquanto ella sobe  
a escada, o pano desce.)

FIM DO 3° ACTO

——— 0 ———

# ACTO IV

## A TRAIÇÃO

—— 0 ——

A sala de uma estalagem.  
Uma porta ao fundo dando para o inferior d'ella e outra á direita dando para uma alcova. Do lado esquerdo uma pequena meza, cadeiras, etc.  
Ao subir o panno estão sentados em torno da meza o Dr. Rocha e Luiz do Rego; sobre a meza garrafas e copos.  
E' 30 de Junho de 1817 ao amanhecer.

—— 0 ——

## SCENA I

DR. ROCHA e LUIZ DO REGO

DR. ROCHA (empunhando um copo)

Viva o bom vinho! viva o bello sexo!  
viva o prazer!

(Bebe. De quando em quando enche o copo e bebe)

LUIZ DO REGO (á parte)

E já é o vinho que motiva essa alegria!

DR. ROCHA (acabando de embicar um copo)

Olé! e que bom paladar faz esse vinho!

A vida é breve, p'ra gozar d'ella  
é preciso isto:

(Vira outro copo)

enchermos bem a pansa do vinho bom.  
Emquanto a gente não descança na cova,  
é bom passar a vida assim á larga, que a  
vida sem o vinho é uma vida amarga,  
só vida de ermitão.

Eu por mim não sou fraco,  
posso beber, beber, beber mais  
do que Bacho, mais do que Horacio,  
mais do que essa rafaméa...

(Enchendo de vinho o copo do marechal  
Luiz do Rego)

Beba mais, Marechal. Ora! não faz ideia  
como o vinho está bom.

LUIZ DO REGO

E' bastante, Doutor, deixemos isto  
para outra vez.

DR. ROCHA

Não, senhor, agora é que está bom o vinho. Experimente.

LUIZ DO REGO (á parte)

Irra! que a carraspana está já imprudente.

DR. ROCHA

Bebamos, Marechal; é tempo de alegria, vamos nos divertir; demais hoje, que é o dia em que se ha-de prender essa canalha ruim de patriotas. Heim! não é isto? Eu por mim quero me alegrar bem; a alegria é virtude.

(Enchendo de novo o copo de Luiz do Rego)

Encha o seu copo, ande; é á sua saúde: Hip! hip! hip! hip! hurrah! E saúde como esta a uma pessoa assim como o senhor, não presta sem ser solemnizada. Eu vou solemnizar-a bem alto, que retumbe aqui por toda a sala.

(Com voz pouco firme, porém alta, começo a cantar)

Quando acabar-se a alegria,  
que vier o desprazer,



bebamos por todo o dia,  
que tudo se ha-de esquecer.

Quando alegres estivermos  
sem saber o que fazer,  
bebamos quanto podermos,  
bebamos até morrer.

Essa vida passa breve,  
vamos gozal-a, é beber;  
depois que o diabo nos leve,  
que nos importa morrer?

Viva o bom gosto e alegria,  
diabo leve o desprazer;  
bebamos por todo o dia,  
bebamos até morrer.

(Bebe ainda e depois começa a fallar)

E' um dithyrambo.

LUIZ DO REGO

Bem.

DR. ROCHA

E que é de minha lavra.

LUIZ DO REGO

Então é poeta?

DR. ROCHA

Sou. Que tal acha?

LUIZ DO REGO

Palavra! que acho bôa a poesia.

(Batem na porta do fundo)

Estão batendo ahi.

DR. ROCHA (levantando-se)

Quem é?

O ESTALAJADEIRO (de fóra)

Sou eu.

DR. ROCHA (abrindo a porta)

Que quer?

O ESTALAJADEIRO

E' uma pessoa aqui que deseja fallar  
co'os senhores.

DR. ROCHA

Pois creia que veio pouco a tempo.

O ESTALAJADEIRO

E' o Antonio Correia Calheiros.

DR. ROCHA

Está bem.

LUIZ DO REGO

Pois traga-o para cá.

(Sae o estalajadeiro, e pouco depois volta com Calheiros, e retira-se.)

## SCENA II

DR. ROCHA, LUIZ DO REGO e  
CALHEIROS

LUIZ DO REGO

Então já descobriu os patriotas?

CALHEIROS

Já.

LUIZ DO REGO

Veio com elles?

CALHEIROS

Vim.

LUIZ DO REGO

E onde é que elles estão?

CALHEIROS

Estão todos aqui por perto; para não haver suspeitas, tem cad'um delles de vir por sua vez.

LUIZ DO REGO

Mau! mau! Não vão se escapulir.

CALHEIROS

Deixe estar; tenho-os já todos na ratoeira.

LUIZ DO REGO

Seguros?

CALHEIROS

Não; achei uma melhor maneira  
de conduzi-los; vêm todos por seu desejo,  
e ansiosos até.

DR. ROCHA

Então, pelo que vejo, usou, do meio que  
eu também uso – a mentira.  
É um meio bem bom, que quase sempre  
tira resultado.

CALHEIROS

Usei de outro, a eloquência.

DR. ROCHA

Ora esta! é a mesma coisa.

CALHEIROS

Não; a mentira não presta,  
ao passo que a eloquência...

LUIZ DO REGO

Ora deixemos isto. Conte o que succedeu.

CALHEIROS

Pois bem. Eu tinha visto desde logo que o meu trabalho havia de ser immenso; todavia eu tinha de o fazer dêsse lá no que dêsse; assim puz-me a caminho. Encontrei cada um occulto em seu cantinho. O Henriques, o Theotonio e o Barros; repeti a cad'um o que nós tínhamos preparado, isto é, que o Marechal, tendo sido avisado por aqui do logar onde elles se esconderam, mandara-os perseguir. Elles, coitados! creram em tudo em continente, e disseram que em vista dessa grande desgraça, iriam á entrevista que o Doutor lhe marcou na carta que mandára a cad'um delles.

LUIZ DO REGO

Bem; como mostrou tão rara habilidade, tem de ser recompensado dignamente.

CALHEIROS

Pois sim, Marechal, obrigado.  
Mas não foi só isto o que deu-me

trabalho; o peor, que me fez andar como paspalho de cima para baixo a procurar em vão por esse tempo todo, e que eu quasi que não encontro, porque o bicho era mesmo finorio, foi o tal padre, o Padre... Eu nem sei mais.

DR. ROCHA

Tenorio.

CALHEIROS

Isto mesmo. Home' o bicho era o padre afinal; sabido! só come elle! Andei como animal a procural-o, e só pude achal-o depois de muito tempo; e elle ainda em cima poz duvida, quando leu a carta do Doutor. Mas eu sou cabra bom, pinteilhe tanto horror, disse que o Marechal tinha mandado gente para o prender, fallei, até que finalmente elle se decidiu a vir tambem commigo.

LUIZ DO REGO

Confesso-lhe que andou muito bem, meu amigo.

CALHEIROS

Por isso devo ter direito á recompensa que o Marechal marcou para quem

sem detença descobrisse o logar em que  
estavam mettidos os patriotas.

LUIZ DO REGO

Bem; ser-lhe-hão concedidos  
quatrocentos mil réis mais.  
Darei amanhã.

CALHEIROS (á parte)

Hum! vale a pena já trabalhar com afan  
para se ganhar isso!

LUIZ DO REGO

A que hora elles virão?

CALHEIROS

Eu marquei para dez e meia.

LUIZ DO REGO (puxando o relógio)

Dez já são.

(Batem de manso na porta, Dr. Rocha  
vae abril-a)

DR. ROCHA (ao Estalajadeiro na porta)

O que é lá?

O ESTALAJADEIRO

Está ahi um sujeito embuçado  
perguntando aonde é o salão reservado

que o Doutor alugou aqui,  
e manda dar isto.

(Entrega uma carta ao Dr. Rocha que  
abre-a e lê)

DR. ROCHA (baixo a Luiz do Rego)

E' Theotonio.

LUIZ DO REGO

Bem, vamos nos retirar.

(Ao Estalajadeiro apontando para  
a meza)

Tire isto, e conduza o sujeito p'ra aqui.

DR. ROCHA (ao Estalajadeiro)

Diga-lhe que eu virei mais tarde,  
que sahi.

(Saem; o Estalajadeiro tira a meza que  
estava no palco e depois sae tambem.)

### SCENA III

THEOTONIO e o  
ESTALAJADEIRO

O ESTALAJADEIRO

E' este, meu senhor, o salão alugado



por Dr. Rocha. Aqui póde estar  
descançado.

THEOTONIO

E o Dr. Rocha aonde está?

O ESTALAJADEIRO

Elle sahiu promettendo voltar em breve;  
e me pediu que se alguém procurasse-o  
aqui, eu conduzisse para este salão.

THEOTONIO

Mas elle não lhe disse quem era?

O ESTALAJADEIRO

Disse só que eram quatro  
pessoas embuçadas, porém a mim  
não nomeou-as.

Pelos signaes que deu conheci que  
o senhor é um dos quatro.

THEOTONIO

Sou. Vou pedir-lhe um favor agora;  
tem de vir aqui uma mulher procurando  
por mim; assim que ella vier,  
conduza-a para cá.

O ESTALAJADEIRO

Sim, senhor.

(Sae o estalajadeiro fechando a porta  
atraz de si; Theotonio fica só em scena)

## SCENA IV

THEOTONIO (só)

Criminoso!!

Labeu horripilante! epitheto affrontoso!!  
que o mundo, o mundo egoista atira-  
me na frente. Mas que importa? Que  
o mundo implacavel me aponte como  
rebelde, como um traidor, como um vil,  
que me importa? Eu só quis foi livrar  
o Brasil! Se quem ama o que é justo,  
o bem, a liberdade, se quem da tyrannia  
aborrece a maldade, se quem estima  
a patria é criminoso, então sou criminoso  
eu! Mas não; mil vezes não! não fez um  
crime quem no mundo apenas quis livrar  
de um despotismo atroz o seu paiz,  
a sua cara patria! Oh não! não faz um  
crime quem quer livrar somente um povo  
a quem opprime a horrivel tyrannia!  
Entretanto eu nem ousou mostrar-me  
aos meus, porque chamam-me criminoso.

(Uma pausa, começa a passear  
pelo scenario)

Pernambuco!! E o teu povo, esse povo valente, que soube suportar com energia ardente todo peso da Hollanda, inerte e imbelle agora vê os duros grilhões que afferrôam-no, e chora, tem medo! Onde é que estaes, filhos de Henrique Dias?!

Pernambuco?! onde está o tempo em que brandias teu ferreo braço contra aquelles que quizeram dominar-te?! Acabou-se! E' que então todos eram honrados; é que então todos sabiam ter amor por ti; ninguém occupava-se em ver se havia de cahir exausto na batalha.

Hoje não, hoje até vêm coser-te a mortalha teus filhos mesmo. O medo, a cubiça ferina é o que elles sentem hoje, é só o que os domina.

(Pausa)

Misero estado o meu! Porque sentia amor por minha patria e quis tiral-a do torpor em que via-a abysmada, ando triste proscrito sem patria, sem familia a errar como um maldito escondido! Que triste e horrivel situação! Ah! se eu fui criminoso, a minha expiação já foi bastante.

Ha de um mez (um seculo p'ra mim)  
que eu vivo nesta vida horrenda e triste.  
Assim longe do unico bem que me existe,  
a familia; se eu desejo dormir sempre  
a insomnia, a vigilia.

E nem dormindo eu sou feliz,  
sobresaltado accordo, crendo ver horrivel  
a meu lado os sequazes do Rei.

Oh! mil vezes a morte! Mil vezes!  
porque o meu soffrimento é mais forte.  
Mas nem mesmo morrer me é dado.

O que seria minha pobre mulher sem  
minha companhia para sempre?!

E o meu filho! e o meu pobre filhinho?!  
como ha-de elle viver neste mundo  
sosinho! E' horrível, meu Deus!

(Pausa. Nervoso, passeia pelo scenario.  
Depois batem na porta do fundo,  
Theotonio vae abril-a)

O ESTALAJADEIRO (da porta)

Já veio o procurar a mulher que  
o senhor me disse.

THEOTONIO

Faça-a entrar.

(Entra Virginia; Theotonio fecha a porta.)

## SCENA V

THEOTONIO e VIRGINIA

THEOTONIO

Virginia!

VIRGINIA

És tu Theotónio, és tu?

THEOTONIO

Não vês? sou eu.

VIRGINIA (abraçando a Theotónio)

Obrigada, meu Deus!

Não é engano meu,  
eu vejo-o, tenho-o aqui commigo.

(Pausa)

Se soubesses quantas supplicas, sim,  
quantas ardentes preces eu tenho feito  
a Deus p'ra te ver livre!...

E agora Deus, que sabe acceder a quem  
como eu o adora, ouviu a minha prece  
e deu-te a liberdade. Soffri muito;  
soffri atrozmente, é verdade, mas Deus  
recompensou-me, estás livre.

Oh! mas vem para casa, vem ver nosso  
filho que tem estado tão doente agora.

THEOTONIO

Está doente?

VIRGINIA

Esteve quasi á morte; agora felizmente está muito melhor. Deus ha de soccorrel-o já que te soccorreu tambem. Mas vamos vel-o. Vem, Theotonio! Porque hesitas?

THEOTONIO

Eu não posso, Virginia.

VIRGINIA (assustada)

Mas porque, meu Deus?!

THEOTONIO

E' que inda o nosso estado não mudou, é o mesmo.

VIRGINIA

Ah! tu então ainda não estás livre de todo?

THEOTONIO

Não. Já nada tenho mais, nem mesmo a liberdade. Perseguido sem fim pela fatalidade, eu fugi, mas não sei para que, pois de nada me serve, passo a vida horrenda e atribulada de um criminoso

vil que não acha um logar aonde se  
esconder, aonde julgue estar seguro.  
E' esta só a realidade.  
Eu sei que é um golpe cruel demais  
que eu te darei dizendo-te a verdade!...  
oh! mais o que fazer? ou mais cedo ou  
mais tarde havias de saber.  
Agora deves ter resignação bastante  
para soffrer ainda essa dor lacerante.  
Eis nosso estado pois.  
Resigna-te; p'ra ti é só este remedio.

VIRGINIA

Ah! sim! já conheci que Deus deseja só  
deixar-me abandonada sem um apoio  
mais. Posso estar resignada quando  
vejo a desgraça a me fazer mais fundo  
meu soffrimento já tão grande,  
tão profundo? Mas que fazer, meu Deus!  
eu julgo que enloqueço!

THEOTONIO

Nosso filho, Virginia!

VIRGINIA

E julgas que me esqueço?!  
Este golpe de mais agora só me aviva  
a dor já tão cruel que a desgraça me criva  
dentro em meu coração.

THEOTONIO

Resigna-te.

VIRGINIA

Pois bem, resigno-me, porque...

(Vendo Theotônio enchugar uma lagrima)

Ah! tu choras também!

Sim! no mundo não ha felicidade apenas!  
sempre após o prazer vêm as dores  
e as penas, os prantos, a amargura,  
a insipidez e o tédio.

Resigno-me, que é esse o unico remedio;  
resigno-me; porque também tens  
supportado um martyrio, e no entanto  
estás já resignado.

Resigno-me, porque só a resignação  
e uma esperança louca em tal occasião  
me poderão valer. Resigno-me... Somente  
em tal resignação soffro mais atrozmente.

Sim, tanto soffri já que um golpe,  
que devia enlutar-me inda mais co'uma  
dor mais sombria, faz-me soffrer, porém  
soffrer muda e calada.

A dor grande de mais pouco a pouco  
avivada concentra-se cruel dentro  
do coração; o pranto seca; mas essa  
consolação não é real, porque a dor inda



persiste ardente como brasa; o rosto fica triste; a alegria, esse bem supremo, desaparece; o coração magoado é vivo, não se esquece d'aquella dor cruel, feroz que o assassina.

E uma existencia assim fraca, debil, franzina começa a procurar a ultima jazida aonde encontre a paz que não achou na vida.

Oh! sim, Theotonio, e é só o que me resta, a morte essa esp'rança final, o derradeiro córte da existencia; p'ra mim o unico repouso.

THEOTONIO

E o nosso filho?

VIRGINIA

Sim! nosso filho!... Eu nem ousou pensar o que será d'elle para o futuro. Orphão desamparado e desgraçado obscuro!...

Nunca!..

(Fazendo gesto de horror. Pausa)

Sim, dizes bem; agora eu quero a vida, quero ter a esperança em mim já renascida!...

Sim, eu quero viver, viver para o guiar

nessa vida cruel por que elle ha de passar  
inda inexperiente.

(Pausa)

Ah! tu não avalias quanto eu tenho  
soffrido aqui por esses dias  
depois daquella hora em que  
nos separamos.

Vou contar-te: Accedendo aos meus  
justos reclamos, tu fugiste. Eu fiquei  
sosinha; parecia nesse momento atroz  
que a alma já me sahia do meu corpo.  
Eu nem sei pintar o meu estado;  
eu tinha o coração como que espedaçado;  
era uma dor cruel. Depois chorei;  
chorava como uma louca, então a dor  
que me magoava foi-se abrandando,  
até que pude reprimil-a.

E recordei-me então que estava ahi  
Dalila que me amava, e talvez viesse me  
consolar. Olhei, não vi-a, então eu mesmo  
a fui chamar. Chamei-a, procurei.  
Em vão. — Tudo deserto.

Oh! ninguem poderá avaliar de certo  
o que passou-se em mim. Estava, como  
louca, senti como um sorriso apontar-  
me na bocca, um sorriso feroz, como que  
uma ironia inexprimivel, douda, horrivel  
e sombria.

Eu não via; sentia apenas um terror  
de inda não poder mais supportar essa  
dor, de chegar a cahir, esmagada  
da sorte, no abysmo da loucura,  
ou no abysmo da morte.

THEOTONIO (horrorisado)

Era horrivel, meu Deus!!

VIRGINIA

Inda não era nada!

Muito tempo fiquei nesse estado, sentada  
n'uma cadeira até que pude melhorar  
um pouco. Levantei-me então, e de vagar  
fui andando, nem sei por onde;  
de repente apresenta-se feio e horrendo  
á minha frente um cadaver co'a corda  
ao pescoço. Inda não sei se foi realidade  
ou se foi illusão; sei que tomada então  
de um horror verdadeiro, eu vi bem!

THEOTONIO

Talvez fosse o Padre João Ribeiro  
que se tinha enforcado alli naquelle dia,  
como eu sube depois.

VIRGINIA

O que eu então sentia era horrivel!  
Naquelle instante pareceu a mim

que aquelle corpo enforcado era teu,  
Theotonio; olhei de novo e acreditei  
que o fosse. E não sei mais dizer  
o que foi que passou-se em mim.  
Por sobre a meza estava um frasco  
aberto, tirei-o, crendo ser um veneno  
de certo; levei-o á bocca;  
então me veio uma lembrança de meu  
filho; foi um vislumbre de esperança; o  
frasco me cahiu das mãos,  
e eu desmaiei.

THEOTONIO

E eu distante, meu Deus! Depois?

VIRGINIA

Depois não sei.

Quando voltei a mim achava-me deitada  
sobre o meu leito; então puz-me a olhar  
desvairada em torno ao quarto,  
e vi sentado á cabeceira um medico.  
Bem vês, soffri desta maneira e estou  
viva; julguei que não fosse tão forte.  
Já nem sei o que tenho a esperar mais  
da sorte, tantos males crueis tenho eu  
aqui soffrido que nada estranho mais.  
Que te tem succedido todo esse tempo?  
dize. Inda tens esperança de ficar livre?  
Ainda esperas a mudança da sorte?

THEOTONIO

Ah! eu nem sei; queira Deus que assim seja.  
A desgraça também agora me dardeja  
seus males, como a ti, me persegue  
também. Se outr'ora para mim tudo  
seguia bem, hoje... hoje um abysmo  
enorme, grande e fundo está aberto  
a meus pés. Vivo fora do mundo, junto  
co'os animaes, escondido nos matos,  
exposto á chuva, ao sol, succumbindo  
aos maus tratos de uma vida cruel  
e atroz de fugitivo, perseguido sem fim;  
é como eu hoje vivo.

VIRGINIA

Porém como é que estás hoje aqui?

THEOTONIO

Vou contar-te:

Ando sempre escondido e occulto em  
toda parte, fugindo do inimigo,  
eu e meus companheiros; mas deixamos  
aqui um dos mais verdadeiros patriotas,  
o qual disfarçado vigia por nós, e até  
aqui só era quem sabia onde estávamos;  
mas já o Governador, achando  
informação do lugar, mandou pôr  
guardas em nosso encalço; então o nosso

amigo mandou-nos avisar desse novo perigo e aconselhar que nós viessemos aqui ver se algum meio ha de fugirmos; ahi antecipei-me e vim antes da hora marcada para aqui; que é p'ra onde está determinada essa reunião. Antes de aqui chegar passei por nossa casa; ainda quiz entrar, mas depois me lembrei que tudo anda cercado de espiões e que assim podia eu ser notado por alguns delles; foi então que te escrevi mandando-te dizer que viesses aqui.

VIRGINIA

Quem sabe se não ha nisto alguma traição? Theotonio! debes ter muita cautela.

THEOTONIO

Não; não é possível! pois temos tido muito cuidado, cada um de nós veio até bem disfarçado, entramos na cidade antes de amanhecer, tudo dormia, e assim ninguem nos pôde ver.

VIRGINIA

Mas esse amigo teu que te mandou chamar?

THEOTONIO

Elle é muito fiel, não ha que duvidar,  
e tanto que é capaz de dar a sua vida  
para coadjuvar a nós nessa fugida.  
Sem elle com certeza eu já não viveria.  
Duvidas, pois, ainda?

VIRGINIA

Eu digo que seria melhor desconfiar.

THEOTONIO

E duvidas?

VIRGINIA

Não sei; tudo me faz tremer.

THEOTONIO

Pois eu te mostrarei que tu não tens  
razão. Elle nos tem provado por muitas  
vezes quanto é por nós dedicado,  
tem se arriscado a ser descoberto traidor  
do governo, porque ante o Governador  
elle está só fazendo o papel de um espia;  
de modo que se fôr descoberto algum dia  
ha de ser enforcado incontestavelmente...

(Batem algumas pancadas na porta  
do fundo)

VIRGINIA

Estão batendo ahi. Quem é?

THEOTONIO

Provavelmente meus companheiros.

(Vae abrir á porta da direita, abre-a, e olha para dentro; depois vae trazer Virginia para junto da porta, e diz-lhe:)

Entra, e espera aqui por mim enquanto vou fallar aos meus amigos.

VIRGINIA (entrando)

Sim.

(Virginia entra pela porta da direita, theotonio cerra-a e vae depois abrir a do fundo. Entram Barros, Henriques e o Padre Tenorio.)

## SCENA VI

THEOTONIO, BARROS,  
HENRIQUES e PADRE TENORIO

THEOTONIO (abrindo a porta)

Entrem.

BARROS (entrando)

E não está inda aqui o doutor?

THEOTONIO



Não.

(Entram todos e sentam-se;  
Theotonio fecha a porta)

PADRE TENORIO

Triste sorte é a nossa! E' preciso valor  
para se supportar tanta desgraça!  
Tudo anda nos perseguindo.

BARROS

E, se me não illudo, havemos de parar  
todos no cadafalso!

HENRIQUES

De certo, o nosso estado é bem critico  
e falso!

PADRE TENORIO (pensativo)

Sempre a desgraça, sempre a atroz  
fatalidade!

THEOTONIO

Nós, que lutamos só em prol da liberdade  
de nossa cara patria, hoje vemos somente  
o despotismo atroz, ousado, onnipotente,  
que tanto nos persegue, atormenta  
e ameaça. Tudo foi contra nós;  
o infortunio, a desgraça parece combater  
contra o justo e o direito!...

Ás vezes até perco a esperança!

PADRE TENORIO (pensativo)

Desfeito todo o nosso trabalho!

Isso foi como um sonho louco, aerio,  
infantil, fantastico e risonho, mas cujo  
despertar já se mostra tão triste!

Sim! tudo se acabou e nada mais existe  
senão como lembrança airosa do passado!

Lutar e depois ver que tudo foi baldado,  
fazer assim um mal, crendo fazer  
um bem!...

Faz perder a esperança!!

HENRIQUES

E nem temos ninguem mais a nosso  
favor, todo o auxilio acabou-se p'ra  
sempre; o Padre João Ribeiro suicidou-se,  
Miguelinho, Martins, Marianno e Pedroso  
foram presos; e desde esse dia horroroso  
em que por uma vez cahio a liberdade  
e as tropas do tyranno entraram  
na cidade, em que Rodrigo Lobo,  
esse lobo esfaimado, prendeu sem vacilar  
ferozmente um punhado de cidadãos,  
e só porque eram brasileiros,  
desde esse dia nós, sem sermos  
prisoneiros, soffremos um martyrio;  
os braços dos tyrannos com seus actos

servis, ferinos, deshumanos,  
vivem nos perseguindo.

BARROS

E essa perseguição, em que se vê somente  
o instinto de aversão, só poderá deixar  
de andar em nosso encalço quando  
houvermos chegado ao pé do cadafalso.

PADRE TENORIO (com ironia)

Sim, porque somos hoje os grandes  
criminoso, os traidores crueis do Rei,  
os vis leprosos da humanidade,  
que hão de soffrer por justiça os golpes  
do carrasco, e insuflar a cubiça  
de Sua Magestade á custa de seus bens.  
Que arrancando do pobre os ultimos  
vintens, arrancando do rico o que podem  
tirar, os sequazes do Rei só vivem  
a arrancar tudo o que o povo tem para  
o seu bom senhor.

E o povo que se ponha a curtir sua dor,  
pois se chega a rosnar, vem Sua  
Magestade e o manda degollar então  
por caridade. E o pobre povo então —  
os vassallos leaes de Sua Magestade, —  
aos desejos reaes abaixa humildemente  
a cabeça sombria.

Ah! fallam por ahi nessa soberania do povo; não são mais que palavrões bonitos! O povo não é nada; o que elle com seus gritos hoje apupa, amanhã eleva ao Capitolio. Elle quer por senhor algum tigre que esfole-o; e sabe lá o que é liberdade! Primeiro quando elle ouve gritar com fervor verdadeiro: —“Viva a republica” — elle então grita tambem: “Viva”; mas quando algum lacaio do Rei vem, começam a gritar: — Viva o Rei, viva o Rei.

THEOTONIO

Exageraste...

PADRE TENORIO

Não, eu não exagerei, tanto que vou mostrar um exemplo bem forte, que todos possam ver: No Rio Grande do Norte ao saberem que nós tínhamos já firmado a nossa independencia, o povo ergueu o brado de revolta e seguiu nosso exemplo tambem, tendo o André Maranhão como chefe; porém ao saberem depois que fôra destruido nosso governo aqui, entraram no partido dos realistas com tal instincto

de aversão, que chegaram a ir contra  
o André Maranhão e a assassinal-o,  
só porque elle tambem era dos nossos.

## HENRIQUES

Proceder igual ao de uma féra!  
Um povo cego assim, que chega a  
assassinar de um modo tão cruel por um  
motivo alvar um pobre cidadão pacifico  
e bondoso, jamais compreenderá esse fim  
glorioso, que com tanto fervor  
nós buscamos.

## PADRE TENORIO

E nós, que erguemo'-nos aqui para  
abater o atroz despotismo do Rei,  
tivemos a loucura de contar co' o valor,  
heroismo e bravura dessa gente!  
E' que nós lutando corajosos, julgamos  
que tambem os nossos generosos intentos  
fossem sempre acceitos de bom grado  
de todos; porém não, o povo acorvadado  
tem medo do tyranno — o Briareu de  
cem braços, e a chorar e a tremer não  
dará mais dous passos.  
Tem medo que o tyranno o esmague  
de uma vez co' o requinte feroz de sua  
malvadez; e tornam-se servis como

infames escravos que á custa de soffrer  
já tornaram-se ignavos.

Então esse bom pae e amigo Portugal,  
para fazer um bem, com amor paternal  
castiga fortemente o seu caro Brasil,  
que, sem buscar erguer-se, abaixa-se  
servil aos pés de um pae tão bom.

HENRIQUES

E que por isso dirá que do seu cão raivoso  
fez submisso. E o pobre cão soffrendo os  
tormentos crueis um dia morrerá  
de tantos pontapés que lhe dão.

BARROS

Portugal tambem que se acautelle,  
porque, se o pobre cão hoje  
mostra-se imbelle, soffrendo sem rosnar  
os pontapés, um dia virá em que, atacado  
ahi de hydrophobia, levante-se contra  
elle enterrando-lhe o dente, e depois  
disso vá viver independente. Sim, um dia  
virá em que o povo cansado de soffrer,  
erguerá com heroísmo o brado de revolta  
e terá a sua independencia.

Que importa que elle hoje, em cruel  
indolencia, veja assim triumphar  
o despotismo?! Ainda a energia real delle

está finda, elle espera somente  
a occasião propicia de combater;  
e então com sujeição ficticia quer illudir  
de novo o despota co'o fim de preoarar-se  
bem, de se munir. E assim creio que não  
está longe o dia em que ha-de se levantar  
aqui em prol da liberdade.

#### PADRE TENORIO

Porém quando será que ha-de vir esse dia?  
Depois que cruelmente as mãos  
da tyrannia houverem esmagado  
em suas garrars brutas mil vicitmas;  
depois de porfiadas lutas em que  
o sangue do povo esmagado enrubeça  
o solo do Brasil; em que a fatal cabeça  
do tyranno se banhe em sangue.

#### BARROS

Uma nação que tenha de fazer uma  
revolução ha-de primeiro ver muito  
sangue espargido em seu solo.  
E' um meio horrivel, revestido de mil  
males; porém é o unico que ha;  
é imprescindivel mesmo.

(Ouve-se bater na porta do fundo,  
e a voz do)

DR. ROCHA (fóra)

Abram lá.

HENRIQUES

Quem será?

DR. ROCHA (fóra)

Abram lá, que sou eu, o Rocha.

THEOTONIO (abrindo)

Pode entrar.

## SCENA VII

Os mesmos e DR. ROCHA

(Dr. Rocha entra um pouco alegre de mais, aperta a mão a todos e depois senta-se numa cadeira)

DR. ROCHA

Tiveram medo, heim?

BARROS

Não.

DR. ROCHA

Não queres confessar.

Fallem franco! vocês tiveram seu sustinho.



BARROS (á parte, admirado)

Que destempero!

DR. ROCHA

Eu vim mesmo devagarinho, e disse  
então commigo: eu vou fazer um medo  
áquella gente, e assim puz-me a arranhar  
co' o dedo a porta.

PADRE TENORIO (á parte)

Elle está doido!

DR. ROCHA

E um de vocês de cá disse logo  
a tremer co' a falla:

(Arremedando a falla de Henriques  
com uma careta)

“Quem será?”

HENRIQUES (á parte)

Este diabo está doido ou bebado.

(Os outros olham-se entre si e reim-se)

DR. ROCHA

Ah! estão se rindo! E é de mim?

THEOTONIO (á parte)

Irra! em que collisão viemos nos metter!

(Alto, dirigindo-se ao Dr. Rocha)

Mas tratemos, doutor, do negocio a que nós viemos.

DR. ROCHA

Sim, senhor.

Mas porque estás assim com pressa?  
Conversemos.

THEOTONIO

Bem que sabe, doutor, a pressa que nós temos...

DR. ROCHA

Qual pressa, o que!

(Dr. Rocha levanta-se e começa a passear pelo meio do palco, cantarolando. Do lado esquerdo, para o fundo, Henriques e Tenorio começam a conversar baixinho por acenos. Theotonio e Barros vêm para a boca da scena e começam a conversar, enquanto o Dr. Rocha continúa passeando pelo meio do palco)

BARROS (a Theotonio)

Então, que diabo quer dizer isto?

THEOTONIO

Não sei.

BARROS

Mau! mau! Que havemos de fazer agora? E' bom tratar do caso com presteza.

THEOTONIO

Mas como? O homem está bebado?

BARROS

Com certeza, ou então ficou doido.

THEOTONIO

Aqui anda traição.

BARROS

Acho bom segurar-se o bicho logo.

THEOTONIO

Não; elle pode gritar e vir gente.

BARROS

Porém é preciso acabar com isto já.

THEOTONIO

Pois bem, mas sem barulho.

BARROS

Assim não é possível.

THEOTONIO

Mas como fazer então?

(Calam-se, porque o Dr. Rocha vem se dirigindo para elles. Tenorio e Henriques vêm tambem para junto d'elles, como querendo fallar-lhes)

DR. ROCHA (batendo no hombro de Theotonio)

O que é que tu estás dizendo ahi, Theotonio?

THEOTONIO

Eu, nada.

DR. ROCHA

Nada o que?!  
falle franco. Eu não sou creança;  
pois não vê que o entendo.

(Perguntando depois de uma pausa)

Estão já cansados de esperar?

BARROS

Eu estou.

DR. ROCHA

Pois faz mal.

BARROS

Porque?

DR. ROCHA

Não deve estar.

BARROS

Porque?

DR. ROCHA

Todos aqui devem me ter respeito.

HENRIQUES (á parte)

Esta é bôa!

DR. ROCHA

Porque só a mim com effeito  
é que deveis a vida.

BARROS (á parte para Theotonio)

Estou sem paciência;  
acabo já com isto aqui.

DR. ROCHA

Minha influencia junto ao Governador  
é grande; e foi por isso que eu vos livre  
da morte.

THEOTONIO

E' verdade.

DR. ROCHA

E' um serviço como este,  
merece eterna gratidão.

(Barros e Theotonio separam-se um  
pouco do lugar em que estão os outros)

BARROS (baixo a Theotonio)

Homem, vou acabar com isto logo.

THEOTONIO

Não; não nos serve de nada uma  
imprudencia agora.

Só me parece que ha alguém ahi  
por fóra nos esperando.

BARROS

Ah! bem! E quem sabe? talvez levaram  
doutor Rocha a tal embriaguez  
de proposito para elle descobrir tudo.

THEOTONIO

O certo é que ha mysterio.

BARROS

E se eu me não illudo, Theotonio,  
desta vez cahimos na esparrella.

THEOTONIO

Vejamos.

BARROS

Talvez haja algum meio.

(O Dr. Rocha vem se dirigindo para junto d'elles)

THEOTONIO (a Barros)

Cautela!

DR. ROCHA

Sim, se não fosse eu, vós todos hoje em dia haveréis de estar presos lá na Bahia, como foram Martins, Pedroso e Marianno. Bem vedes que sou bom e que não vos engano. Hein! não é isto mesmo?

(Olhando para todos como que esperando uma resposta)

Então que me dizeis?

(Porém como os outros não lhe prestam atenção, elle toca amigavelmente no hombro de Barros e pergunta-lhe)

Não me deves a vida a mim, Barros?

BARROS

Talvez.

Mas o ditado diz:

“Presunção e agua benta...”

DR. ROCHA

Ninguém pode negar; sou eu quem vos sustenta na vida; sou eu só quem pode aqui dispor de vós. Eu aqui sou igual a um senhor que tem nas mãos uma vida, o bem, e a liberdade de alguns escravos seus.

(Olha de novo para os circumstantes e pergunta)

Então não é verdade?

(Mas todos conversando baixo não lhe presta atenção; então o Dr. Rocha vae passear mais para o fundo, enquanto os patriotas reunidos á boca da scena commecam a conversar)

PADRE TENORIO (a Barros)

Aquelle homem é doido?

BARROS

Homem, não adivinho; mas parece-me que elle entrou hoje no vinho um pouquinho de mais.

HENRIQUES



Ou mesmo na aguardente.

PADRE TENORIO

Estou desconfiado!

THEOTONIO

Incontestavelmente aqui anda  
uma traição.

PADRE TENORIO

E' isto que eu suspeito.

Eu bem que não quis vir.

HENRIQUES (mostrando o Dr. Rocha  
que está no postado junto a porta  
do fundo)

Cautela co'o sujeito!

(Barros vae se dirigindo para a porta  
onde está o Dr. Rocha; mas no mesmo  
instante ouve-se um silvo lá fóra;  
o Dr. Rocha então abre a porta e entram  
por ella uma porção de soldados seguidos  
por Luiz do Rego. — Os patriotas ficam  
como que petrificados.)

## SCENA VIII

Os mesmos mais LUIZ DO REGO  
e os SOLDADOS

LUIZ DO REGO (entrando com os  
soldados)

Estão pilhados já.

(Depois apertando a mão ao Dr. Rocha)

Obrigado, doutor; fez-me agora  
um serviço immenso.

DR. ROCHA

Não, senhor, fiz só o meu dever de vassallo  
leal, entreguei á policia uns ladrões.

BARROS (arremettendo contra  
o Dr. Rocha, e depois de tel-o sacidido  
no chão como um fardo)

Animal! has de pagar-me tudo agora.

DR. ROCHA (debatendo-se como um  
posseço nas mãos de Barros)

Com mil raios!

Acuda, Marechal, acuda-me.

LUIZ DO REGO (aos soldados  
apontando para os patriotas)

Agarraí-os.

(Algemam a Barros, depois de tiral-o de sobre o Rocha, a Theotonio, Henriques e Padre Tenorio)

BARROS

Miseravel! traidor!

DR. ROCHA (á parte, coçando o espinhaço)

Se tem dessas venêtas sempre, é bem perigoso. Irra! que vi-me em bêtas!

LUIZ DO REGO (que está mais á boca da scena, falla para os soldados assim)

Tragam mais para cá esses presos.

(Os soldados obedecem e elle começa a fallar aos patriotas)

Senhores, todos aqui estaes presos como traidores, como rebeldes, vis, infames, criminosos de alta traição.

Sabeis quanto são horrorosos os delictos que vós praticastes, portanto supponho que não ha de vos causar espanto o supplicio cruel que ha de vos ser imposto. Demais, se ides soffrel-o é só por vosso gosto, pois deveis saber como é que a

nossa lei pune severamente  
a quem offende ao rei.

(Virginia que abrija a porta da direita,  
vendo Theotonio preso, corre para elle)

VIRGINIA (correndo para Theotonio)

E' Theotonio! oh! meu Deus! meu Deus!

LUIZ DO REGO (aos soldados)

Tirem d'aqui essa mulher!

VIRGINIA (supplicante, a Luiz do rego)

Senhor! por favor permitti que eu fique  
junto delle um instante; talvez que seja  
para mim esta a ultima vez que eu possa  
vel-o. E' nada o favor que eu peço,  
que eu um momento aqui, senhor,  
não vos impeço em nada; é um pedido  
até bem razoavel.

LUIZ DO REGO

Um réu d'alta traição é incommunicavel.

(Aos soldados, apontando para Virginia)

Levem esta mulher.

VIRGINIA

Senhor! por compaixão!

LUIZ DO REGO

Levem.

(Dous soldados levam Virginia quasi  
arrastada)

THEOTONIO

Tigre! não tens ao menos coração!

LUIZ DO REGO (sem prestar atenção  
a Theotónio continuando a allocução  
que interrompera)

Assim haveis de ser em breve  
executados na força; vossos bens hão  
de ser confiscados para a c'róa do reino  
e para premiar os que tiverem vindo  
vos denunciar. Taes foram:

(Apontando para o Dr. Rocha)

Doutor Rocha e um Antonio Calheiros.

BARROS (para Dr. Rocha)

Judas, vaes receber os teus trinta  
dinheiros.

(Cáe o panno)

FIM DO 4º ACTO

——— 0 ———

# ACTO V

## O FIM DO MARTYRIO

O Teatro representa o campo da Honra. Mais para o fundo um cadafalso erguido. Um banco de pedra á esquerda. Ao subir o panno está Dr. Rocha só, passeando mais perto da boca de scena, enquanto alguns soldados estão postados em roda do cadafalso, ao fundo.  
E' 10 de Julho de 1817.

——— 0 ———

### SCENA I

DR. ROCHA e depois DALILA

DR. ROCHA (só)

E eu a estar inda aqui com escrupulos!... Ora! basta que a minha pelle esteja livre agora de perigos; o mais é nada. Cada qual que trabalhe por si como eu, porque afinal o mundo é isto mesmo. Hei de tratar primeiro de mim, depois então que morra o mundo inteiro.

(Entra Dalila pelo lado esquerdo)

Que vieste buscar aqui?

DALILA

Perdão, senhor!

peço-lhe que me escute um instante. Um amor que o senhor me inspirou p'ra seu divertimento tornou-me uma desgraçada.

DR. ROCHA (impaciente)

Ora!

DALILA

Mais um momento, meu senhor; eu não vim aqui para culpá-lo em nada. Bem sei que uma mulher pobre e desventurada deshonra-se e depois atira-se p'ra rua, como uma coisa ruim, p'ra que se prostitua, se não quiser morrer de fome. Inda criança inexperta, julguei com toda confiança que o senhor me daria uma vida feliz. Foi engano; o senhor seduzindo-me, quis fazer-me desgraçada, achou que era preciso zombar e escarnecer da pobre sem juízo; viu uma rapariga orphã, desamparada, que era só neste mundo e que não tinha

nada mais nelle do que a pura amizade e o disvelo de uma bôa senhora, e julgou que era bello escarnecer assim de uma pobre innocente, de uma tôla.

DR. ROCHA (rindo-se)

Julgou então provavelmente que eu queria casar-me! Era bonito!... era!... Hom'essa é bôa! eu ir descer da minha esphera!... Pois eu um bacharel pela Universidade de Coimbra!... eu, doutor!... (um titulo, é verdade, que eu não tenho, porém que já todos me dão) casar co'uma criada!...

DALILA

E' isto, tem razão.

(Depois de um pequeno silencio)

Se eu tivesse pensado ao menos uma vez em mim ou no senhor, não teria talvez soffrido isto que soffro agora aqui; porém eu não pensava, pois nunca esperei tambem que um homem que se présa, um homem que conhece o que é bom e o que mau, senhor doutor, quizesse deshonnar e aviltar a quem não o offendeu; eu julguei que o senhor fosse outro, porque eu, que sou criada apenas,



eu que não tenho merito algum, bem tenho illustração, eu que apenas nasci achei-me abandonada, nunca pudera ter uma alma tão maldada para me aproveitar assim da confiança de uma pobre mulher quasi ainda criança e deshonral-a só por um divertimento. Poderia pois eu pensar um só momento, sendo tão tôla assim, que um doutor, qu'ê formado não sei aonde, fosse um perjuro, um malvado?

DR. ROCHA

Tu me insultas, infame.

DALILA

Ah! pode, se quizer, me matar, porém eu, ainda que mulher, eu hei de lhe dizer tudo o que sinto agora, senhor. Que venha morte ou matyrio, embora, que importa tudo isto a mim, que vou perder-me se eu não quizer morrer? Admira-se de ver-me tão valente, não é? E' um grito de agonia de quem vê se extinguir as illusões de um dia para sempre.

DR. ROCHA

Fallou esplendorosamente.

DALILA

Oh! cynico cruel e torpe, que não sente as injurias brutaes, que atiram-lhe na cara! Ter tão ruim coração, uma alma tão ignara, de sentimentos taes que ri-se da desgraça; ver a miseria e a dor dos outros sem que faça um gesto de piedade, e rir-se ainda, e rir-se! com um cynismo atroz zombar e divertir-se só co'as dores dos mais! fallar com ironia quando ouve alguém chorar!...

DR. ROCHA (completando)

São signaes de alegria.

DALILA

Mas Deus ha de ser justo, elle ha-de castigar-te, miseravel; tu has de ter em toda, em toda parte perseguições sem fim. Sem tregoa, nem descanso no mundo, só terás socego no remanso da sepultura; sim, has de chorar tambem a procurar em vão algum socego.

DR. ROCHA

Amen.

(Vão entrando pelo fundo Luiz do Rego e Calheiros; o Dr. Rocha vae ao encontro

d'elles, enquanto Dalila entra por entre os bastidores á esquerda.)

## SCENA II

DR. ROCHA, LUIS DO REGO,  
CALHEIROS

LUIZ DO REGO (reparando para o cadafalso)

Bem! os preparos vão indo muito ligeiro.

(Ao Dr. Rocha que se aproxima)

Então, caro doutor, quis ser logo o primeiro a assistir á função que vamos hoje ter?

DR. ROCHA

E haverá, Marechal, quem sinta algum prazer em assistir assim á morte de outrem?

LUIZ DO REGO (com ironia)

Não. Quem tem, como o doutor, um bello coração, um character leal, uma alma incorruptivel e nobre, nunca pode assistir impassivel á morte dos seus bons e extremosos amigos, a quem já libertou de innumerous perigos, entregando-os

a mim para os mandar matar. Continue sempre assim, doutor, e deixe estar que depois de morrer será canonizado.

DR. ROCHA (á parte)

Sempre a me escarnecer! Por ser um potentado crê que deve tratar os mais como idiotas.

LUIZ DO REGO

Tudo quasi está prompto. Aqui os patriotas podem morrer até satisfeitos; diante de um concurso de povo immenso, delirante de alegria por ter divertimento novo. Sim, hão de os divertir os gritos desse povo dando vivas ao Rei. Pobres tôlos, coitados!

(Dirigindo-se ao Dr. Rocha e Calheiros)

E já foram os bens de todos confiscados para a c'roa do reino.

(Mais baixo e com ar de mysterio)

E isto aqui para nós rendeu bom cobre a coisa. Então aqui a sós havemos de tomar metade pra os tres. Emquanto a mim terei maior parte, uma vez que exerço eu tambem mais alta posição.

DR. ROCHA (á parte)

Mau! não vá repartir elle como o leão da fabula.

LUIZ DO REGO

Assim pois do que eu houver tirado um terço ficará p'ra vocês.

CALHEIROS

Obrigado, Marechal, obrigado.

DR. ROCHA (á parte)

E' um pouco mais justo, porém sempre sabido.

LUIZ DO REGO (sorrindo)

O que com tanto custo esses pobres talvez ganharam, vae agora pertencer a nós tres e ao Rei antes de um' hora.

CALHEIROS

E' um negocio soberbo!

LUIZ DO REGO

Emquanto que os seus filhos e esposas ficarão pobres, nus, maltrapilhos, a pedir uma esmola ahi de porta em porta, sem morada, sem pão, sem nada. Que me importa, se em isto o meu prazer,

se é o meu divertimento, se tenho de ficar assim mais opulento, e nunca deixarei de ser um Marechal? de ser Governador?

CALHEIROS (á parte)

Ah! elle é tal qual como eu; obra como eu, raciocina e pensa. Agora entre nós dous só ha uma diff'rença: é que elle é Marechal e eu vendedor de gente.

LUIZ DO REGO (contemplando o scenario)

Oh! os presos vão ter um lugar excellente p'ra se enforcarem. Corre o fresco de uma aragem que lhes poderá dar mais vigor e coragem ao subirem á forca. Elles têm de morrer hoje, por isso nós devemos lhe fazer esse ultimo favor, refrescal-os. Eu quero por compaixão tornar-me hoje menos severo, pois que a gente afinal deve ser bom um dia; dar-lhes-hemos portanto essa ultima alegria. Coitados! elles têm sem duvida sentido lá naquella masmorra um calor desabrido.

CALHEIROS (á parte)

Isto é que é ser bondoso.

LUIZ DO REGO (vendo no relógio)

Emfim já chega a hora da execução dos  
taes patriotas. Agora convido-os para  
vir co'os presos.

CALHEIROS

Eu por mim estou prompto.

DR. ROCHA

Pois eu só irei lá no fim, quando  
estiverem já todos na forca.

LUIZ DO REGO

Mas espero que o doutor nunca será  
capaz de desprezar assim minha ordem.

DR. ROCHA

Perdão, Marechal, sinto agora uma  
indisposição, que me priva.

LUIZ DO REGO

Doutor, não caia nessa asneira,  
obedeça-me; bem que sabe da maneira  
por que eu sei castigar quem não faz o  
que eu mando.

(Depois mais brando)

Andemos por aqui primeiro observando  
se já tudo está prompto até que chegue  
a hora de trazer para cá os presos.

DR. ROCHA (para si, enquanto Luiz do rego e Calheiros saem)

Eu agora não tenho mais acção, nem tenho liberdade. Ah! esse Marechal talvez se persuade que eu aqui não sou mais que um seu criado. Emfim, se havia eu de perder a vida, antes assim.

### SCENA III

DALILA e depois VIRGINIA

DALILA

Foi castigo, meu Deus. Ah! eu fui tão ingrata que cheguei a olvidar, pelo homem que me trata com tal desprezo, áquella a quem eu devo a vida. Mas eu era tão tôla ainda! Irreflectida me lancei na desgraça e agora aqui me vejo abandonada. Tenho até vergonha e pejo de me lançar aos pés para pedir perdão á minha protectora. Ah! meu Deus, que afflicção causou-me um erro só que eu dei! Eu não mereço esse castigo; tinha, innocente, um apreço a um homem estranho a quem não conhecia. Se abandonei assim aquella a quem devia tudo no mundo, foi forçada e seduzida



por esse homem cruel, que me tirou  
na vida toda a felicidade.

(Entra Virginia pelo lado direito,  
cabellos soltos, vestida de preto, com  
olhar desvairado como que procurando  
alguem. — Dalila admirada, para si)

Aquella que alli vem...

Mas é D. Virginia.

VIRGINIA (sem ver Dalila)

Aqui não ha ninguem, mesmo ninguem.  
Meu Deus! Onde posso eu achar aquelle  
homem? Estou cançada já de andar.

DALILA (aproximando-se de Virginia)

Dona Virginia.

VIRGINIA

És tu, Dalila?

(Preocupada, fallando para si)

Mas aonde poderei o encontrar? Parece  
que se esconde de mim.

DALILA

Quem é, senhora?

VIRGINIA

Elle talvez nem queira me attender.

Mas eu devo ir de qualquer maneira tentar; é meu dever. Ele tem coração, é homem, sentirá de certo compaixão ao ver a minha dor, ha de fazer sem custo o favor que eu lhe vou pedir. Ah! Deus é justo, não ha-de desprezar seus filhos.

DALILA (á parte)

E' delyrio ou loucura.

VIRGINIA

Deus ha de dar fim ao martyrio que eu soffro. Mas, meu Deus! aquelle homem parece que não tem alma; ri, diverte-se, escarnece com o maior sangue frio ao ouvir os gemidos, os ais de um desgraçado. Assim serão perdidos meus esforços.

(Depois de uma pequena pausa)

Embora; hei de pedir, chorar, prostar-me-hei a seus pés. Muito ha de me custar a humilhação, porém não importa, é preciso.

DALILA (á parte)

Que está ella a dizer? Perderia o juizo?

(Dirigindo-se alto á Virginia, mostrando o banco)

Parece-me que estaes, senhora,  
incommodada. Assentai-vos aqui.

VIRGINIA

Não perguntes-me nada;  
nada posso dizer; soffro tanto!

DALILA

Ah! entendo, não quereis confiar em  
mim; o acto horrendo que eu fiz para  
comvosco irreflectidamente  
de abandonar-vos...

VIRGINIA (como que voltando a si)

Não! julgas provavelmente que te odeio,  
porque me deixaste sosinha.  
Não odeio a ninguem, não tenho tempo.  
A minha inquietação é outra.  
Olha, sabes o que é aquillo?

DALILA

A força?

VIRGINIA

Sim; pois bem, eu vim até aqui para  
assistir tambem á execução dos patriotas.  
Tenho aqui no coração amor á minha  
patria e ao nosso augusto Rei,  
sou realista tambem.

(Acercando-se mais de Dalila e com ar de mysterio)

Mas não; eu te direi, a ti só, porque tu não vás me atraçoar; tu és bôa, eu bem sei. Fallemos de vagar e baixinho, senão pode alguém nos ouvir e ir nos denunciar. Eu vim aqui pedir ao Marechal Luiz do Rego... Não, depois eu direi; por enquanto estou cansada, pois tenho andado hoje muito.

DALILA (mostrando o banco)

Assentai-vos.

VIRGINIA

Escuta, Dalila; sinto em mim uma especie de luta; uma dor como ainda eu não senti. A frente me abrasa; sinto febre. Olha, antes que eu te conte o que tenho soffrido, ampara-me, nem mais posso suster-me em pé.

DALILA (depois de fazel-a sentar no banco)

Senhora, vós estaes soffrendo; descançae e depois fallareis.

VIRGINIA

Não posso descançar, Dalila, tu bem vês

quanto soffro. Perdi toda a minha  
esperança...

DALILA

Senhora!...

VIRGINIA (atalhando)

Vou contar-te; eu tenho confiança  
em ti; Senta-te aqui a meu lado e ouve:

(Dalila senta-se no banco ao lado de  
Virginia)

Quando Theotonio se ausentou lá de  
casa, evitando a morte ou a prisão, eu  
fiquei só; não tinha ninguém por mim  
senão aquella criancinha, que tu viste:  
o meu filho. Angustiada então,  
tratei de disfarçar a dôr do coração,  
cuidando do meu filho. Elle estava  
doente; tratei-o com disvelo, até que  
finalmente devido só aos meus esforços  
melhorou. Passado quasi um mez foi  
quando me chegou de Theotonio uma  
carta (a primeira) dizendo que estava  
perto, em uma estalagem.

Correndo tremula de prazer, fui vel-o.

Um seu amigo é que o tinha chamado  
alli. Para commigo desconfiei da cousa;

elle, porém, coitado! era muito leal e muito confiado. Por esse amigo foi alli mesmo trahido e preso. Ah! antes eu houvesse então morrido p'ra não vir a soffrer tantos martyrios mais.

Sim! soffri atrozmente! aquelles canibaes tiraram-me d'alli á força. E eu nem verti uma lagrima só. Então comprehendí que devia lutar, que o pranto não faz nada. Sahi. Oh! mas a dôr assim reconcentrada é muito mais cruel, dóe muito mais ainda.

Fechei no coração a minha dôr infinda. Meu filho peiorava, eu tratei delle e então fervorosa pedia a Deus consolação, buscava-a com fervor; ella porém não vinha. Nesse estado passei todo o dia. A' tardinha, quando eu acalentava a chorar nos meus braços meu filhinho, senti grande tropel de passos parar á minha porta. Eu fui ver. Um punhado de soldados a rir de um modo desbragado foi entrando. Um então dentre os outros me disse com um sarcasmo atroz e cruel que eu sahisse d'aquella casa, pois já não me pertencia com o que nella houvesse.

(Fatigada Virginia, faz uma pausa.)

## DALILA

Oh! e eu, eu que devia ajudar-vos, senhora, a soffrer, a chorar, fui tão má que cheguei a vos abandonar por um homem cruel... A! Deus teve razão em castigar-me assim tão cruelmente.

## VIRGINIA

Não, Dalila, tu até fizeste muito bem, pois poderias ser confiscada tambem, como foi confiscado o meu dinheiro e o mais. Vou agora acabar a minha historia. Assaz abastada, me vi sem nada de repente. Um instante pensei; passaram-me na mente mil fantasmas de horror. Meu filho adoentado soluçava. Avalia o que fiz nesse estado. Tu vás pensar talvez que eu chorei; não, eu ri-me. Era um sorriso amargo e atroz desse que exprime a proxima loucura. Oh! eu sentia então fugir-me pouco a pouco o lume da razão. Peguei no meu filhinho e sahi. Felizmente pude ainda encontrar pouco depois um ente que se compadeceu de mim e deu-me abrigo em uma casa. Foi um velho e nobre amigo que tinhamos. Emfim tenho estado doente

como bem podes ver. Sube hoje vagamente que meu marido vae morrer na forca. Então tomei sem mais demora uma resolução desesperada; vim pedir ao Marechal Luiz do Rego um favor, o de ver afinal theotonio. Sim, será pela ultima vez, bem o sei; mas embora, eu quero o ver. Talvez eu nem possa soffrer livre essa despedida. Mas quando ainda que eu tenha a perder minha vida quero vel-o.

DALILA

Senhora! escutae. Eu ouvi quanto tendes soffrido. Ouvindo-vos, sento repugnancia de mim mesma. Só, desprezada na infancia, fui depois socorrida e amparada por vós; devido ao vosso amparo eu pude ser feliz. Eu tinha pois a cumprir um dever, o de seguir-vos sempre ou na dor ou no riso, morrer mesmo por vós, se assim fosse preciso; no emtanto eu fui ingrata, eu vos abandonei, senhora. Todavia eu não sou má. Não sei de que cegueira estava eu a soffrer então.

VIRGINIA

Não, tu fizeste bem.



DALILA

Não, senhora; perdão!

(Vão entrando pelo fundo Dr. Rocha,  
Calheiros e Luiz do Rego)

## SCENA IV

Os mesmos mais LUIZ DO REGO,  
DR. ROCHA e CALHEIROS

LUIZ DO REGO

Com a ordem que dei não poderão tardar  
os presos.

(Dirigindo-se ao Dr. Rocha)

O doutor não os quis ir buscar,  
ficará p'ra assistir aqui a execução.

(Reparando em Virginia e Dalila)

Ui! mulheres aqui! Oh! vamos ver  
quem são esses dous pombos.

Eu gosto do bello sexo.

(Para o Dr. Rocha meio confuso)

Vamos ver, meu doutor. Parece estar  
perplexo; tem medo de mulheres?

DR. ROCHA

Eu?! mas medo de que?

LUIZ DO REGO

Bem, doutor, vamos lá observá-las.  
Já vê que até fez muito bem em ter  
se demorado por aqui.

(Luiz de Rego e Dr. Rocha vão se  
aproximando de Dalila e Virginia  
que se conservam sentadas)

VIRGINIA

Elles vem aqui p'ra o nosso lado.

(Dalila e Virginia levantam-se)

LUIZ DO REGO (ao Dr. Rocha)

Adiante-se, doutor.  
Comprimente-as por mim.

DR. ROCHA (á parte)

Ah! bem! agora vou servir de manequim.

DR. ROCHA

Minhas senhoras! eu, amigo cordeal  
deste senhor aqui, o illustre Marechal  
Luiz do Rego, venho...

VIRGINIA (á parte)

E' o marechal!

(Dirigindo-se a Luiz do Rego que ri-se)

Senhor!...

DR. ROCHA (continuando)

... em seu nome dizer que estamos ao dispor das senhoras.

LUIZ DO REGO (rindo-se)

Ah! ah! Bravo, doutor! bem feito o seu papel! Palavra! Affirmo que tem geito para um truão completo, ou mesmo alcoviteiro.

DR. ROCHA (á parte)

Hoje quem quizer ter o seu pescoço inteiro precisa sujeitar-se a tudo.

VIRGINIA (a Luiz do Rego)

Poderá o senhor me attender um instante?

LUIZ DO REGO

O que é lá? Póde ir logo dizendo.

VIRGINIA

Hoje por criminoso tem de morrer aqui na forca o meu esposo Theotonio. Desde o dia em que o prenderam, ando por esse mundo afóra e pedindo e implorando p'ra me deixarem vel-o ao menos. Mas ninguem, ninguem quer

me attender; olham-me com desdem  
e repellem-me até com rancor.  
Só me resta uma esperança, pois, senhor:  
sois vós. E se esta me faltar, eu não sei  
o que será de mim.

LUIZ DO REGO

Mas que deseja então?

VIRGINIA

Vêl-o, senhor. Eu vim aqui só confiada  
em vós. Essa esperança que me anima,  
senhor, somente em vós descança;  
ella é o que me sustenta ainda.  
Vós podeis fazer-me esse favor.  
E' tão simples!

LUIZ DO REGO

Talvez seja mau consentir.

VIRGINIA

Ah! senhor, compaixão!  
Consulta e a vossa alma, o vosso coração.  
O meu pedido é nada. Uma palavra  
vossa me serve; uma palavra.

LUIZ DO REGO

E' que talvez nem possa...

VIRGINIA

Oh! fazei-me esse bem, senhor. O que vos custa? Quem no mundo fizer acção boa e justa receberá de Deus a recompensa eterna. Ah! vós tendes talvez um ente querido que governa o vosso coração, um ente a quem amaes, por quem darieis mesmo a vossa vida, e mais, se mais podesseis dar. Se soubesseis que esse ente estava p'ra morrer, senhor, vós certamente o querereis ver ainda antes da morte. Oh! consenti, senhor, que ele veja a consorte que o estima; será uma satisfação para elle; será p'ra vosso coração uma alegria, como a de quem faz um bem. Ah! um homem que esta para morrer, não tem nada mais a esperar deste mundo a não ser uma consolação suprema, esse prazer de ver na ultima hora a pessôa a quem ama. Sim! fazei esse bem. Feliz de quem derrama um balsamo na chaga ardente do infeliz.

LUIZ DO REGO

Mas elle é criminoso.

VIRGINIA

Elle, senhor, só quis fazer o bem. E foi talvez calumniado por um amigo seu;

um homem depravado que só para ganhar um quantia, deu denuncia delle.

DR. ROCHA (á parte)

Bem; agora tambem eu entro na dansa.

LUIZ DO REGO

E quem foi que fez a traição?

VIRGINIA

Vim a saber depois por uma informação; foi um tal Dr. Rocha, um vil, um miseravel que para receber essa somma execravel vendeu cobardemente os seus amigos.

(Luiz do Rego riu-se para o Dr. Rocha.  
Virginia continúa)

é o odio que me causa esse homem, que tanto o meu pranto séca p'ra dar lugar á minha indignação.

LUIZ DO REGO

A senhora conhece-o?

VIRGINIA

Eu? felizmente, não.

Não poderia ver esse infame.

DR. ROCHA

Porém vamos ao caso: diz a senhora que tem odio ao tal Dr. Rocha!

VIRGINIA

E tenho muito; disse e repito, senhor.

DR. ROCHA

Mas e se a senhora o visse, que faria?

VIRGINIA

Diria o que lhe estou dizendo.

CALHEIROS (á parte)

Sempre eu quizera ver!

Está me parecendo meio difficil.

DR. ROCHA

Bem; pois saiba, minha dona,  
que eu sou esse doutor Rocha.

Já que blazona com tanta valentia,  
eu quero ver agora seu animo.

VIRGINIA

E' o senhor de veras?

DR. ROCHA

Sim, senhora.

VIRGINIA (com impeto)

Pois então é um infame, um cobarde,

um traidor.

DR. ROCHA

Se disser outra vez...

VIRGINIA (energicamente)

Repito-lh'o, senhor.

(Dr. Rocha fica com a cara de basbaque. Luiz do Rego rindo-se dá-lhe o braço e vão-se ambos com Calheiros. Pelo meio desta scena tem entrado gente do povo e vão entrando outros aos poucos.)

LUIZ DO REGO (retirando-se com Dr. Rocha)

Comprimento-o, doutor, pela sua energia.

DR. ROCHA (para Luiz do Rego)

Eu quasi faço o diabo alli; mas não queria faltar co' o meu respeito ao Marechal.

CALHEIROS (á parte)

Covarde!

DALILA

Oh! mas que homem cruel e infame.  
E foi tão tarde que o vim a conhecer,  
que descobri os seus instinctos infernaes!



VIRGINIA

O que fiz eu, meu Deus!

## SCENA V

DALILA e VIRGINIA e mais  
algumas pessoas do povo  
(que vão se agglomerando ao fundo)

VIRGINIA

Dalila! o que fiz eu!

DALILA

Confundistes, senhora, um miseravel.

VIRGINIA (sentando-se no banco  
pensativa)

Fui precipitada. Agora não poderei mais  
ver o meu marido. Estou nervosa, sinto  
febre. Aquelle homem gostou de ver  
minha desgraça; elle riu-se de mim.  
Peço, imploro, supplico e respondem-me  
assim co'uma risada.

DALILA

E' isto; esses grandes senhores  
gostam de rir. Ao mundo, o que  
importam as dores dos que soffrem?

A voz do desgraçado, os prantos do  
oprimido são nada em face dos encantos  
que a fortuna legou aos felizes da sorte.  
Este mundo ensinou-me a pensar.  
Foi bem forte meu martyrio tambem;  
mas cada decepção por que eu passava  
era uma nova lição que eu aprendia.  
Faz pouco tempo; innocente eu via o  
mundo por um prisma resplendente  
de venturas e paz. Depois arrebatada  
nas garras da desgraça, eu já não via  
nada neste mundo, senão cynismo,  
infamia e lodo. Hoje, senhora, hoje  
eu já descri de todo e qualquer bem.  
Só vejo nuns tigres a rugir.

VIRGINIA

Eu mesmo estou até com vontade de rir.

(O povo ao fundo vae cada vez mais  
se agglomerando. Virginia e Dalila  
conservam-se sentadas no banco)

UMA VOZ (do meio do povo, gritando)

Viva o Governador de Pernambuco!

O POVO (unisono)

Viva!!

VIRGINIA

Que rugido! Dalila, o que é lá que motiva estes gritos?

DALILA

Não sei.

UMA VOZ (d'entre o povo)

Viva el-Rei D. João VI!!

O POVO (unisono)

Viva!!! Viva!!!

(Do meio do povo destacam-se dous homem que veem para a boca da scena do lado direito)

UM DOS HOMENS

(meio baixo ao outro)

P'ra que taes vivas?

O OUTRO HOMEM

E' um pretexto p'ra poder se agradecer ao Rei. Quem não fizer aqui assim, depois por um acaso qualquer póde ir bater na forca.

PRIMEIRO HOMEM

Ah! se o caso é assim, vou dar vivas tambem.

SEGUNDO HOMEM

Só sei que eu cá por mim estou cansado  
já de gritar.

PRIMEIRO HOMEM (gritando)

Viva o Rei...

O POVO

Viva!!

PRIMEIRO HOMEM (continuando)

... Rei D. João...

(Baixo para o segundo homem, rapido)

João de que? que eu não sei.

SEGUNDO HOMEM

Sexto.

PRIMEIRO HOMEM (continuando,  
rapido)

... de cêsto!

O POVO

Viva!!!

PRIMEIRO HOMEM (para o segundo)

Agora já ninguém poderá afirmar  
que eu não gritei também.

(Mais baixo em ar de segredo)

Mas vamos a fallar agora francamente,  
esse tal rei é bom?

SEGUNDO HOMEM

Não sei; provavelmente se é bom,  
é porque é rei.

UMA VOZ (do meio do povo, ao fundo)

E viva o Marechal Luiz do Rego!!

O POVO (inclusive os dous homens  
á boca da scena)

Viva!!

PRIMEIRO HOMEM

Estou rouco afinal de dar berros.

SEGUNDO HOMEM

Olé! falle mais de vagar; porque se  
houver alguém que nos possa escutar  
e for dar a denuncia, estaremos mettidos  
em maus lençóes. Quaesquer receios  
mal cabidos que tenham sobre alguém  
será o sufficiente para a prisão do pobre  
imediatamente, que irá logo depois de  
um modo triumphal cruelmente morrer  
de morte natural na forca.

DALILA

Eis o rugido infrene de uns chacaes  
anciosos por ver cadaveres.

VIRGINIA

Que mais me resta p'ra soffrer, meu  
Deus? Mas o meu filho, como ha-de elle  
vagar no tortuoso trilho d'esta vida,  
sem pai... nem mãe? Dae-me valor,  
meu Deus! Não posso mais soffrer.  
Quanto rigor p'ra mim!

DALILA

Dona Virginia!...

VIRGINIA

Ah! Dalila, o que eu sinto não se exprime,  
é um martyrio horrivel, indistincto.  
Não posso demorar o pensamento em  
nada. Sinto a cabeça em febre estalar-se  
abrasada; sinto frio.  
Dá-me agua, eu tenho sede. A morte  
talvez seja um repouso. E eu que devo  
estar forte sinto-me esmorecer.

DALILA

Senhora!...

VIRGINIA

Paciencia!

Dalila, que eu me sinto abraçada  
na ardencia da febre.

DALILA

Socegae.

VIRGINIA

Não, Dalila; o meu mal me ha de fazer  
morrer.

(Pausa. Pela esquerda baixa apparece  
o sequito de patriotas, vestidos de  
alva e com os apparatus proprios dos  
condenados. Com elles vêm soldados  
escoltando-os, etc. Atraz vêm Luiz  
do Rego, Calheiros e Dr. Rocha)

DALILA

Deus!!

O POVO (unisono)

Viva o Marechal!!!

(Tumulto. Luiz do Rego vem para  
a frente, enquanto os condenados com  
a escolta foram impedidos pela multidão.  
Virginia levanta-se do banco, pallida  
como um cadaver.)

## SCENA VI

LUIZ DO REGO, PADRE  
TENORIO, BARROS,  
THEOTONIO, VIRGINIA,  
DALILA, HENRIQUES, DR.  
ROCHA, CALHEIROS, soldados  
e gente do povo

LUIZ DO REGO (aos soldados)

Espalhem este povo. E' preciso passar.

(Tumulto e confusão. A muito custo os soldados vão afastando a turba curiosa; enquanto os patriotas ficam parados á boca da scena cabisbaixos e tristes. Virginia olha para todo este tumulto, amparada por Dalila e como que desmaiada)

PADRE TENORIO (para si)

Morrer na forca!

BARROS (idem)

Já sôa a hora de dar sangue a esses tigres!

THEOTONIO

Deus! o que dirá de mim este mundo?!!



VIRGINIA (vendo Theotonio)

Theotonio!!!

THEOTONIO

Ah! Virginia!!

VIRGINIA

Oh! enfim te posso ver.

(Virginia solta-se dos braços de Dalila e vae dirigindo-se para onde está Theotonio, pallida, offegante, mas é repellida pelos soldados e vem cahir nos braços de Dalila que veio amparal-a.)

THEOTONIO

Meu Deus!

VIRGINIA

Deixae-me; eu quero vel-o.

(Tenta soltar-se de novo dos braços de Dalila, mas já exausta de forças, fica impassivel)

PADRE TENORIO (pensativo e como que extranho a tudo)

Morrer na forca!... Sonho horrivel!  
pesadelo que opprime o coração!!  
Meu Deus! dá-me valor.

(Luiz do Rego occupado em ver os soldados afastar a multidão não vê nada desta scena. Depois vem para junto dos soldados a quem grita:)

LUIZ DO REGO (aos soldados)

Avança!

HENRIQUES (que conservava a cabeça baixa, á voz do Marechal ergur-a e diz solemnemente para o Dr. Rocha, que achava-se alli perto)

Maldição sobre ti, vil traidor!

(Os patriotas acompanhados dos soldados que os escoltam, de Luiz do Rego e Calheiros, rompendo a multidão, vão encaminhando-se para o fundo do theatro. A multidão vae acompanhando-os enquanto fica á boca da scena Dalila e Virginia que olha desvairada para tudo isto. Dr. Rocha tambem fica, mas sem ver Virginia e Dalila.)

## SCENA VII

DALILA, VIRGINIA, DR.

ROCHA, e os patriotas, soldados  
e mais pessoas e gente do povo  
(ao fundo)

(Dalila faz Virginia sentar-se com ela  
no banco, Dr. Rocha suppondo-se  
só falla comsigo)

DR. ROCHA (para si)

Vão morrer! Fico livre. Aquella maldição  
parece que me fez alguma commoção;  
mas isto é nada. Basta eu estar livre.  
Embora já andem a dizer baixo por'hi  
a fóra que eu fui traidor. Qu'importa?  
Eu tambem se tivesse  
sido fiel aos meus amigos, me parece  
que era de alta traição o crime; era maior.  
Ora! entre a alta traição  
e a traição é melhor  
a traição. Ser traidor do Rei é maior crime.  
Dos males o menor.  
Fui mau. Arrependi-me.  
Hoje sou bom, isto é, hoje sou realista.  
E' verdade que faz pena, que nos contrista  
ver uns christãos morrer assim  
como judeus.

Mas Christo disse:

“Dae a Deus o que é de Deus  
e a Cesar o que fôr de Cesar.”

E foi isto só o que eu fiz,  
segui o preceito de Christo;  
os patriotas são sujeitos e vassallos  
do Rei, fiz um dever portanto  
em entregal-os ao Rei.

O que me importa a mim que uns idiotas  
julguem máo o que eu fiz?

O POVO (ao fundo n'um brado feroz)

Morram os patriotas!!

(A esse grito, Virginia parece despertar  
de um lethargo, ergue-se pausadamente  
do banco em que estava sentada e vem  
para junto do Dr. Rocha, espantada.  
No semblante della vê-se a expressão  
da loucura)

VIRGINIA (segurando o Dr. Rocha)

Estás livre, Theotonio. Olha! o povo se ri  
por ver que és livre; o povo ama tambem  
a ti. Vem ver nosso filhinho. Esqueça-se  
o passado. Porque estás triste assim?  
Não foste perdoado?

DR. ROCHA

Solte-me.

VIRGINIA

Anda, vem ver nosso filho. Que tens?  
estás triste? E' porque roubaram nossos  
bens, não é? Mas não importa, havemos  
trabalhar. Somos felizes. Lá na quietação  
do lar havemos de viver um para o outro.  
Vem, Theotonio. Agora sim;  
agora já ninguém te offende.  
Mas porque não te ris? Eu me rio.

(Solta uma gargalhada horrivel)

DALILA

Ella está louca.

VIRGINIA

O teu martyrio foi sombrio  
foi horrivel, porém já estás livre. Vem.

O POVO (ao fundo com um rugido)

Os patriotas á forca!!!

VIRGINIA (puxando convulsamente  
o Dr. Rocha)

Ouves o grito alem desse povo?!!  
Elle que matar-te. Vem.

DR. ROCHA (esforçando-se para soltar-  
se dos braços de Virginia)

Demonio! que diabo quer commigo  
esta mulher?

VIRGINIA

Theotonio! vem!

(Virginia continúa a puxar Dr. Rocha até  
que este enfurecido empurra-a e ella cae)

DR. ROCHA (ao empurrar-a)

Oh! vae-te d'aqui; sae, mulher infernal.

DALILA (horrorisada)

Oh!...

(Dr. Rocha sae apressado, enquanto  
Virginia ajudada por Dalila levanta-se  
olhando desvairada para todos  
os lados)

O POVO (Rugindo ao fundo)

Viva o Marechal!

VIRGINIA (depois de dar uma gargalhada)

Sim! viva o Marechal!

(Cáe o panno)

FIM

——— 0 ———

## NOTAS

### I

Isto não é uma obra escripta para o theatro, para representar-se; é apenas um poema; a forma é que é dramatica.

Se os frequentadores do Santa Isabel houvessem de assistir á representação da minha obra, sahiriam furiosos. Sim, porque em logar das scenas violentas, capazes de arrancar lagrimas, em vez dos lances que trazem successivamente as sensações tristes e alegres no seu mais elevado grau, emfim ao inverso de um desfecho trazendo um acaso providencial que pune os maus e recompensa os bons, encontrariam somente o dialogo frio e cacete de uns personagens fallando em verso prosaico, e veriam no fim o Dr. Rocha palitando os dentes, emquanto Virginia se estorce na febre da loucura e a forca ao longe espera os patriotas.

Eu poderia punir o Dr. Rocha, podia indispol-o com Luiz do Rego e fazel-o, esmagado pela colera deste, chorar como um covarde, rojar-se implorando perdão, e ouvir em resposta o riso ironico do Marechal e a gargalhada sinistra da multidão. Podia, mas não quis; seria uma regeneração para aquelle infame. Eu achei melhor fazel-a sophismando para tirar de si a responsa-

bilidade do crime, e ter assim por castigo antes a indignação verdadeira do leitor do que o sarcasmo de personagens inventados.

## II

*Abomino os versos soltos*, etc. (Prefacio)

Dizem que são melhores para o theatro os versos soltos, porque são os que mais se assemelham á prosa, visto não terem rima. Mas eu quero mostrar que os alexandrinos feitos de certo modo imitam ainda mais a prosa, e são por esse lado mais proprios que os decasyllabos. Eis a razão porque quasi sempre eu evito pôr o ponto final no fim do verso, mormente quando este verso vae rimar com o verso antecedente. E' por isso tambem que eu evito a cesura muito pronunciada na 6.<sup>a</sup> syllaba, e que não separo muito os hemistichios.

Exemplo do I.<sup>o</sup> caso: No acto III, scena I aquella carta que o Padre Tenorio lê:

*No dia vinte e nove de março*, etc.

escripta assim: *No dia 29 de março, o nosso companheiro prestimoso e leal José Ignacio Ribeiro de Abre e Lima foi aqui arcabuzado, como infame traidor e rebelde*, etc., é prosa e pura prosa. No entanto é verso alexandrino com rima e... bem metrificado. N'isso tenho orgulho. Agora os críticos que observem.



Exemplo do 2.º caso: No acto I, scena III, lê-se

*Mas o mundo é isto. Ha bons e maus. Os primeiros, etc.*

Este verso á primeira vista parece errado, mas não é. Se parece, é porque tem a cesura em *ha*, e os dous hemistichios não estão separados por uma pausa que se faça naturalmente na leitura. Não se julgue, porém, que isto seja porque eu não achasse um meio de fazel-o da maneira de que muitos gostam. Por exemplo, o verso citado; eu podia tel-o feito assim:

*O mundo é assim. Os homens verdadeiros, etc.*

que tem o mesmissimo sentido. Mas note-se: Não pretendo tirar por isso o *brevet d'invention*. Estes versos já têm sido usados por diversos autores, a começar de V. Hugo, embora com muita parcimonia.

Bem sei que quem souber um pouquinho de metrificacão não precisa dessas minhas observacões. Se as faço é para uns certos criticos que não sabem aonde têm o nariz, como um que disse que a minha poesia Napoleão tinha versos errados.

### III

*Quero o meio termo, o natural* (Prefacio)

Não quero dizer com isto que concordo com a *imitação absolutamente exacta* da natureza, na arte, não. Porque então, como bem diz H. Taine, um retrato photographico seria de muito mais merito do que o melhor quadro de van Dick ou de Raphael. Bem sei que a arte precisa de um pouco de exaggeração; mas não quero essa exaggeração ao ponto de fazer do homem um semi-deus, ou um syphilitico, que se precise profligar com *adjectivos exóticos, vermelhos*. Assim tambem não admitto que se exclua da poesia o sentimento, quero dizer, que só se façam versos para mostrar uma lei como a da evolução, que está em moda, ou para cantar exclusivamente os progressos as sciencia. Alem de tudo, confesso a minha ignorancia, não sei o que é poesia scientifica. Não quero offender individualidades; digo somente o que penso.

Emfim aprecio e gosto de toda obra d'arte, se achal-a bem feita. Todas as escolas são boas, se os artistas que dellas usam são bons; isto é incontestavel. Eu gosto bastante da Naná de Emile Zola, principalmente na scena do suicidio de Jorge, quando a Madame Hugues diz n'aquelle tom triste e solemne: *A senhora tem me feito muito mal!* Mas quando leio aquella descripção do parto de Adéle no Potbouille, fico horrorisado. Antes as reflexões do Hamlet: *To be, or not to be*, etc., antes os beijos de Romeu

e Julieta, antes mesmo o Arsenio de Chatenay com aquellas estampas.

## IV

*... com o tal José da Cruz (Acto I, scena I)*

José da Cruz Ferreira e mais um Ilheu obscuro foram os denunciadores da conspiração; mas nenhum delles era traidor desde que não fazia parte della. Inventei portanto um traidor, um politico de tactica, o Bacharel Antunes Ferreira da Rocha Junior, Formado na Universidade de Coimbra, onde foi o *prototy-po...* Mas deixemos isto.

## V

*... que deu em resultado já uma morte...*  
(Acto I, scena II)

Proximo a rebentar a revolução, um official brasileiro do regimento de Henriques Dias espancou um portuguez que estava fallando mal do Brasil. E' a isto que o Dr. Rocha se refere. Eu disse "uma morte", porque estava na supposição de que tinha lido em Muniz Tavares que o official brasileiro matára o portuguez. Não tenho á mão a obra daquelle autor para me certificar. Mas vejo agora na Historia do Brasil do General Abreu e Lima que o negocio não passou de algumas pauladas. Com-

tudo não emendo para *um barulho em vez de uma morte*, porque já estão impressas as primeiras formas da minha obra. O leitor que o faça, se assim achar conveniente.

## VI

*Meus soldados! não creio!...* Acto I, scena II)

O Brigadeiro já devia saber que eram os seus officiaes os rebeldes, ou pelo menos desconfiar, pois que o denunciador havia, se não me enganou, declarado o nome d'elles. Fazemos assim, adulterando um nadinha da Historia para conveniencia do drama, que não é um *Compendio de Historia* approved no Collegio das Artes, sem o qual não se possa fazer exame.

## VII

*Foi convocado para hoje um conselho*, etc.  
(Acto I, scena II)

E' inexacto; o conselho reunira-se já no dia anterior, como diz o autor dos *Martyres Pernambucanos*.

## VIII

(Acto I, scena IV; Barros, Theotonio, etc)

Antes desta scena, havia a seguinte que eu suprimi:

## SCENA IV

DR. ROCHA e DALILA (que entra pela porta do fundo)

DR. ROCHA (para si continuando)

... para não passar mal.

DALILA (entrando açodada, ao ver o Dr. Rocha)

Desculpe-me, senhor, julguei...

DR. ROCHA

Não te encommodes. Que desejas, meu anjo?

(Dalila sorri; Dr. Rocha falla á parte)

E não tem maus bigodes!

Bem bom seria que eu pudesse possuil-a.

(Alto, com voz de galan)

Como te chamas, anjo?

DALILA

Eu me chamo Dalila.

DR. ROCHA

Dalila! um belo nome!

DALILA

Então acha?

DR. ROCHA

Acho, sim.

DALILA (ficando séria)

Obrigada! Não foi para isto que eu vim.

Onde está o senhor Theotonio?

DR. ROCHA

Olé! porém que desejas?

DALILA

Eu quero é fallar-lhe.

DR. ROCHA

Pois bem mas em que?

DALILA (sorrindo)

Já se viu! que homem indagador!

DR. ROCHA

E' que eu sympatisei contigo.

DALILA (muito séria)

Ora! o senhor quer vir zombar de mim.

Deixe-me socegada, por quem é.

Vim aqui somente encarregada de fallar ao  
senhor Theotonio.

DR. ROCHA

Pois bem; mas é negocio teu?

DALILA

Não; da mulher dele.

DR. ROCHA

E estás como criada lá?

DALILA

Estou.

DR. ROCHA

Que condição!

DALILA (despeitada)

Ora esta! mas porque?

(Dr. Rocha não responde. Ha uma pausa)

DR. ROCHA (depois, com ares  
de apaixonado)

Oh! no meu coração, donzella, despontou  
uma paixão ardente, dessas grandes paixões  
que o peito humano sente na vida uma  
vez só. Oh! assim que te vi,  
Cupido dardejou-me as settas...

DALILA (interrompendo-o)

Eu aqui a fallar!... Que loucura! estava me  
esquecendo do negocio a que vim.

DR. ROCHA

Eu bem te comprehendo; não queres me  
attender. Mas... tem pena de mim!

DALILA (depois de soltar uma gargalhada)

Ter pena do senhor!! Mas porque?

DR. ROCHA

Vês-me assim soffrendo; e tu, meu bem, que  
podes me valer, ficas sem te importar?

DALILA (massada)

Deixe de me empecer.

(Afasta-se do Dr. Rocha que a segue)

DR. ROCHA

Anjo!...

DALILA (impaciente)

Que é do senhor Theotonio?

(Ouvem-se passos á direita;  
Dr. Rocha olha e fica serio)

DR. ROCHA

Irra! lá vem elle.

(O magnanimo doutor retira-se pela porta  
do fundo, enquanto Theotonio entra  
pela direita)

DALILA (entregando um bilhete a  
Theotonio)

A senhora manda esta carta.

(Theotonio lê o bilhete e depois diz:)

Está bem; não é só isto?



DALILA

Só.

THEOTONIO

Pois podes ir-te embora. E dize lá que eu vou mais, porque agora não me é possível ir, que tenho ordem formal para ficar aqui.

(Dalila sae pela porta do fundo emquanto pela direita entram Barros, Marianno e Pedroso.)

E continuava a scena IV actual, que era V. Eu nunca teria supprimido esta scena, que mostra bem a minha escola, senao fosse para isso instado por um meu amigo, que até nunca se entregou á litteratura. Dizia-me elle que era horrivel fazer uma menina que se dizia uma criada, mas que não era, entrar assim em um quartel somente com o fútil pretexto de trazer a um official uma carta que os leitores (nem eu tão pouco) sabem o que contém. Demais que suppunha nem ser isso permitido: entrar uma mulher assim em um quartel!... Era mais que uma inverosimilhança, era um absurdo! Eu então me justificando, disse que tomava aquella liberdade para pintar logo todo o character do Dr. Rocha e mostrar os primeiros namoros delle com Dalila. Depois que quanto á inverosimilhança, não era nada, porquanto *Dona Sol* tambem se apresenta de noi-

te ante o tumulto de Carlos Magno, no meio de bandidos; em Macbeth ha feiticeiras que adivinham; na *Morte de D. João*, (que até é da escola realista!) o Diabo, depois de quebrar os chifres e a cauda não sei aonde, vem se lastimar a um poeta; no *Fausto* ha uns macacos que fallam e vinhos que deitam labareda; D. Cesar desprega-se lá das alturas de uma chaminé e apenas e apenas machuca uma perna; e muitos outros assim. — Este ultimo caso não é tanto, continuava eu, mas os outros!... são mais que inverosimeis tambem. Ora! quando os mestres... — “Qual mestres o que! atalhou o meu amigo; olhe que o *Capitão Villebray* pode fazer uma viagem...” Ahi não puz mais duvida, cortei a scena. Agora me arrependo de o ter feito, e se não vae ella encaixada no logar competente é porque quando escrevo isto já estava impresso o I.º acto. Sim, porque eu, não obstante aquelle primeiro susto, “sou comtudo um valente rapas.”

## IX

(Acto II, scena VII, Theotonio e Virginia, etc.)

Compare-se este scena com a que vae em a nota precedente. E’ tão *realista* como ella; mas *realista* na verdadeira accepção. Aqui não ha esses “amo-te”, essas scenas fogosas

do romantismo, ha apenas uma mulher que gosta do seu filho e do seu marido. Para muita gente isso ha de ser insipido: uma sujeita contente porque foi beijar o filho, e a crianca em vez de chorar riu-se!... Mas é disso que eu gosto, e para mim nesse ponto Flaubert na sua *Madame Bovary* é muito superior a *Zola*, comquanto tambem só pinte o lado mau e deixe encoberto o lado bom da sociedade. Tanto vale ser um Dr. Pangloss, como ser um realista da especie de G. Junqueiro; ambos são exagerados. Por isso digo, parodiando o Dr. Aprigio Guimarães: “Ah Voltaire! Voltaire! quem te fizesse reviver entre nós!” Mas voltemos ao caso: Esta scena, em que uma critica exigente pode encontrar algumas repetições, foi-me inspirada no seio da familia. Para outros é uma cousa tão sem sabor!... para mim é poetico.

São góstos.

## X

(... que affavel o acompanhe neste mundo, que tenha o puro amor de mãe...)

(Acto II, scena VII)

*Acompanhe* rimado com *mãe* nunca li em parte alguma, comtudo rima perfeitamente. Agora, *bem*, *te*, *quem*, etc. para rimar

com mãe aqui no Brasil é o mesmo que rimar agua com *pedra*. Em Portugal é que eu suponho que pronunciam *bãe, tãe*. E' ainda para os criticos de que fallei em a nota II, que eu faço estas observações.

## XI

... *nos quadros de Murillo*. (Acto II, scena XI)

Eu tinha escripto assim: *sobre a Venus de Milo*. Mas depois um outro amigo me lembrou que a Venus de Milo foi encontrada em 1820 e Dr. Rocha fallava em 1817. Aceitei de bom grado a emenda, e como *os quadros de Murillo* aqui vem a dar no mesmo, lá o encaixei.

## XII

... *Julieu e Rometa*. (Acto II, scena XI)

E' que o Doutor atrapalhou-se. Se a paixão era tão forte!...

## XIII

... *estou me vendo em bêtas*. (Acto II, scena XI)

*Ver-se em bêtas*. Não achei dictionario que desse isto. No emtanto é usado, e eu escrevo

como se falla, e não como Ferreira, Camões, e outros clássicos escrevem. No mesmo caso está *rafameá* que se lê no Acto IV, scena I.

Vem a proposito dizer aqui que gosto muito mais dos termos e phrases familiares do que das palavras classicas e alatinadas. Por isso meu drama que é em *poesia* é de muito mais *prosa* do que Castro Alves que é feito em *prosa*. Todavia não emprego aquellas palavras de que Zola gosta, e que em Shakespeare Hamlet chama a sua propria mãe, e Falstaff a todo mundo. Tambem não tenho lá muitas razões para saber bem a lingua patria, pois que fiz exame della quando tinha os meus 13 annos. e quasi tomo bomba. De lá para cá nunca mais estudei-a. Valha a franqueza.

## XIV

(Acto III, scena VIII. Os mesmos e Cogominho)

E' inexacto que o Cogominho fosse em Paulista e lá prendesse a Marianno, Pedroso e Miguelinho. Elles até nem foram presos junctamente. Emfim veja-se *Martyres Pernambucanos*, artigos *Cavalcanti* 17.º pag. 140; *Pedroso*, pag. 309; *Castro*, pag. 125; *Martins* 2.º, pag. 257. Fizemos assim em bem do drama.

## XV

*Vira o Conde de Arcos; – Morra os patriotas, etc.*

(Acto III, scena VIII)

Em Muniz Tavares vêm estes versos com que os bahianos recebem os rebeldes de Pernambuco. Não quiz deixar de transcrevel-os para a minha obra. Mas como o meu drama não se passava naquella terra, puz os versos na boca dos soldados de Congominho que vieram da Bahia. A proposito: Ia me esquecendo de dizer que nem sei bem se se chamavam as divisões do Brasil *provincias* ou *capitanias* no tempo em que se passou a acção do drama. Não gosto de fazer como Julio de Castilho em cujo drama os personagens fallam um portuguez *difficel*, somente porque viveram no tempo da *Collo de garça*.

Cá a minha gente falla como se vivesse hoje, mesmo porque... eu tenho tirado tudo do natural. Apenas exagerei.

## XVI

*... e publico-a com o nome de improviso.*

(Acto III, scena XIV)

Ha tantos improvisadores desta especie...  
Liberdades poeticas!... Cousas do seculo

XIX, o seculo das luzes! O illustre doutor era poeta, gostava dos versinhos semi-eroticos, como *Amor e Medo*, e não tinha suas grandes aversões ao deus das uvas. Era um *Falstaff* mais civilisado, um *D. João* sem rheumatismo, um D. Cesar menos romantico e apenas um pouco mais escrupuloso, emfim um *Mephistopheles*, nascido como nós outros; um desses que hoje se chamam pandegos, mas que muitos pais de familia desejariam dar-lhes uma *fomentação* de quiri, e alem de tudo nera um homem capaz de organizar um ministerio, politico de força; agora, tinha só um defeito, era ser *vira-casaca*, mas a isto oppunha-se o bom gosto de preferir a litteratura ás Ordenações do Reino.

## XVII

... *E o Antonio Correia Calheiros.*

(Acto IV, scena I)

Existiu realmente e ganhou 400\$000 porque descobriu o Padre Tenorio. Vid *Diccionario Biographico dos Pernambucanos* celebres, na biographia de Pedro de Souza Tenorio.

## XVII

Acto IV, scena VIII. (*Entra Luiz do Rego, etc.*)

Tambem como em a nota XIV, estes patriotas não foram presos juntamente.

## XIX

(Acto V, scena VI)

Henriques foi enforcado no dia 5 de Julho de 1817 ao passo que os outros o foram no dia 10. Eu faço morrerem todos juntos para o bem do drama.



## ULTIMA VERBA

Eis concluida a minha obra. Talvez não passe de um grande conjuncto de asneiras; mas ao menos será um grande incentivo para os outros. A litteratura inspirada na Historia, como o faz Franklin Tavora, pelo menos traz uma grande utilidade, instrue deleitando. Eu aprendi muita cousa da Guerra dos Mascates, lendo o Matuto e o Lourenço daquelle autor.

Vae o meu livro correr mundo; diria melhor correr mãos. Tomemos agora um tom sentimental, demos um conselho ao pobrezinho que sahiu sem carta de protecção, simples e humilde sem ser bajulador:

— Vae, meu filho, vae. Se em teu caminho encontrares alguém que te mostre os defeitos e os censure acremente, mas com razão, abaixa humildemente a tua cabeça e corrige os teus erros. Mas se vires algum cão te arreganhando os dentes, não faças caso, porque “se fores atirar pedras a todos os cães que te ladram, nunca chegarás ao fim de tua viagem.” Quantas vezes te contemplando, não te achei defeituoso e quasi que commetto um infanticidio! Mas tambem quasi sempre te achei perfeito e formoso; são orgulhos de pai; é como o môcho de Lafontaine.

Ha neste mundo a quem deves muito; e são: 1.º a teu pai que te gerou; 2.º a teus avós, os pais de teu pai, que guiaram para o bem o teu progenitor e concorreram com a tuas despesas de roupa – a impressão; 3.º aos teus tios e tias que sempre animaram teu pai; 4.º a dous amigos deste que o acolheram; 5.º a teu *alfaiate* – o impressor, que mostrou-se cuidadoso comtigo; 6.º finalmente a aquelles que ensinaram o autor dos teus dias a viver neste mundo, quér fazendo-o soffrer, quér fazendo-o rir. Se te acolherem bem, rirei contente, se te matarem, ou se ficares como *Alceste*, longe do mundo, escondido nas estantes das livrarias; apenas duas lagrimas de teu pai é o que poderás ter como conforto na desgraça.

Acceita uma benção de

Teu pai que te estima,

METHODIO.

Recife, 5 de Junho de 1883.

Esta edição foi composta nas fontes Minion Pro e Bodoni MT com miolo sobre Pólen Bold 90 g/m<sup>2</sup> e capa em papel Supremo 250 g/m<sup>2</sup>, impressa pela Gráfica Triunfal e Editora Ltda – EPP, para a Editora Massangana, em 2017.



ISBN 978-85-7019-665-1

